



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Zhao LiangLiang

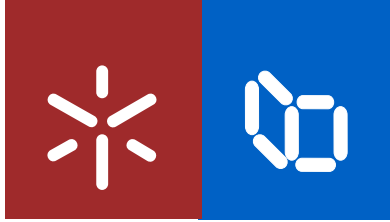
Aquisição do Objeto Nulo e dos Pronomes Clíticos por Falantes Chineses de Português Língua Segunda

Aquisição do Objeto Nulo e dos Pronomes Clíticos por Falantes Chineses de Português Língua Segunda

Zhao LiangLiang

UMinho | 2020

setembro de 2020



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Zhao LiangLiang

**Aquisição do Objeto Nulo e dos Pronomes
Clíticos por Falantes Chineses de Português
Língua Segunda**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Português Língua Não Materna: Português
Língua Estrangeira (PLE) e Língua Segunda (PL2)

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Cristina Maria Moreira Flores
e da
Professora Doutora Maria do Pilar Pereira Barbosa

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Agradecimento

Tenho-me dedicado à elaboração desta dissertação de mestrado durante os últimos dois semestres, chegando finalmente à sua conclusão. A realização do trabalho que agora se apresenta deve-se, em grande parte, ao apoio de todas as pessoas que estão ao meu redor. Assim, quero particularmente dar-lhes os meus sinceros agradecimentos.

Às excelentes orientadoras, Professora Doutora Cristina Flores, que me inspirou sobre o tema da dissertação, me forneceu os materiais do teste experimental e me deu sempre confiança; e Professora Doutora Pilar Barbosa, que comigo partilhou generosamente os seus conhecimentos e demonstrou paciência nos comentários e correções da tese.

A todos os professores que muito me ensinaram no decurso do mestrado, Professora Micaela Moreira, Professora Ana Ribeiro, Professor José Teixeira, Professor António Silva, Professor Gama Manuel, Professor José Carvalho e Professora Aldina Marques. Foram eles quem alargaram os meus horizontes académicos e me levou a alimentar as capacidades indispensáveis para a investigação profissional.

Aos meus colegas do mestrado, An Qi, Ashley Danaia, Chen Xi, Ci Yumo, Feng Yi, Taisa Santana e Veronica Francesconi, pela amizade e pelo apoio prestado.

Aos meus grandes amigos, Feng Wanli, Joana kou, Nádia Canceiro e Zhou Jiahui, que relaxaram o meu *stress* psicológico e me motivaram para prosseguir o caminho do estudo.

A todos os participantes do teste experimental, pelo auxílio dispensado na recolha dos dados.

Aos meus estimados pais, pelo apoio incondicional e espiritual. Sem eles, não seria possível alcançar esta minha meta.

Ao meu estimado irmão que, esteja onde estiver, se lembra sempre de mim. Espero que consiga tirar uma boa nota e entre na escola secundária que deseja.

Finalmente, a todos os trabalhadores que têm assegurado a saúde social e o regular funcionamento da sociedade.

Vai ficar tudo bem!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Aquisição do Objeto Nulo e dos Pronomes Clíticos por Falantes Chineses de Português Língua Segunda

Resumo

O presente estudo visa investigar a aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos por falantes chineses de português língua segunda (PL2). O português europeu (PE) é uma língua com objeto nulo e dotada de um complexo sistema de pronomes clíticos, ao passo que o chinês mandarim (CM) é também uma língua com objeto nulo, mas sem pronomes clíticos.

De facto, o objeto nulo do PE diverge do objeto nulo do CM tanto em termos sintático-discursivos como semânticos. Segundo algumas propostas teóricas, o objeto nulo do PE deve estar ligado a um tópico nulo situado na periferia esquerda da frase, o qual retoma um antecedente imediatamente acessível no discurso precedente (Raposo, 2004; Sigurðsson, 2011). Em contrapartida, o objeto nulo em MC é bastante livre. Não precisa de estar ligado no interior da frase, ao contrário do PE, e é preenchido semanticamente via *LF-copying* (Li, 2014).

Analisando três grupos de falantes chineses, organizados segundo o seu nível de proficiência em PE, e um grupo de controlo de português língua materna (PL1), aplicou-se um teste experimental de produção induzida adaptado de Rinke, *et al.* (2019). Esta pesquisa tem como os principais objetivos: (i) analisar as estratégias de referência do objeto por aprendentes chineses de PL2 e por falantes nativos; (ii) explorar a restrição da animacidade na omissão do objeto para tais participantes; e (iii) observar o efeito do desenvolvimento linguístico em aprendentes chineses, comparando-as às ocorrências em crianças de PL1, em relação ao objeto nulo e aos pronomes clíticos.

Os resultados mostram que a aquisição do objeto nulo apresenta um certo desenvolvimento linguístico, tal como sucede no processo de aquisição do PL1, enquanto a aquisição dos clíticos apresenta uma tendência para o aumento mas se desenvolve muito lenta. Constatou-se que a estratégia do recurso a SNs (ou, a estratégia de evitação dos clíticos) ocorrem durante a aquisição de PL2 para os falantes chineses. Ademais, confirma-se o efeito da língua materna na aquisição do PL2.

Palavras-chave: aquisição de português língua segunda; objeto nulo; pronomes clíticos; propriedade semântica; propriedade sintático-discursiva

Acquisition of the null object construction and clitic pronouns by Chinese speakers

Portuguese as a Second Language

Abstract

This study aims to investigate the acquisition of the null object construction and clitic pronouns by Chinese speakers Portuguese as a Second Language (PL2). While European Portuguese (henceforth EP) is a language with null object and a complex system of clitic pronouns, Mandarin Chinese (MC) is also a language with null object but with no clitic pronouns.

In fact, the null object in EP differs from that of MC in both syntactic-discursive and semantic terms. In EP the null object should be linked to an element in the left periphery of the sentence, which takes an antecedent that is immediately accessible in discourse (Raposo, 2004; Sigurðsson, 2011). In contrast, the null object in MC is quite free. There is no need for it to be linked to an element within the sentence, as in EP, and its content is retrieved via LF-copying (Li, 2014).

Analysing three Chinese groups classified by EP proficiency and one control group of Portuguese as a native language (PL1), an experimental test of induced production is applied by Rinke, *et al.* (2019). The main objectives are therefore: i) to analyse the object reference strategies by Chinese PL2 learners and native speakers; ii) to explore the restriction of animacy on the null object construction for such participants; iii) to observe the effect of linguistic development in Chinese learners, compared with children of PL1, in regard to the null object and the clitic pronouns.

The results show that the acquisition of the null object construction presents a certain linguistic development, as it does in the process of acquisition of PL1, while the acquisition of clitics shows a tendency to increase but develops very slowly. The data confirm that the strategy of using NPs (or, the strategy of avoiding clitics) appear in the acquisition of PL2 for Chinese speakers. In addition, the effect of the native language on the acquisition of PL2 is confirmed.

Keywords: acquisition of Portuguese as a Second Language; clitic pronouns; null object; semantic property; syntactic-discursive property

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	3
Secção I - Teorias do objeto nulo e dos pronomes clíticos.....	3
1.1 Conceitos teóricos sobre objeto nulo	3
1.1.1 Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky & Lasnik, 1993).....	3
1.1.2 Representação lógica e representação fonética	4
1.1.3 As categorias vazias	6
1.2 Estrutura interna do SV	9
1.2.1 Argumentos e complemento direto	10
1.2.2 A deslocação do SN.....	10
1.3 O objeto nulo	13
1.3.1 Correferência do objeto nulo.....	14
1.3.2 Objeto nulo vs. Elipse parcial do predicado.....	15
1.4 Os pronomes clíticos.....	16
1.4.1 Correferência do pronome clítico	18
1.5 Natureza do objeto nulo em PE e em CM	19
1.5.1 Objeto nulo é uma variável?.....	19
1.5.2 O objeto nulo é <i>pro</i> ?.....	21
1.5.3 O objeto nulo é resultado de uma elipse?	22
1.5.4 O objeto nulo é uma categoria verdadeiramente vazia?	26
Secção II - Propriedades de objeto nulo e clítico em PE e em CM	28
1.6 Propriedades sintático-discursivas	28
1.6.1 Um modelo unificado para o objeto nulo.....	29
1.6.2 Referente do objeto nulo em PE	30
1.6.3 Referente do objeto nulo em CM	32
1.7 Propriedades semânticas	35
1.7.1 Classificação da animacidade.....	35
1.7.2 Hierarquia referencial em PE	36

1.7.3 Hierarquia referencial em CM	42
Capítulo II - Aquisição da Língua Segunda	47
Secção I - Aquisição da linguagem	47
2.1 Gramática universal e língua materna	47
2.2 Influência da L1	48
2.2.1 Hipótese da transferência	49
2.2.2 Resultados da transferência	50
2.2.3 Interlíngua	50
2.3 Interface	52
Secção II - Aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos em L1 e PL2.....	54
2.4 Aquisição de PL1	54
2.5 Aquisição de CL1	57
2.6 Aquisição de PL2	59
Capítulo III O Presente Estudo.....	62
3.1 Objetivos.....	62
3.2 Questões e hipóteses	63
3.3 Metodologia	65
3.3.1 Participantes	65
3.3.2 Teste de proficiência linguística em PE.....	67
3.3.3 Teste de produção induzida	69
Capítulo IV - Resultados e Discussão	76
Secção I - Resultados	76
4.1 Resultados globais	76
4.1.1 Correlação entre Respostas e DIALANG	76
4.1.2 Distribuição das respostas por grupo e por condição	77
4.2 Análise dos dados por condição	80
4.2.1 Condição A – referente não acessível, inanimado	80
4.2.2 Condição B – referente acessível, inanimado	81
4.2.3 Condição CD – referente acessível, animado.....	83

4.3 Análise dos dados por grupo	86
Secção II - Discussão.....	92
4.4 Discussão geral	92
4.5 Discussão relativa às hipóteses	95
Conclusão	107
Referências	109
Anexo 1	115
Anexo 2.....	123
Anexo 3.....	125

Lista de tabelas

Tabela 1. Classificação de SNs	8
Tabela 2. A distribuição dos pronomes clíticos acusativos.....	17
Tabela 3. Os dados sobre a animacidade em PE.....	40
Tabela 4. Classificação da proficiência linguística em PE.....	68
Tabela 5. resultados dos grupos no teste de proficiência lexical	68
Tabela 6. Condições do teste experimental de produção induzida	74
Tabela 7. Tabulação cruzada geral: respostas * grupo * condições.....	78
Tabela 8. Tabulação cruzada sobre condição C e D respostas * grupo * condições	91
Tabela 9. Diferença entre o total de respostas do nível elementar e do intermédio	103
Tabela 10. Comparação das respostas entre diferentes L1s.....	103
Tabela 11. Comparação entre falantes chineses de francês L2 e de PL2.....	105

Lista de figuras

Figura 1. Hipótese da Transferência Completa e do Acesso Completo	49
Figura 2. O padrão de divisão do traço [animacidade].....	69
Figura 3. Exemplo de imagens.....	70
Figura 4. Exemplo do objeto inanimado e inacessível imediatamente.....	71
Figura 5. Exemplo do objeto inanimado e acessível imediatamente	72
Figura 6. Exemplo do objeto humano e acessível imediatamente.....	73
Figura 7. Exemplo do objeto animado e acessível imediatamente.....	73

Lista de gráficos

Gráfico 1. Resultados relativos às respostas na condição A.....	80
Gráfico 2. Resultados relativos às respostas na condição B	82
Gráfico 3. Resultados relativos às respostas na condição CD.....	84

Gráfico 4. Resultados relativos às respostas para grupo elementar	86
Gráfico 5. Resultados relativos às respostas para grupo intermédio	87
Gráfico 6. Resultados relativos às respostas para grupo avançado	88
Gráfico 7. Resultados relativos às respostas para grupo de controlo	89
Gráfico 8. Resultados relativos às respostas nas condições C e D para todos os grupos.	92
Gráfico 9. Comparação da taxa de produção de objetos nulos entre PL2 e PL1	98
Gráfico 10. Comparação da taxa de produção de clíticos entre PL2 e PL1	99

Siglas e abreviatura

AE = elipse do argumento (argument ellipsis)

CL1 = chinês língua materna

CLLD = deslocação à esquerda clítica (clitic left dislocation)

CLn = vinculador-C/Edge (C/Edge-linker)

CM = chinês mandarim

D = núcleo do sintagma de determinante

DOM = marcação diferencial do objeto (differential object marking)

DP = sintagma de determinante (determiner phrase)

Estrutura-P = estrutura profunda (deep structure)

Estrutura-S = estrutura de superfície (surface structure)

Expressões-R = expressões referenciais

FT/FA = hipótese da transferência completa e do acesso completo (full transfer and full access)

GU = gramática universal

HI = hipótese de interface

IL = interlíngua

L1 = língua materna

L2 = língua não materna

LAD = dispositivo de aquisição da linguagem (language acquisition device)

LF = representação de forma lógica (logical form)

PB = português brasileiro

PE = português europeu

PF = representação de forma fonética (phonetic form)

PL1 = português língua materna

PL2 = português língua segunda

PPT = teoria de princípios e parâmetros (principles and parameters Theory)

QECR = Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

SN = sintagma nominal

SP = sintagma preposicional

SV = sintagma verbal

TEC = categoria verdadeiramente vazia (true empty category)

Tópico A-S = tópico *aboutness-shift* (aboutness-shift topic)

Introdução

O fenómeno do objeto nulo é bastante estudado e discutido na literatura em várias línguas. Segundo a teoria da Estrutura Profunda (Chomsky, 1965), o objeto nulo é considerado como a omissão do objeto direto, mantendo uma representação lógica, mas sem representação fonética.

Veja-se os seguintes exemplos:

- a. O João leva [-] à Ana. ([-] = o pão) (português)
- b. Zhangsan dài [-] gěi Lisi le. ([-] = o pão) (mandarim)
- levar para já-ASP
- Zhangsan já leva [-] a Lisi.

Como demonstrado nos exemplos (a) e (b), o português europeu (PE) e o chinês mandarim (CM) são duas línguas que permitem a construção de objeto nulo. Com base na teoria das categorias vazias (Chomsky, 1982), Huang (1984) considera o objeto nulo em mandarim como uma variável ligada a um operador de tópico que em si próprio é nulo. Já Raposo (2004) considera que o objeto nulo em PE é um *pro* licenciado pelo determinante e movido para a periferia esquerda da frase em que esteja próximo do antecedente. Num trabalho mais recente sobre o objeto nulo em CM, Li (2014) sugere que o objeto nulo é uma categoria verdadeiramente vazia e recuperada semanticamente via *LF-copying*. Por conseguinte, a natureza do objeto nulo nas duas línguas referidas é distinta.

Além disso, há uma outra diferença entre o PE e o CM. PE possui pronomes clíticos de terceira pessoa. Pelo contrário, o CM não possui formas pronominais clíticas (Zhang, 2018).

Em geral, a construção de objeto nulo em ambas as línguas envolve propriedades sintático-discursivas (por exemplo, em termos de acessibilidade) e semânticas (como a animacidade), as quais influenciam relevantemente a possibilidade da sua omissão ou da sua recuperação. Além disso, no caso de PE, os pronomes clíticos são também restritos pelas propriedades mencionadas. Por outras palavras, tais propriedades poderão distinguir a realização do objeto nulo da dos clíticos no PE (Schwenter, 2014), ao passo que, em CM, poderão diferenciar a disponibilidade da produção do objeto nulo.

Através de uma comparação entre as duas línguas, verificar-se-á que, em PE, a omissão do objeto é tipicamente sensível aos traços de acessibilidade e animacidade, em linha com a teoria de acessibilidade (Ariel, 1991) e a proposta de hierarquia referencial (Cyrino, *et al.*, 2000). Ao contrário do que sucede no PE, parece que o objeto nulo em CM não apresenta tanta sensibilidade aos traços já

referidos. Isso deve-se, provavelmente, a uma diferença subjacente entre as duas línguas: o PE é orientado para a frase, enquanto o CM é orientado para o discurso (Huang, 1984).

Com efeito, verifica-se que, em contexto de aquisição de L2, uma construção de objeto nulo que envolva propriedades de interface, como sucede em PE e CM, é mais difícil de ser adquirida na totalidade (Sorace & Filiaci, 2006). Concomitantemente, este é um domínio onde se pode manifestar a influência da língua materna. Por conseguinte, torna-se bastante pertinente investigar a aquisição do PE como língua segunda relativamente a construções com objeto nulo e pronomes clíticos por falantes chineses, cuja língua materna apresenta um objeto nulo distinto do PE e não tem clíticos.

Assim, o presente estudo visa analisar as estratégias de referência do objeto por aprendentes chineses e por falantes nativos. Visa, ainda, explorar uma eventual restrição semântica de animacidade na omissão do objeto para tais participantes; e observar o efeito do desenvolvimento linguístico em aprendentes chineses, comparando-as com as ocorrências em crianças de PL1 (Flores, Rinke, & Sopata, 2020), em relação ao objeto nulo e aos pronomes clíticos.

Com base nisso, a metodologia de investigação adotada neste estudo é um teste experimental de produção induzida, reaplicado do estudo de Rinke, Flores e Sopata (2019) a aprendentes chineses adultos que adquirem o PE como sua língua segunda e a falantes monolíngues adultos de PE.

Finalmente, em termos da estrutura, o presente estudo encontra-se dividido em quatro capítulos.

O primeiro capítulo subdivide-se em duas secções: na primeira, faz-se uma revisão simples da literatura sobre as teorias e estruturas sintáticas do objeto nulo e dos pronomes clíticos, sintetizando as propostas teóricas quanto à natureza do objeto nulo em PE e em CM; na segunda, clarificam-se as semelhanças e diferenças em relação às propriedades envolvidas, como as de acessibilidade e de animacidade, no objeto nulo e nos pronomes clíticos nas duas línguas. No segundo capítulo, também se encontrarão duas secções: na primeira, fazem-se as descrições teóricas sobre em particular a aquisição de uma língua segunda; na segunda, descrevem-se as observações dos trabalhos empíricos em termos de aquisição do objeto nulo e dos clíticos. O terceiro capítulo foca-se no levantamento das hipóteses e na apresentação do presente teste experimental. Por fim, o quarto capítulo descreve os resultados do teste e faz a sua discussão.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

O presente capítulo pretende descrever e sintetizar as principais teorias sobre o objeto nulo e os pronomes clíticos, clarificando as semelhanças e diferenças entre o PE e o CM em relação às propriedades e natureza do objeto nulo e dos pronomes.

Secção I - Teorias do objeto nulo e dos pronomes clíticos

A secção I do capítulo I encontra-se dividida em cinco subsecções. Na primeira, abordam-se as teorias básicas relativas à explicação sistemática do objeto nulo, em particular a Estrutura Profunda e as categorias vazias. Na subsecção seguinte, apresenta-se, de forma elementar, a estrutura interna de um sintagma verbal. Em particular, faz-se distinção entre a topicalização e a deslocação à esquerda clítica. Em 1.3 e 1.4, introduz-se a descrição sintática e os meios de interpretação, respetivamente, do objeto nulo e dos pronomes clíticos; por fim, descreve-se e discute-se a natureza do objeto nulo em PE e em CM.

1.1 Conceitos teóricos sobre objeto nulo

Esta secção divide-se em três pontos. Em primeiro lugar, abordam-se conceitos básicos acerca do funcionamento das línguas naturais, no quadro da teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981, 1995); em seguida, apresenta-se a arquitetura geral da gramática fazendo distinção entre a representação lógica e a fonética; por fim, esclarece-se a questão das categorias sintáticas sem realização fonética.

1.1.1 Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky & Lasnik, 1993)

Estabelecendo a vertente inatista (ou nativista, ou generativa) nos estudos linguísticos, Chomsky (1959, 1965) defende que o conhecimento linguístico é inato, determinado pela mente humana, e dependente da maturação cerebral. O autor assume que o dispositivo inatista explica a universalidade do processo de aquisição da linguagem. Universalmente, as crianças tendem a produzir sílabas repetitivas entre os 5 e 8 meses e começam a dizer as suas primeiras palavras entre os 10 e 12 meses. Apesar de o *input* das crianças poder ser muito diferente, crianças saudáveis atingem quase a mesma competência linguística num tempo limitado.

A partir daí, e no âmbito da gramática generativa, Chomsky (1959, 1965) propõe a existência de

uma Gramática Universal (GU) para dar conta do estágio inicial na aquisição da Língua Materna (L1). Segundo Chomsky (1975, p. 29), por GU entende-se “*the system of principles conditions and rules that are elements or properties of all human languages ... the essence of human languages*”.

Com base nisso, Chomsky e Lasnik (1993) propuseram a Teoria de Princípios e Parâmetros (*Principles and Parameters Theory* = PPT). Revelam, por um lado, que há um conjunto de princípios comuns a todas as línguas, codificado genética ou biologicamente, com o qual as crianças nascem, ou seja, estes princípios constituem as leis ou regras básicas do funcionamento das línguas naturais. Por outro lado, um conjunto finito de parâmetros determina a variabilidade sintática entre as línguas, ou seja, os parâmetros estão relacionados com as características próprias de uma língua natural. Com efeito, no âmbito da GU e da PPT, os princípios são fixos e universais, os parâmetros, por sua vez, são fixados de acordo com o *input* de cada língua natural.

1.1.2 Representação lógica e representação fonética

Chomsky (1965) propõe a existência de dois níveis de representação das frases de uma língua. O autor afirma o seguinte:

Consequently, the syntactic component of a grammar must specify, for each sentence, a deep structure that determines its semantic interpretation and a surface structure that determines its phonetic interpretation. The first of these is interpreted by the semantic component; the second, by the phonological component.

(Chomsky, 1965, p. 16)

Em suma, cada frase tem dois níveis de interpretação: uma Estrutura Profunda (*Deep Structure* = Estrutura-P) e uma Estrutura de Superfície (*Surface Structure* = Estrutura-S). No modelo de 1965, a Estrutura-P determina a interpretação semântico-lógica (ou, lógica) e a Estrutura-S determina a interpretação fonética. Mais especificamente, a interpretação semântico-lógica exibe a estrutura interna das frases e as principais relações semânticas entre os elementos de uma língua e, ao mesmo tempo, é mapeada na interpretação fonética. Por exemplo, ao considerar a frase “O João comeu uma maçã” e a respectiva passiva “Uma maçã foi comida pelo João”, parece que as duas frases têm a mesma interpretação semântico-lógica e usam praticamente as mesmas palavras, no entanto a sua forma de interpretação fonética é totalmente diferente.

Na versão da teoria dos anos oitenta, a arquitetura geral da gramática é a seguinte:

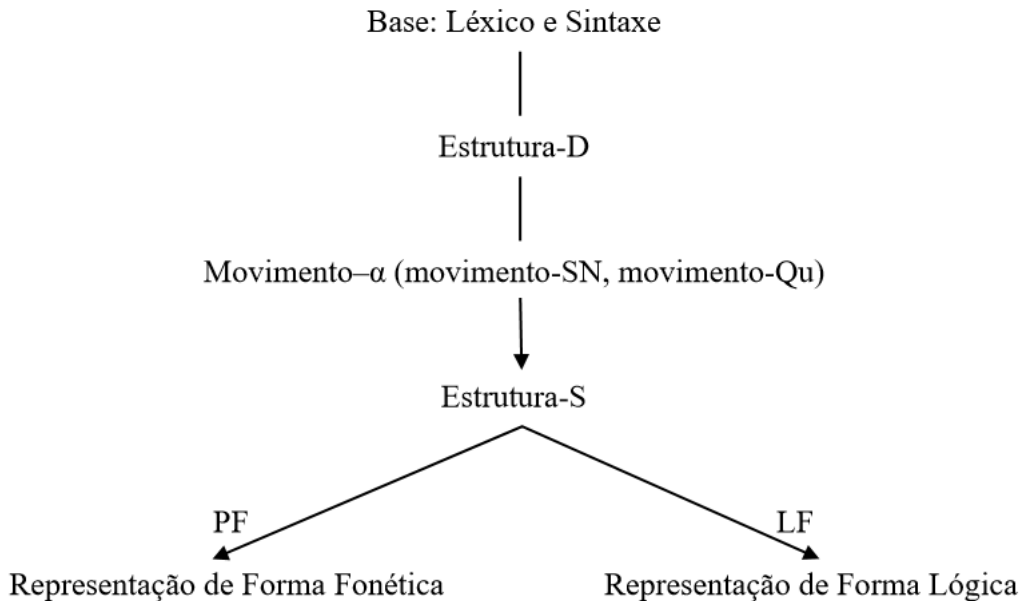


Diagrama: Estrutura Profunda

(Haegeman, 1991, p. 448)

Neste modelo, a Representação de Forma Lógica (*Logical Form* = LF) e a Representação de Forma Fonética (*Phonetic Form* = PF) não são obrigatoriamente idênticas na Estrutura-S. Isso quer dizer que muitas línguas naturais permitem a representação lógica sem representação fonética de determinadas unidades. Por exemplo, o CM, o Japonês, o Russo, o Hebraico e o PE permitem generalizadamente a omissão do objeto direto (Erteschik-Shir, Ibn-Bari, & Taube, 2013; Li, 2014; Raposo, 1986).

Relativamente à LF, Haegeman afirma:

LF is a level of syntactic representation, The LF representation of a sentence is not identical to the semantic representation posited by semanticists and logicians; it is an intermediate step between S-structure representations and the semantic representation of the type advocated by semanticists.

(Haegeman, 1991, pp. 444–445)

Assim, a LF é uma representação mental derivada principalmente da Estrutura-S, associada estritamente ao componente semântico, abstraída do sistema cognitivo, e correspondente à interface entre o componente sintático e o semântico. A LF existe na nossa mente para fazer com que uma frase

faça sentido, quase como uma ideia em que pensamos, mas que não expressamos para fora. Mas não se consegue negar a existência da lógica na mente. Com efeito, no fundo, a distinção entre a LF e a PF faz-se a nível sintático. Além disso, a representação de LF e a representação de Estrutura-S, em determinadas propriedades, são diferentes.

1.1.3 As categorias vazias

A consequência de uma expressão lógica sem expressão é a presença de elementos nulos a nível sintático. Chomsky (1981) propôs a noção de categoria vazia para designar os elementos nominais omitidos e discutiu a sua natureza e distribuição.

No início, Chomsky distingue 3 tipos de expressões nominais: Anáforas, Pronomes e Expressões Referenciais (Expressões-R).

Anáforas:

As anáforas são expressões nominais referencialmente dependentes de um sintagma nominal (SN) previamente mencionado, ou seja, a anáfora precisa de um antecedente local. Veja-se o exemplo (1) que contém um pronome recíproco.

(1) a. O João e a Ana criticam-se um ao outro.

b. *O João critica-se um ao outro.

Em (1a), a anáfora *um ao outro* refere-se ao seu antecedente *o João e a Ana* e, ao mesmo tempo, é ligada pelo SN plural. No entanto, a frase (1b) é agramatical, a mesma anáfora *um ao outro* não pode ser ligada pelo SN singular. Isto é, a anáfora deve ser ligada por um SN acessível.

Pronomes:

Pronomes são expressões nominais que podem ou não ter um antecedente na mesma frase. Veja-se o exemplo (2).

(2) O João_i diz que ele_{vi} vai tomar um café.

Em (2), o pronome *e/e* pode referir-se tanto ao antecedente sujeito da frase como a outra entidade diferente daquela que é designada por *o João*. Com efeito, os pronomes devem ser livres na sua categoria

de regência.

Expressões Referenciais:

Expressões-R são expressões nominais que têm referentes independentes e não precisam de antecedentes. Veja-se o exemplo (3).

(3) Ele_i diz que o João_{i/ri} vai tomar um café.

Em (3), o pronome *e/e* nunca se refere ao SN *o João* e pois não precisa de um antecedente. Portanto, as expressões-R são autônomas e livres.

Com base nas considerações referidas, Chomsky (1981) propôs a Teoria da Regência e da Ligação (*Government and binding Theory*), que propõe os seguintes três princípios de interpretação de SN:

i. Princípio A

Uma anáfora tem de ser ligada na sua categoria de regência.

ii. Princípio B

Um pronome tem de ser livre na sua categoria de regência.

iii. Princípio C

Uma expressão-R tem de ser livre em qualquer domínio.

(Haegeman, 1991, p. 221)

Segundo Chomsky (1982), os três tipos de SN por ele inicialmente propostos devem ser reconsiderados. A classificação dos SNs deve basear-se no traço [\pm anafórico] e [\pm pronominal], produzindo assim quatro possibilidades. Categorias que são sujeitas ao Princípio A são caracterizadas pelo traço [+ anafórico], enquanto categorias sujeitas ao Princípio B pelo [+ pronominal]. Da combinação destes traços, resultam os três tipos de SN acima mencionados. Os SNs sem matriz fonética são caracterizados de modo idêntico. A Tabela 1 resume esta classificação de SNs.

Tipos	não-omitido	Omitido
[+anafórico, -pronominal]	Anáfora	Vestígio-SN
[-anafórico, +pronominal]	Pronome	<i>Pro</i>
[-anafórico, -pronominal]	Expressão-R	Vestígio-Qu
[+anafórico, +pronominal]	_____	PRO

Tabela 1. Classificação de SNs

(Haegeman, 1991, p. 415)

Como se pode observar, elementos nulos como PRO e *pro* têm em comum o traço [+pronominal]. O *pro* só está presente com formas verbais finitas e em línguas com um sistema flexional rico, capaz de recuperar os traços de pessoa e número. Está, também, sujeito ao Princípio B da teoria da ligação. Veja-se o exemplo (4). O pronome *pro* que serve como sujeito na oração principal em (4a) ou em (4b) refere-se à 1.^a pessoa do singular, enquanto o *pro* que está na oração subordinada se refere à 2.^a pessoa do singular. Com base num sistema flexional rico, pode inferir-se que os dois *pro* são retomados por diferentes unidades.

(4) a. *pro* espero que *pro* puedas venir. (espanhol)

b. *pro* espero que *pro* possas vir. (português)

Por outro lado, PRO, como elemento nulo na posição de sujeito, apenas ocorre em orações infinitivas ou gerundivas. Na teoria da Regência e Ligação, assume-se que PRO é positivamente especificado para os traços [+anafórico], [+pronominal] e que essa é a razão pela qual nunca possui representação fonética. Veja-se os exemplos (5).

(5) a. O João saiu de casa PRO correndo.

b. O João quer PRO ir a casa.

O vestígio-SN e o vestígio-Qu são originados pelo movimento- α , como ilustrado acima no diagrama sobre Estrutura Profunda, estando presentes na Estrutura-S.

O vestígio-SN é um dos elementos nulos que surge como resultado da transformação do SN da Estrutura-P à Estrutura-S e tem de ter um antecedente. O seu antecedente ocupa uma posição argumental (posição-A). A relação entre o vestígio-SN e o seu antecedente e entre a anáfora e o seu

antecedente é igual e controlada pelo Princípio A. Veja-se o exemplo (6).

(6) [A maçã]_i foi comida [_{SN} ν]_i pelo João.

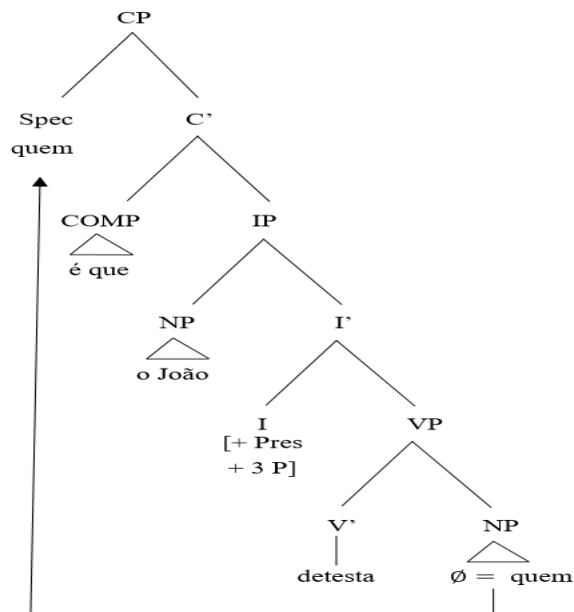
O vestígio-Qu, também designada variável, corresponde na Estrutura-D a constituintes-Qu, como SN, SP, etc. e é criado através do movimento-Qu em Estrutura-S. O antecedente do vestígio ocupa uma posição não-argumental (posição-A'). O vestígio-Qu, de acordo com o Princípio C, deve ser sempre livre, ou seja, possui os traços menos anafórico e menos pronominal. Veja-se o exemplo (7) e o diagrama (8):

(7) a. [_{IP} O João detesta [a Ana]_i.]

b. [_{CP} [_{Spec} Quem]_i é que [_{IP} o João detesta [e]_i] ?]

No diagrama (8), representa-se o movimento do sintagma-Qu da posição de objeto direto para a posição sintática de Spec,CP. Assim, o constituinte-Qu fica na periferia esquerda da frase.

(8)



1.2 Estrutura interna do SV

Esta parte divide-se em duas subsecções. Para começar, apresenta-se a estrutura sintática básica do Sintagma Verbal (SV), em particular, com verbos transitivos. Em seguida, descrevem-se as construções com deslocação do SN, a topicalização e a deslocação à esquerda clítica.

1.2.1 Argumentos e complemento direto

O SV contém os argumentos dependentes do verbo de uma frase. Os argumentos, por sua vez, representam as entidades a que se aplica um predicador para completar o sentido de uma frase. Veja-se o exemplo (9).

(9) O João leva o pão à Ana.

Como se observa acima, o predicador *levar* relaciona-se com as entidades que são representadas pelos SNs *o João* e *o pão*, e pelo Sintagma Preposicional (SP), como *à Ana*. Se se fizesse a omissão de todos os argumentos referidos, não se poderia formar uma frase, pelo menos uma que faça sentido em contexto neutro. Assim, é necessário combinar-se o predicador e os respectivos argumentos. Isto é, neste caso concreto, é necessário indicar quem leva, aquilo que é levado e a quem leva.

Do ponto de vista funcional, os argumentos classificam-se em dois tipos: sujeito e complementos. Como ilustrado em (9), *o João* é o sujeito gramatical e é o único sujeito da frase. Embora uma frase possa ter apenas um sujeito gramatical, ela pode ter vários complementos. Assim, destacam-se o complemento de objeto direto (ou, complemento direto, objeto direto), o complemento de objeto indireto (ou, complemento indireto, objeto indireto) e o complemento oblíquo. De acordo com Raposo (2013) e Brito (2003), o complemento direto é um SN, enquanto o complemento indireto é um SP cujo núcleo é a preposição *a*. Portanto, em (9), o objeto direto é o SN *o pão*, e o objeto indireto, o SP *à Ana*. Além disso, no caso do português, é possível substituir o complemento direto por um pronome na forma acusativa, e o complemento indireto por um pronome na forma dativa.

1.2.2 A deslocação do SN

De modo geral, o complemento direto é selecionado pelo predicador ou verbo transitivo, como ilustrado em (9), ficando à direita do verbo. Não obstante, a deslocação do SN pode acontecer em determinados contextos. Veja-se o exemplo (10).

(10) O pão, o João leva à Ana.

Verifica-se que o SN *o pão* em (10) ocorre na periferia esquerda da frase. Neste caso, o SN introduzido é movido, passando a tópico da frase.

1.2.2.1 Tópico marcado

No exemplo (10), o SN *o pão* é um tópico, sendo este “definido como a expressão linguística sobre que se diz alguma coisa” (Duarte, 2013, p. 401). Por outras palavras, o tópico é tema de uma asserção. No entanto, mais concretamente, há ainda que distinguir o tópico da frase do tópico do discurso.

Em primeiro lugar, relativamente ao tópico da frase, o SN *o pão* em (9) e (10) representa um constituinte argumental da frase, mas aparece em diferente posição sintática. Nessas mesmas frases, *o João* representa o sujeito gramatical. Com base nisso, apesar de *o pão* em (10) ficar na posição inicial da frase, não é o seu sujeito gramatical. Assim, frases como (10), em que o constituinte na periferia esquerda da frase que estabelece a predicação não é o sujeito da frase, designam-se construções de tópico marcado (Duarte, 2013).

Para saber se um determinado constituinte é um tópico de uma frase, pode utilizar-se um teste de topicalidade (Reinhart, 1982), que consiste na construção da paráfrase: alguém está a afirmar acerca de X que F', em que X é substituído pelo constituinte situado na periferia esquerda da frase, e o símbolo F é substituído pelo resto da frase. O resultado da aplicação do teste referente à frase (10) está ilustrado em (11).

(11) Está-se a afirmar acerca do pão que o João leva à Ana.

Verifica-se que (10) e (11) são equivalentes a nível semântico. Assim, conclui-se que *o pão* é o tópico da frase (10).

Considera-se, agora, o tópico do discurso ou tópico pragmático. Pode-se compreender tópico pragmático como uma pergunta sobre aquilo de que se fala principalmente no discurso ou como a sintetização do conceito essencial do contexto (Krifka, 2001). Assim, veja-se o exemplo (12) adaptado de Krifka (2001, p. 1).

(12) O João é uma pessoa muito experiente e paciente, mas atrasa-se sempre.

Krifka (2001) observa que o tópico da frase é *o João*, enquanto o tópico pragmático é a consciência temporal do João. Com efeito, é possível que não haja identidade entre o tópico frásico e o pragmático.

Concretamente, na perspetiva cognitiva, considera-se que o tópico do discurso é uma entidade imediatamente acessível no discurso: “*an entity that resides in the focus of attention is most accessible because it is selected for the next cognitive task ... and because it is in the ‘spotlight’ and immediately*”

accessible in our mental representation of discourse" (Pu & Pu, 2014, p. 31).

Considere-se o seguinte diálogo, em que o SN *o pão* designa um objeto saliente quer no contexto pragmático quer no diálogo:

(13) [Um pão está na mesa, a mãe aponta para o pão e pergunta ao pai.]

- a. -O pão, o João leva à Ana?
- b. -sim, leva [-] à Ana. ([-] = o pão)

Em (13a), o SN *o pão* é o tópico frásico. Por outro lado, no mesmo contexto, poderá utilizar-se uma pergunta com *fazer a* (Brito, 2003) para identificar o tópico pragmático. Por exemplo, se substituirmos (13a) por *O que é que o João faz ao pão?*. A resposta poderá ser também *Leva à Ana*. Assim, conclui-se que *o pão* é o tópico do discurso neste diálogo, apesar de não ser um tópico sintático.

1.2.2.2 A topicalização do SN

De acordo com Duarte (2013), os tópicos marcados são deslocados da posição de argumento interno para a posição relevante da periferia esquerda da frase, num processo denominado topicalização. Em termos de topicalização, o tópico marcado pode ser um SN, um SP ou um sintagma adjetival, entre outros. No entanto, neste estudo, apenas se discute a topicalização à esquerda do SN. Para facilitar a leitura, repetem-se abaixo os exemplos (9) e (10).

(9) O João leva o pão à Ana.

(10) O pão, o João leva [-] à Ana.

O SN *o pão* em (9) respeita a seleção do seu predicador e o SN *o pão* em (10) também, isto é, o tópico marcado tem uma forte ligação com o seu predicador. Comparando (9) e (10), a maior diferença entre os dois exemplos é que, em (10), o SN está deslocado e deixa uma categoria sem realização fonética na posição de complemento direto no comentário. Por outras palavras, o tópico marcado da frase em (10) é interpretado como o complemento direto do verbo *levar*.

A par de (10), também é possível construir a frase (14), em que o tópico marcado *o pão* é retomado pelo pronome clítico *-o*.

(14) O pão, o João leva-o à Ana.

Este tipo de construção denomina-se deslocação à esquerda clítica (*Clitic Left Dislocation* = CLLD).

Segundo Duarte (2013), há uma ligação gramatical muito forte entre o tópico e o respetivo pronome clítico, que é o complemento direto. Por conseguinte, quer a categoria vazia em (10) quer o pronome clítico em (14) têm a mesma função: a retoma do tópico marcado.

Conclui-se que se deve distinguir a topicalização da deslocação à esquerda clítica em determinados contextos. Discute-se mais concretamente a correferência dos pronomes clíticos em 1.4.

Comparando agora o PE com o CM, verifica-se que a estrutura da topicalização também existe em CM, como ilustrado em (15a) e (15b), que é adaptado de Li e Thompson (1981, p. 96):

(15)

a. miànbāo, João dài gěi [-] Ana le.
 pão levar para já-ASP

O pão, o João leva à Ana.

b. nàchǎng huǒ, xīnkuī xiāofángduì lái de zǎo.
 aquele fogo, fortunosamente corpo de bombeiros vir cedo

Aquele fogo, fortunadamente o corpo de bombeiros vieram cedo.

Observa-se que (15a) tem a mesma estrutura de (10). A posição vazia liga-se ao tópico marcado que é selecionado pelo predicador. No entanto, em (15b), o tópico não tem nenhuma relação a nível sintático com o comentário. Isto é, em CM, a estrutura tópico-comentário não exige conectividade sintática, o que é uma característica das línguas orientadas para o discurso (Huang, 1984; Li & Thompson, 1981), por oposição às línguas orientadas para o sujeito, como o PE.

1.3 O objeto nulo

Nesta secção descreve-se a construção de objeto nulo, a sua interpretação, e procede-se à distinção sintática entre objeto nulo e elipse parcial do predicado.

O objeto nulo ocorre em português em enunciados como o ilustrado no diálogo apresentado em (16), considerando o registo da língua oral e da língua escrita.

(16) a.- Então, *o pão*?

b.- O João leva [-] à Ana. ([-] = o pão)

O complemento direto do verbo *levar*, o SN *o pão*, é omitido na resposta (16b). Para além disso, não há, na resposta, um antecedente linguístico que retome a sua referência. No entanto, essa posição vazia pode ser interpretada pela referência idêntica ocorrida em (16a), que está em itálico. Assim, em (16b) faz-se a omissão do complemento direto do predicador, mas ainda se consegue recuperar a sua referência. Ao objeto omitido dá-se o nome de objeto nulo (Brito, 2003; Duarte & Costa, 2013).

Comparando o exemplo (10) com (16b), a diferença entre a construção de topicalização e a construção de objeto nulo está em que, de algum modo, o tópico é realizado foneticamente na topicalização, enquanto na construção de objeto nulo está omitido. Assim, surge a questão de saber se a omissão do tópico na topicalização dá lugar à construção de objeto nulo. Raposo (2004) afirma que as propriedades sintáticas e semânticas das duas estruturas são iguais; em contrapartida, Duarte (1987) faz uma distinção entre as duas construções.

1.3.1 Correferência do objeto nulo

Veja-se uma frase como *o João leva à Ana*. Ela levanta imediatamente a questão acerca de *o que é que o João leva à Ana*. A partir daí, conclui-se que a construção de objeto nulo só é aceite por falantes quando a sua referência pode ser identificada, ou seja, o que é mais importante para a construção de objeto nulo é a recuperação da sua referência por algum meio.

Em primeiro lugar, como se vê em (16), a omissão do objeto direto pode ser recuperada por um antecedente previamente mencionado no discurso. Considera-se que esse antecedente introduz um tópico discursivo. Para além disso, o objeto nulo pode ser interpretado por um antecedente situacional, como se ilustra em (17):

(17) [A mãe aponta para um livro e pergunta ao Pedro.]

a.- Requisitaste [-] na biblioteca?

b.- Sim, requisitei. ([-] = o livro)

Neste caso, o referente do objeto omitido é recuperado pela representação mental obtida com o gesto de apontar para o livro. Assim, *o livro* em (17) é um tópico situacional.

Em terceiro lugar, o objeto omitido pode ser recuperado por um antecedente linguístico na mesma oração, como mostrado em (18).

(18) O João leva o pão à Ana e o Pedro também leva [-] à Maria. ([-] = o pão)

Embora o referente do objeto nulo possa ser identificado por meio de um antecedente linguístico, pode, às vezes, haver ambiguidade. Assim, no exemplo (19), o dinheiro gasto pela Maria pode ser o dinheiro que o Pedro escondeu no armário (leitura estrita) ou o dinheiro da própria Maria (leitura imprecisa)

(19) O Pedro escondeu o dinheiro no armário, mas a Maria gastou [-] na feira

(Cyrino, 2018, p. 230)

Relativamente à recuperação da referência do objeto nulo em CM, também é possível recuperar o objeto omitido das três formas referidas acima (Huang, 1984; Li, 2014).

Em síntese, o constituinte omitido na construção de objeto nulo pode ser anaforicamente recuperado por um antecedente pragmático ou linguístico. O objeto nulo definido é sempre anafórico.

1.3.2 Objeto nulo vs. Elipse parcial do predicado

Considere-se os seguintes exemplos:

(20) a. O João leva o pão à Ana?

b. Sim, leva [-].

c. Não, leva [-] ao Pedro.

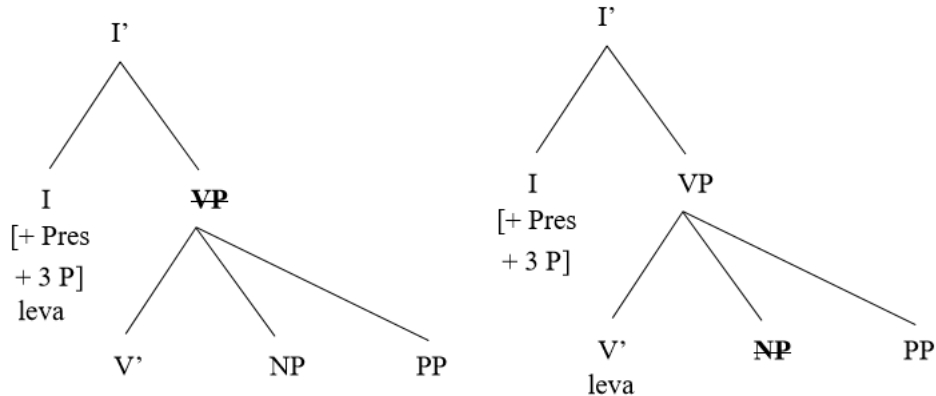
As frases (20b) e (20c) são aceitáveis como respostas a (20a) em PE. No entanto, tanto o complemento direto como o complemento indireto estão omitidos em (20b), enquanto em (20c) apenas se omite o complemento direto. Uma vez que, na construção de objeto nulo, se omite tipicamente apenas o complemento direto nominal do verbo, (20c) é um caso de objeto nulo; em contrapartida, (20b) ilustra um outro tipo de elipse, no qual se elidem todos os constituintes do SV (Duarte & Costa, 2013; Raposo, 1986).

Para melhor compreender este segundo tipo de elipse é necessário perceber que, em PE, o verbo se eleva para Infl deixando vazia a sua posição no interior do SV. Assim, assumindo que, em (20b), o verbo está em Infl, é possível propor que o que é elidido neste exemplo é, na realidade, todo o SV. É por esta razão que a este segundo tipo de elipse se dá o nome de elipse do SV (= *VP ellipsis*). O exemplo (20b) é analisado da seguinte forma (assinala-se o material elidido por meio de rasura):

• [IP Ø [I' [, leva_i] [_{SV} [_{V'} [_{SH} o livro] [_{SP} à Ana]]]]]

O diagrama que se segue contém a representação em árvore dos dois tipos de elipse.

Diagrama: A construção comparativa entre elipse de *VP* e objeto nulo



A estrutura de elipse do *VP ellipsis*

A estrutura do objeto nulo

Há enunciados que são potencialmente ambíguos, o que não nos permite distinguir a construção de objeto nulo da elipse do SV. É o caso do exemplo (21).

(21) a. O João viu o filme?

b. Viu [-].

De acordo com análise referida acima, o único SN *o filme* está omitido no SV. No entanto, também podemos considerar estar perante a elisão de todo o SV. Assim, é difícil distinguir os dois tipos de elipse a partir de (21b). Segundo Duarte e Costa (2013), ambos podem ocorrer num caso como (21).

Em síntese, o constituinte omitido na construção de objeto nulo corresponde tipicamente ao complemento direto do verbo, e, para além disso, nesta construção apenas o SN se omite do SV.

1.4 Os pronomes clíticos

Nesta parte, introduzem-se as propriedades gerais dos pronomes clíticos, sua forma, e funções sintáticas e semânticas.

As formas clíticas são unidades lexicais não acentuadas ou átonas. Entre as formas átonas do PE contam-se certas preposições, conjunções, as formas do artigo definido, e ainda os pronomes átonos. Estes são também designados 'clíticos especiais' (Matos, 2003), na medida em que ocupam uma posição diferente da dos pronomes tónicos, ligando-se ao verbo em posição pré ou pós verbal.

Por um lado, "os pronomes clíticos correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome

peçoal que ocorrem associadas à posição dos complementos dos verbos” (Matos, 2003, pp. 826–827). Isso quer dizer que, embora os clíticos com conteúdo argumental não ocupem uma posição argumental, ou uma posição de sintagma, estão associados a posições argumentais (Matos, 2003). Por outro lado, Matos (2003) afirma que, embora estejam num processo de evolução semelhante ao dos afixos, os clíticos gramaticalizados não são realmente afixos. O padrão de colocação dos pronomes clíticos, sob a condição de negação, por exemplo, é pré-verbal. Enquanto os afixos possuem uma posição fixa, os clíticos aparecem ligados ao seu hospedeiro verbal, mas a sua posição é variável consoante o contexto.

Em conclusão, os pronomes clíticos estão associados a posições argumentais dos verbos ou predicadores, mas não ocupam uma posição argumental da oração, nem são afixos.

Os pronomes clíticos acusativos são de especial interesse no contexto desta tese. De acordo com a pessoa gramatical, os pronomes clíticos acusativos variam como indicado na tabela (2)¹. Este estudo concentra-se principalmente nos clíticos acusativos de 3.^a pessoa.

Tabela 2. A distribuição dos pronomes clíticos acusativos

Pessoas gramaticais	Acusativo
1.^a singular	me
2.^a singular	te
3.^a singular	o/a ²
1.^a plural	nos
2.^a plural	vos
3.^a plural	os/as

No caso do CM, a existência de pronomes clíticos gera discussão. Segundo Spencer & Luís (2012), os clíticos em CM correspondem às palavras vazias (XuCi). Ao contrário das palavras cheias³ (ShiCi), as palavras vazias carregam uma função gramatical (Zhang, 2018), como ilustrado em (22).

(22) a. miànbão, João dàì gěi [-] Ana /e.
 pão, João levar para Ana já-ASP
 O pão, o João já leva [-] à Ana.

¹ Adaptado de Matos (2003, p. 827).

² O clítico acusativo da 3.^a pessoa pode alterar-se para *-lo*, *-la*, *-no*, ou *-na* de acordo com regras fonéticas.

³ Desempenham os seus conteúdos semânticos e geralmente referem-se a uma entidade. (Zhang, 2018)

b. miànbāo, João dài gěi /e [-] Ana.

pão, levar para já-ASP

c. miànbāo, João dài /e gěi [-] Ana.

pão, levar já-ASP para

Em (22), /e (了⁴) que está em itálico, é uma palavra vazia e talvez seja um clítico. Observa-se, em primeiro lugar, que /e não tem tom acentuado, ao passo que as outras palavras cheias têm quatro tons, e, em seguida, que a posição sintática de /e é bastante flexível, podendo, tipicamente, estar no final da frase como em (22a), ou no final dos grupos verbais como em (22b) (Zhang, 2018), enquanto em (22c) é marginal pois /e posiciona-se no interior dos grupos verbais, o que poderá ser possível em certos contextos.

Por conseguinte, em comparação com os clíticos de PE, verifica-se que, por um lado, a nível fonológico, os clíticos de PE são produzidos em dependência dos verbos adjacentes, mas em mandarim não; por outro lado, a nível sintático, os chamados “clíticos” em mandarim servem como partículas interrogativas, partículas de conclusão de uma ação, etc., de forma a representar uma ação perfeita (Spencer & Luís, 2012; Zhang, 2018), ao passo que em PE não desempenham essas funções.

Em conclusão, os pronomes clíticos em PE são muito diferentes dos chamados “clíticos” em CM. Além disso, tendo em conta que o CM é uma língua analítica, é muito provável que não haja clíticos em CM.

1.4.1 Correferência do pronome clítico

Os pronomes, nomeadamente os pronomes clíticos, são usados com valor anafórico. Segundo Costa e Grolla (2017), o referente de um pronome clítico pode ser recuperado por um antecedente discursivo ou linguístico no contexto anterior ou na mesma frase, como exemplificado em (23).

(23) a. - Então, o pão?

- O João leva-o à Ana.

b. O João leva o pão à Ana e o Pedro leva-o à Ana também.

Em ambos os exemplos, o pronome clítico -o retoma facilmente o SN *o pão*. Com efeito, o clítico

⁴ 了: caráter chinês, corresponde a “le”.

acusativo remete para um objeto mencionado no contexto linguístico anterior ou na própria frase, ao mesmo tempo que reflete a representação mental do objeto direto omitido. Aliás, o clítico não é facilmente recuperado num contexto em que existem vários antecedentes potenciais ou em que o antecedente esteja muito recuado. Além disso, será também possível recuperar a sua referência em contexto situacional.

Em conclusão, à semelhança da recuperação do objeto nulo, o clítico acusativo permite recuperar a sua referência por meio de um antecedente linguístico ou pragmático, mas deve respeitar algumas restrições sintáticas.

1.5 Natureza do objeto nulo em PE e em CM

Divide-se esta parte em quatro subsecções, apresentando e discutindo as propostas principais em relação à natureza do objeto nulo: uma variável, um *pro*, ou um caso de elipse do DP, etc..

1.5.1 Objeto nulo é uma variável?

A primeira parte desta secção introduz a proposta de Huang (1984) em relação ao objeto nulo em CM, procurando, a seguir, discutir as semelhanças e diferenças em relação ao objeto nulo em PE, sob a proposta de Raposo (1986).

Huang (1984) sugeriu que línguas sem flexão verbal como o chinês/ japonês são línguas orientadas para o discurso, distinguindo-se das línguas orientadas para a frase, como o português. Por outras palavras, uma língua como o CM do objeto nulo. Como ilustrado em (24), o CM tem a propriedade de *Topic NP Deletion*.

(24) Zhongguo_i, [e_i, difang hen da.] [e_i, renkou hen duo.]
China, e_i, espaço muito grande e_i, população muito muito
[e_i, women dou hen xihuan.]
e_i, nós todos muito gostar

Quanto à China, a (sua) área da terra é muito grande, a (sua) população é muito grande, nós todos amamos (China).

Adaptado do Huang (1984, p. 549)

O SN *zhongguo* constitui o tópico do discurso e tal tópico pode ser omitido nas frases seguintes. Huang propôs que cada frase contém um tópico nulo na sua periferia esquerda, que se liga às posições

do sujeito ou do objeto direto, originando o sujeito nulo ou o objeto nulo.

Além disso, veja-se o exemplo (25) adaptado de Huang (1984, p. 539). Em (25b), no contexto de resposta à pergunta (25a), *e* não pode ser correferente com o sujeito da matriz.

- (25) a. Shei kanjian-le Zhangsan?
Quem ver Zhangsan
Quem viu Zhangsan?
- b. Zhangsan_i shuo Lisi kanjian-le *e*_i.
Zhangsan dizer Lisi ver
Zhangsan disse que Lisi viu *e*.

Com base nesta restrição, Huang (1984) conclui que o objeto nulo não é *pro*, visto que *pro* só necessita ser livre na sua categoria de regência, e que é antes uma variável ligada a um operador de tópico que em si próprio é nulo. Como se exemplifica em (26), *e* deve retomar um tópico do discurso como seu antecedente, sendo este fixado fora da frase inteira.

- (26) [Top \emptyset]_i [Zhangsan disse que Lisi viu [*e*]_i]

Não obstante isto, Xu (1986) argumenta contra Huang (1984). No exemplo abaixo, o objeto nulo *e* encaixado pode ser correferente com o sujeito da matriz.

- (27) Xiaotou_i yiwei mei ren kanjian *e*_i.
ladrão pensar não pessoa ver *e*
O ladrão_i pensou que ninguém viu *e*_i.

Contudo, baseando-se na proposta original de Huang, Raposo (1986) propôs que o objeto nulo do PE é uma variável formada pelo movimento de um operador nulo para a periferia esquerda da frase. A representação da Estrutura-S do exemplo (28a) seria como em (28b).

- (28) a. O João disse que a Ana viu [*e*]_i
- b. [Top \emptyset]_i [_{CP} Op_i [O João disse que a Ana viu [*e*]_i]]

Segundo Raposo (1986), a omissão do objeto deve satisfazer duas condições: (i) o objeto nulo deve ser movido para a posição COMP; (ii) o operador nulo deve estar coindexado com um tópico no discurso.

A análise de Raposo (1986) propõe que a construção de objeto nulo envolve movimento na sintaxe,

pelo que prevê que o objeto nulo não possa ocorrer em contextos de ilhas. Raposo apresenta exemplos que revelam que a construção de objeto nulo não pode ocorrer no interior de um SN complexo (29a) e de um sujeito frásico (29b).

- (29) a. * O rapaz que trouxe e_1 mesmo agora da pastelaria era o teu filho.
b. * Que a IBM venda e_1 a particulares surpreende-me.

(Raposo, 1986, p. 382)

1.5.2 O objeto nulo é *pro*?

Nesta subsecção começamos por apresentar as alterações introduzidas por Raposo (2004) à sua teoria inicial. De seguida, discutimos as propostas de Farrell (1990) e Kato (1991) para o português brasileiro (PB).

Raposo (2004) propõe uma revisão da sua teoria de 1986, visando uma análise unificada das construções de topicalização, da CLLD e do objeto nulo. O autor adota a hipótese do sintagma de determinante (*Determiner Phrase* = DP^s) e sugere que os pronomes clíticos são determinantes que selecionam um SN nulo, e que são subseqüentemente movidos para um núcleo F na periferia esquerda da oração. Nesta perspetiva, uma frase com um tópico deslocado à esquerda será analisada como em (30b):

- (30) a. Esse livro, eu só o encontro na FNAC.
b. esse livro, eu só o_i + encontro [_{DP} t_i [_{SN} *pro*]] na FNAC.

(Raposo, 2004, p. 55)

Em (30), o SN nulo é um *pro* identificado pelo determinante. Por sua vez, a construção de objeto nulo é também o resultado da combinação de um D com um SN nulo, com a diferença de que D é, também ele, nulo. Assim, a estrutura subjacente de (31a) será (31b), em que F⁶ é uma projeção funcional situada acima de TP:

- (31) a. Esse livro, eu só encontro na FNAC.
b. Esse livro, [_{FP} F [_{TP} eu só encontro [_{DP} D *pro*] na FNAC.]]

(Raposo, 2004, p. 55)

⁵ DP é um tipo de frase postulada por algumas teorias de sintaxe. O seu núcleo é um determinante, oposta a um nome ou um SN.

⁶ “A categoria F consiste em codificar formalmente o contacto entre o nível de interface LF e os sistemas semântico, pragmático e discursivo situados para lá de LF” (Raposo, 2004, p. 55).

Uma vez que os traços de pessoa e número de *pro* necessitam ser identificados e D não possui esses traços, *pro* deve ser movido para uma posição F em que esteja próximo do antecedente ou do tópico do DP, como em (32). Deste modo, o *pro* movido é o vestígio-variável.

(32) Esse livro, [_{FP} F + *pro* [_{TP} eu só encontro [_{DP} D *t*] na FNAC.]]

(Raposo, 2004, p. 55)

Em contrapartida, na representação da construção de CLLD, como (30), em que o determinante não é omitido e é definido, não é necessário o movimento de *pro* para a posição F, pois pode ser identificado pelo determinante definido.

Repare-se que, em (30b) o determinante apenas desempenha a função de licenciamento de *pro*. A identificação de *pro* é feita por movimento para uma posição em que *pro* mantém uma relação local com o antecedente. Comparando esta proposta com a de Raposo (1986), verifica-se que há semelhanças entre elas, já que há movimento do SN nulo para a periferia esquerda da frase. A grande diferença entre as duas análises está na assunção da hipótese do DP e no paralelismo estabelecido com a CLLD.

Farrell (1990) e Kato (1991) sugeriram que o objeto nulo em PB é uma categoria pronominal nula (*pro*). Essas propostas, no entanto, apresentam problemas. Como o exemplo (33) mostra, o pronome forte *ele* retoma o sujeito da matriz em (33b). Se o objeto omitido fosse um *pro*, a frase (33a) deveria ser gramatical. No entanto, (33a) é agramatical para os falantes nativos. Além disso, o objeto nulo em PB pode receber as leituras imprecisa e estrita, o que não é possível explicar por *pro*.

(33) a. *O João_i diz que a Ana odeia [-]_i.

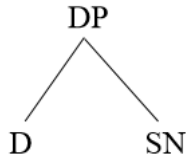
b. O João_i diz que a Ana odeia ele_i.

1.5.3 O objeto nulo é resultado de uma elipse?

Atendendo à representação sintática do DP, importa verificar a existência do núcleo D em CM e em português. Apresentam-se, seguidamente, as implicações da análise da elipse do argumento (*Argument Ellipsis* = AE) em CM e da elipse do DP em PB.

Como abordado em 1.5.2, numa língua em que o DP é projetado, o constituinte DP contém o núcleo do determinante e o outro constituinte de SN, seguindo abaixo a sua representação sintática, adaptada de Tomioka (2003).

(34)



Levanta-se, então a questão: a existência do núcleo D ou o DP será universal nas línguas naturais? Os autores Tomioka (2003) e Cheng (2013) sugerem que, de facto, a projeção do DP não faz parte da estrutura nominal das línguas do tipo do chinês/japonês. Isto é, os argumentos nominais não projetam D e são de categoria SN. No entanto, no caso da língua portuguesa, autores como Raposo (2004) e Cyrino (1994) argumentam a favor da existência do constituinte DP. Deste modo, a AE em CM é provavelmente a elipse de SN, enquanto, em português, é o resultado da elipse de DP.

Saito (2007) revela que a disponibilidade da AE depende da ausência de concordância (*φ-feature agreement*). A existência dessa concordância é principalmente discutida na posição argumental do sujeito, e não na do objeto direto, o que acontece, nomeadamente, em línguas nas quais existe assimetria entre sujeito e objeto. Aliás, em princípio, a AE pode ocorrer na posição de objeto direto em CM (Cheng, 2013; Li, 2014; Sato, 2019).

No caso do CM, Cheng (2013) revela, através da comparação das estruturas sintáticas com AE do japonês e do coreano com as mesmas estruturas do chinês, que o fenómeno de AE é existente na posição de objeto direto. O autor sugere ainda que o argumento interno é apenas elidido no componente de PF (*PF-delection*), veja-se o exemplo (35).

(35) O João xiang chi mianbao, a Ana ye xiang chi mianbao.

querer comer pão, também querer comer pão

O João quer comer o pão, e a Ana também quer comer ~~o~~ pão.

Cheng (2013) propõe que, na elipse, os elementos ausentes simplesmente não têm explicitação fonética, ao passo que a sua estrutura sintática é plena e a sua interpretação está disponível. Desta forma, Cheng argumenta contra *LF-copying*, facto que se analisa em detalhe na secção seguinte.

Cheng (2013) apresenta mais alguns exemplos, que não são facilmente explicados à luz da análise de tópico-variável (Huang, 1984) e da elipse de SV (Huang, 1991).

(36) a. Zhangsan da le [_{NP} san-ge xuesheng] zhidao...

Zhangsan bater já-asp três estudante depois

Depois de Zhangsan bater os três estudantes...

b. Lisi haishi bu gan da [_{NP} e].

Lisi ainda não atrever-se bater

Interpretações possíveis:

1. Lisi ainda não se atreve a bater (os 3 estudantes quem Zhangsan bateu).

(leitura estrita)

2. Lisi ainda não se atreve a bater (os outros 3 estudantes).

(leitura imprecisa)

3. Lisi ainda não se atreve a bater (Zhangsan).

(terceira leitura)

Adaptado de Cheng (2013, p. 130)

Pode observar-se que a construção de elipse de SV apenas permite as primeiras duas leituras, mas não a terceira leitura. Na terceira leitura, *Zhangsan* aparece como o sujeito da frase (36a) e está fora da categoria de SV. Com base nisso, o autor sugere uma possibilidade de explicação de que, sob análise de AE, a Expressão-R *Zhangsan* está originalmente na estrutura de (36b), só que não recebe representação fonética.

Importa ainda realçar que o CM não permite tópicos indefinidos. Por isso, exclui-se a análise de tópico-variável, como em (37).

(37) *Liang-ben shu_i, wo zhaodao le t_i.

dois livro, eu procurar já-ASP

Dois livros, eu já procurei.

(Cheng, 2013, p. 129)

Além de antecedente linguístico, já mencionado acima em (36), o tópico do discurso também pode servir como antecedente do objeto nulo. Em certos contextos, também há duas possibilidades de leitura.

(38)⁷ [Zhangsan e Lisi, cada um possui um carro. Zhangsan está a lavar o seu próprio carro do lado de fora e Lisi viu isso.]

Lisi: Wo zuotian xi guo-le e .

eu ontem lavar já-perf

Lisi: Eu já lavou e ontem.

(leitura ^{OK}imprecisa/^{OK}estrita)

De notar que relativamente à leitura possível, ela pode ser *Lisi lavou o seu carro*, como também *Lisi lavou o carro de Zhangsan*. O antecedente de (38) é *o seu próprio carro*, que corresponde em mandarim a *ziji de che* ⁸ (em inglês: *self's car*).

Relativamente ao objeto nulo em PB, ele resulta da elipse do DP (Cyrino, 1994), devido à observação de “*a diachronic process that related propositional ellipsis to the demise of third person clitics*” (Cyrino & Matos, 2016, p. 300) naquela língua. O objeto direto omite-se foneticamente em PF, embora esteja presente em LF. A elipse dá-se por identidade com o antecedente, que seria um tópico no discurso ou um argumento na mesma frase. Esta proposta é consistente com o facto de o objeto nulo em PB poder ocorrer em ilhas e receber as leituras imprecisa e estrita.

(39) a. O José_i conheceu a mulher que comprou [-]_i. ([-] = o pão)

b. De noite, João abriu a janela, mas Pedro preferiu fechar [_{DP} a-janela].

Adaptado de Cyrino e Matos (2016, pp. 300–301)

Em (39a), o objeto nulo presente na ilha é gramatical em PB ao encontrar um antecedente não animado, ao passo que, em PE, de acordo com Raposo (1986; 2004), ele nunca pode ocorrer dentro de ilhas sintáticas. Ademais, em (39b), por um lado, será mais fácil observar o DP elidido foneticamente e presente em LF; por outro lado, há duas leituras possíveis em PB, uma imprecisa referente à “janela do Pedro”, e outra estrita referente à “janela do João”.

Cyrino (1994) revela que a omissão do objeto direto em PB é restrita pelo traço de animacidade.

⁷ O exemplo original apresenta-se abaixo, citado de Cheng (Cheng, 2013, p. 127)
[Zhangsan and Lisi each owns a car. Zhangsan is washing his own car outside and Lisi saw this.]

Lisi: Wo zuotian xi-guo-le e .

I yesterday wash-perf-incho.

‘lit. I’ve washed e yesterday.’

(^{OK}sloppy/^{OK}strict reading)

⁸ Há muita discussão relativamente ao pronome reflexivo *ziji* em chinês (carácter chinês: 自己), neste caso, é *ziji* que causa a ambiguidade. Para mais detalhes, ver Huang (1991), Li (2014), Cheng (2013) e Sato (2019).

Em relação à interpretação, como vemos em (40), o objeto nulo apenas permite tratar como antecedente o referente inanimado “o rosto do pai”, enquanto o pronome permite a referência à entidade quer inanimada quer animada, neste caso.

- (40) a. Eu nunca vejo [o meu pai]_i. Nem me lembro d[o rosto dele]_i.
b. Acho que já esqueci [-]_i/[ele]_i.

Adaptado de Cyrino e Matos (2016, p. 301)

Cyrino (1994, 2003) indica que o uso dos pronomes clíticos acusativos de 3.^a pessoa é muito reduzido em PB como substituto da opção de objeto nulo, enquanto os clíticos de 1.^a ou 2.^a pessoa não permitem a omissão. Veja-se abaixo, parece que o exemplo (41) também é agramatical em PE.

- (41) *Eu_i telefonei para a Maria e ela encontrou [-]_i no cinema.

(Cyrino, 2003, p. 37)

Com base em tais observações, como (40) e (41), sugere-se a hierarquia referencial para o objeto nulo de PB (Cyrino, Duarte & Kato, 2000), que se apresenta na próxima secção.

Por conseguinte, é provável que a proposta da elipse do DP seja compatível com os usos do objeto nulo em PB, se se assumir que o seu antecedente detém o traço [- específico, -animado].

1.5.4 O objeto nulo é uma categoria verdadeiramente vazia?

Mais recentemente, Li (2014) propôs a ideia de que o objeto nulo em CM é uma categoria verdadeiramente vazia (*True Empty Category* = TEC), que corresponde à posição sintática do SN omitido, e ocupa uma posição na representação sintática que apenas contém traço de caso e traço categorial (*case and categorial features*).

Por conseguinte, no fundo, a TEC é também o resultado da elipse. Ao contrário da proposta de Cheng (2013), Li (2014) sugere que o conteúdo semântico da TEC é preenchido na FL, através de um processo de cópia do antecedente disponível no contexto do discurso (*LF-copying*⁹).

⁹ Saito (2007) aplica a abordagem de *LF-copying* na AE do japonês, para obter o conteúdo semântico dos argumentos omitidos. “LF Copy is an operation that copies an argument from a full-fledged linguistic antecedent onto an empty argument spot in an elliptical clause to save an otherwise uninterpretable structure at LF.” (Sato, 2019, p. 649)

(42) O João xiang chi mianbao, a Ana ye xiang chi (TEC/CV).

querer comer pão, também querer comer

O João quer comer o pão e a Ana também quer comer (TEC/CV).

Em comparação com (35), o exemplo (42) não apresenta uma estrutura completa a nível sintático, não estando em falta simplesmente a representação fonética. Portanto, o conteúdo semântico da omissão recuperado por via *LF-copying* é inserido mais tarde na interpretação de toda a frase.

A meu ver, faz mais sentido utilizar a proposta de Li (2014) para explicar o exemplo (36), no qual há três possibilidades de leitura para o objeto nulo em CM. Através de *LF-copying*, procuram-se os materiais disponíveis do contexto linguístico ou pragmático (ou, tópicos do discurso) a preencher as categorias vazias (ou, TEC). Deste modo, é provável que a expressão-R *Zhangsan* sirva como um tópico do discurso que fica no lugar relevante da fila consciente, e que, logo depois, é inserida na posição vazia. Isto também parece explicar melhor a razão por que a terceira leitura é de menor aceitabilidade: o facto de outros falantes nativos preferirem colocar o constituinte *san ge xuesheng* (os três estudantes) no lugar relevante da fila consciente, que é visto como antecedente do objeto nulo. Ao mesmo tempo, esta abordagem não rejeita a possibilidade de uma terceira leitura. Além disso, o exemplo (38), em que o tópico existente no contexto pragmático serve como o antecedente, pode ser explicado por esta proposta.

Com base nisso, a proposta de Li (2014) parece ser compatível com o facto de o objeto nulo não estar sujeito a restrições de ilhas, e ser mais sensível à interpretação da construção de objeto nulo em CM. Aliás, a proposta de TEC ainda é uma hipótese muito nova, precisando de mais testes linguísticos e evidências interlinguísticas para se cimentar.

Em conclusão, embora a hipótese da elipse de DP proposta por Cyrino (1994; 2016) pareça adaptar-se melhor ao fenómeno do objeto nulo do PB, uma vez que permite a omissão em ilhas, tal hipótese não pode ser diretamente aplicada na construção de objeto nulo do PE, pelo facto de que, em PE, há efeito de restrição de ilhas no objeto nulo (Raposo, 1986), e se utilizam bastante os clíticos no discurso. Por sua vez, Raposo (2004) mantendo o núcleo teórico de Raposo (1986) relativo ao movimento sintático na construção de objeto nulo, apresenta uma proposta unificada da construção de objeto nulo e de CLLD, em que revela que o complemento direto é projetado por um conjunto de D e *pro*. Esta proposta ajuda a explicar por que, em PE, o objeto nulo, de vez em quando, ocorre paralelamente com a CLLD.

Quanto ao CM, embora a proposta de Huang (1984) de que o objeto nulo é uma variável não

explique na totalidade o fenómeno do objeto nulo do mandarim, o conceito de tópico é tipicamente mantido ou aplicado em outras propostas, como a do Cheng (2013) e a de Li (2014), o que indica que o tópico do discurso se liga fortemente à categoria vazia. A seguir, através da hipótese de AE, compreende-se melhor que o objeto nulo de CM não está, de modo geral, sujeito ao efeito de ilhas. Comparando as formas de recuperação do conteúdo semântico (*PF-deletion* e *LF-copying*), parece que a proposta de Li (2014) é mais sensível às características subjacentes do CM, as quais revelam que o CM é uma língua orientada para o discurso, e não para o sujeito.

Portanto, contrastando-se as propostas mais fiáveis para o PE e o CM, verifica-se que a grande diferença consiste no efeito de restrição de ilhas. As implicações de tal restrição parecem mostrar que há uma correspondência mais direta entre a categoria vazia presente na posição do objeto direto e o antecedente ou tópico do discurso em CM do que em PE, pelo facto de, em PE, o SN omitido dever ser movido para uma categoria funcional de forma a estar próximo do antecedente ou do tópico do DP.

Secção II - Propriedades de objeto nulo e clítico em PE e em CM

A secção II do capítulo I encontra-se dividida em duas subsecções. Na primeira, descreve-se uma proposta unificada relativa às referências dos argumentos definidos, podendo ser aplicada ao objeto nulo em PE e em CM (Sigurðsson, 2011, 2014), a fim de explorar, a partir de propriedades sintático-discursivas, a forma de determinação do referente do objeto nulo definido nas duas línguas referidas. Por fim, através das propriedades semânticas envolvidas na construção de objeto nulo, por exemplo, o traço de animacidade, pretende discutir-se a existência da restrição de animacidade na omissão do objeto nas duas línguas.

1.6 Propriedades sintático-discursivas

Na última secção, discutiu-se a natureza sintática do objeto nulo em PE e em CM. Entretanto, comparando as propostas demonstradas, destaca-se a importância da LF na recuperação do objeto nulo nas duas línguas. Nesta secção, em particular, procura-se responder à questão relativa à forma como é determinado o antecedente do objeto nulo definido.

1.6.1 Um modelo unificado para o objeto nulo

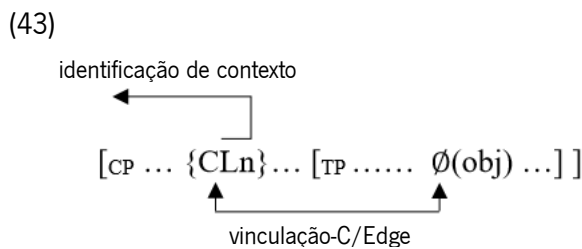
Como em 1.5 se demonstra, as propostas de Raposo (1986; 2004) para a construção de objeto nulo em PE levam-nos a concluir que a relação entre o objeto nulo e o seu antecedente, ilustrada no exemplo (32), é indireta. Isto quer dizer que o objeto nulo em PE é regido e ligado a um elemento que fica na periferia esquerda da frase e, ao mesmo tempo, resgata o seu conteúdo semântico do discurso precedente.

(32) Esse livro, [_{FP} F + *pro* [_{TP} eu só encontro [_{DP} D *t*] na FNAC.]]

(Raposo, 2004, p. 55)

A proposta de Sigurðsson (2011, 2014), designada vinculação-contexto de argumentos referenciais (*context-linking of referential arguments*), é semelhante à proposta de Raposo (2004); a grande diferença situa-se em que na proposta de Sigurðsson não se exhibe o movimento sintático na construção de objeto nulo.

Sigurðsson (2011) argumenta que os argumentos definidos referenciais, que podem ser produzidos de forma nula, clítica ou plena, estão ligados a uma posição periférica à esquerda da frase e, por sua vez, relacionados a um referente no contexto discursivo precedente. Em particular, o autor diferencia três tipos de argumentos nulos¹⁰, verificando que qualquer um deles deve respeitar a restrição interna de sintaxe, exemplificada de seguida através da construção de objeto nulo em PE.



Adaptado de Flores, Rinke e Sopata (2020, p. 3)

Observando (43), Sigurðsson (2011, 2014) revela que este mecanismo para a omissão do objeto direto consiste em duas partes, uma referente à vinculação-C/Edge (*C/Edge-linking*), relativa a uma ligação ocorrida internamente a nível sintático entre um objeto nulo e um vinculador-C/Edge¹¹ (*C/Edge-*

¹⁰ Sigurðsson (2011, p. 268) distingue três tipos de argumentos nulos, como se ilustra abaixo.

"A. The Romance *pro* drop type, conditioned by agreement

B. The Germanic topic drop type, conditioned by an empty Spec,C

C. The Chinese discourse drop type, not clause-internally constrained"

¹¹ "Edge linkers function to link phase-internal elements to features outside of the immediate phase." (Sigurðsson, 2014, p. 179)

linker = CLn); outra, referente à identificação de contexto (*context-scanning*) na qual se procura um referente mencionado explicita ou implicitamente no contexto linguístico ou pragmático precedente. Por este motivo, teoricamente, Sigurðsson (2011) distingue a vinculação-C/Edge, que considera um assunto sintático, da identificação de contexto, que determina o referente do objeto nulo no contexto.

De seguida, mais concretamente, relativamente à vinculação-C/Edge, afirma que o objeto nulo deve “*be C/edge linked, i.e. their ϕ -features must be computed clause-internally and have to match the features of a C/edge linker in their local C-domain*” (Sigurðsson, 2011, p. 282). Segundo Sigurðsson (2011), o CLn pode incluir traços, nomeadamente os traços dos participantes no acto de fala (falante e interlocutor) e ainda traços referentes ao tipo de tópico¹². O autor adota a proposta de Frascarelli (2007) segundo a qual há três subtipos diferentes de tópicos: os que assinalam a mudança de tópico (*aboutness-shift topics*), os tópicos contrastivos (*contrastive topics*), e os tópicos familiares (*familiar topics*). O tópico familiar localiza um tópico existente no contexto precedente e deixa-o no lugar relevante da fila consciente, enquanto o tópico *aboutness-shift* (doravante *tópico A-S*) abre um tópico novo derivado dos objetos existentes no contexto pragmático e também o coloca no lugar relevante da fila consciente.

1.6.2 Referente do objeto nulo em PE

Primeiro, reconsidere-se o exemplo (13), repetido abaixo. Recorde-se que o objeto omitido em (13b) é um tópico familiar, que localiza um tópico existente no contexto precedente, ou seja, determina o SN *o pão* em (13a). Assim, a frase (13b) pode transformar-se em (44) de acordo com a regra de vinculação-C/Edge.

- (13) a. -O pão, o João levou à Ana?
 b. -sim, o João levou [-] à Ana. ([-] = o pão)
- (44) [_{CP} ... [_{CLn} Top familiar]_i... [_{TP}[\emptyset (obj)]_i ...]

Pode observar-se que, em (44), o tópico familiar fica na periferia esquerda da frase, tornando possível a sua identificação no discurso. Neste caso, o tópico familiar em (44) é uma cópia do tópico A-S (o SN pleno *o pão* em 13a) (Frascarelli, 2007).

Por fim, verificamos que o referente pode servir como antecedente do objeto nulo em PE sob o mecanismo de identificação de contexto (Sigurðsson, 2011).

¹² “C/Edge linkers include Top(ic) features and speech participant features (‘speaker’, ‘hearer’).” (Sigurðsson, 2011, p. 269)

Veja-se o seguinte exemplo de PE.

(45) [O João pega um pão na mão, a mãe viu e perguntou ao pai.]

a- O que é que o João fez a[o pão]?

b- Ah, ele quis comer [-].

Observa-se que, embora o SN *o pão* em (45a) não seja um tópico A-S, a frase em si introduz um novo referente, *o pão*, que pode servir como tópico da frase seguinte (Erteschik-Shir *et al.*, 2013; Frascarelli, 2007). Compare-se este exemplo com o de (46), com idêntico contexto, mas diferente forma de realização da pergunta.

(46) a- O que é que o João fez?

??b- Ah, ele quis comer [-].

c- Ah, ele quis comer o pão.

Deduz-se de (46) que é muito difícil aceitar uma resposta com objeto nulo quando a respetiva pergunta não introduz um novo referente. Isto é, quando não há tópico para a frase seguinte, é muito provável que nela não se produza um objeto nulo de referência definida. Através dessa comparação, conclui-se que o tópico familiar, presente na periferia esquerda da frase e correspondente ao objeto nulo, se deve aproximar o mais possível do seu referente mencionado no discurso precedente, caso contrário a utilização do SN pleno de forma a determinar o objeto expressado é a melhor escolha para evitar ambiguidades.

Segundo Ariel (1991), tanto o objeto nulo como os pronomes clíticos se situam no topo da escala de acessibilidade¹³, precisando, portanto, de um referente sintaticamente mais próximo (ou seja, presente na mesma frase ou na frase anterior), mais saliente e relevante no discurso. Além disso, não podem existir outros SNs relevantes, passíveis de ser tópicos no discurso e intervir na interpretação do objeto nulo. Em contrapartida, os SNs plenos estão no nível inferior da escala de acessibilidade, podendo ser utilizados para se referirem a um antecedente menos saliente e acessível no discurso (ou seja, um antecedente longe sintaticamente do objeto expressado). Portanto, a produção de SNs plenos serve para evitar possíveis ambiguidades no discurso. A proposta de Ariel (1991) é aplicada por Flores *et al.* (2020) e Rinke, *et al.* (2019) para o esclarecimento da realização do objeto do PE. Assim, tal proposta pode

¹³Um objeto direto realizado com menos informação, menos produção átona, ou mais ambiguidade exige acessibilidade elevada do seu antecedente, ou seja, quanto mais acessível na memória está um referente, menos explícita tem de ser a sua forma referencial e vice-versa. (Ariel, 1991).

adaptar-se aos usos do objeto nulo, pronomes clíticos e SNs em PE em termos da acessibilidade dos seus referentes.

Por conseguinte, tendo em conta que o PE é orientado para o sujeito e que possui uma restrição interna da sintaxe como a vinculação C/Edge, parece que, em PE, o objeto nulo só pode ser usado para referir uma entidade muito acessível, um referente mais saliente e sintaticamente recente no discurso precedente.

Em síntese, a construção de objeto nulo em PE tem de ser regida por e ligada a um elemento da periferia esquerda da frase (Raposo, 2004; Sigurðsson, 2011, 2014), procurando, de seguida, através do tópico familiar o seu referente disponível no discurso imediatamente precedente (ou seja, na mesma frase ou na frase anterior) (Ariel, 1991). Deste modo, a disponibilidade do objeto nulo dependerá da acessibilidade da distância referencial.

1.6.3 Referente do objeto nulo em CM

De acordo com Sigurðsson (2011, p. 298), os argumentos nulos definidos em CM podem “*match CLn under distant Agree, hence do not have to raise into the C domain for the purpose of successful C/Edge-linking*” (Sigurðsson, 2011, p. 298). Ilustra-se abaixo um exemplo (47) em relação ao objeto nulo em CM, adaptado de Sopata (2017, p. 92).

(47)

a- Zhangsan zenme chuli zhegetang ne?

Zhangsan como fazer sopa INT

O que é que zhangsan fez à sopa?

b- ta he [-] le.

ele beber já-ASP

Ele bebeu(comeu) [-].

c.

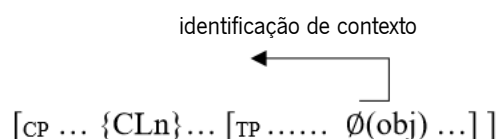
[CP ... {CLn} ... [TP ... [vP ... \emptyset (obj) ...]]]

Observa-se que o objeto nulo em (47b) também poderia ser um tópico familiar que determina o SN *a sopa* mencionado previamente em (47a). A sua representação sintática é exemplificada em (47c),

recorrendo à proposta de Sigurðsson (2011, 2014). Importa ainda realçar que a análise de (47c) é semelhante à análise do objeto nulo proposta por Huang (1984). Por conseguinte, o objeto nulo em CM parece também poder adaptar-se ao modelo de (44).

No entanto, com base na análise de Li (2014), é provável que os argumentos nulos definidos do tipo chinês possam não estar sujeitos à restrição interna da frase, como propõe a vinculação-C/Edge. Além disso, Sopata (2017) sugere que, de facto, o objeto nulo em CM pode ser vinculado ao antecedente no discurso precedente. Deste modo, adapta-se de Flores *et al.* (2020, p. 7) um modelo¹⁴ exemplificativo, abaixo transcrito, da representação do mecanismo da interpretação do objeto nulo em CM.

(48)



Portanto, a categoria vazia na posição do objeto direto poderia ser recuperada mais direta e liberalmente do discurso precedente, do que no caso do PE (Cheng, 2013; Li, 2014).

De seguida, tenta-se explorar a questão da determinação do referente do objeto nulo em termos da identificação de contexto (*context scanning*) de Sigurðsson (2011, 2014).

No caso do CM, como se exemplifica abaixo, em que o exemplo (49) é paralelo a (45) e (46) do PE, verifica-se que uma pergunta que não inclua um novo referente, como em (49b), também poderia receber uma resposta com objeto nulo em CM, (49c). Para obter uma resposta com objeto nulo a uma pergunta sem referente, como a de (49b), os participantes da conversa precisariam estar atentos ao contexto pragmático da referida conversa. Na verdade, esta apresenta-se como uma diferença bastante visível quanto à recuperação do objeto nulo em PE e CM.

(49) [Zhangsan pega um pão na mão, a mãe viu e perguntou ao pai.]

a- Zhangsan zenme nazhe mianbao a?

Zhangsan como fazer pão ASP

O que é que zhangsan fez ao pão?

b- Zhangsan zenme le-a?

Zhangsan como já-ASP

¹⁴ O modelo ilustrado em (48) é originalmente aplicado para representar o mecanismo de interpretação do objeto nulo para crianças polacas de L1 (Sopata, 2016), verificando que elas fazem a recuperação do objeto nulo apenas através da identificação do contexto, e não também pela vinculação de C/Edge.

O que é que Zhangsan fez?

c- ta xiang chi le-a [-].

ele querer comer já-ASP

Ah, ele quis comer [-].

Assim, através da comparação entre (46) e (49), verifica-se que o objeto nulo em CM pode ser recuperado semanticamente por um referente mais distante, ou seja, não parece exigir estritamente um referente imediatamente acessível do objeto nulo, ao contrário do que se observou ser verdade para o PE.

Além disso, comparando (49a) e (49b), talvez o objeto nulo em CM se refira tipicamente a um tópico do discurso (ou tópico pragmático). Por exemplo, em (49), o SN *o pão* aparece em contexto pragmático e mencionado no contexto precedente, ficando num lugar muito relevante da fila consciente para os chineses que participam nesse diálogo. Isso também parece vir ao encontro de uma característica subjacente da língua chinesa: a sua orientação para o discurso.

De forma a entender e evidenciar melhor o que se indica acima, veja-se o exemplo (50), composto por três frases. Na frase (50b) quebra-se a cadeia de tópico, aparecendo o SN *Tushuguan* (biblioteca), elemento não relacionado com o tópico do discurso, o SN *Zhangsan*.

(50)

a. Zhangsan₁ he pengyou qu kan tushuguan. b. Tushuguan₂ mei shenme kantou, quanshi shu. c. Danshi, [-]₁ guang le yiquan, [-]₁ hen le. Zuihou, [-]₁ zou bu dong le, pengyou gei [-]₁ song huijia le.

a. Zhangsan₁ foi com os amigos ver a biblioteca. b. A biblioteca₂ não tem nada de especial, são só livros. c. Aliás, [-]₁ mal deu uma volta, [-]₁ estava cansado. No final, [-]₁ não quis andar mais, o amigo levou [-]₁ para a casa (dele).

Adaptado de Sun (2015, p. 76)

Observa-se que os sujeitos nulos e o objeto nulo da frase (50c) não são retomados através do tópico mais próximo, o SN *Tushuguan* (biblioteca), mas pelo tópico mais distante, o SN *Zhangsan*. Ademais, importa notar que há um elemento a intervir na cadeia de tópico (Huang, 1984), neste caso, o SN *Tushuguan*, como tópico relevante em (50b), aparece no meio do discurso, entre o tópico de (50a) e os sujeitos e objetos nulos de (50c). Por outras palavras, isto evidencia que o argumento nulo em mandarim pode ser recuperado semanticamente por um referente não imediatamente acessível, mesmo que entre

o dito argumento e o seu referente intervenha um outro elemento.

Por outro lado, trata-se o SN *Zhangsan* como o tópico do discurso, porque, no fundo, a história é desenvolvida em torno do tópico discursivo, o SN *Zhangsan*, enquanto o outro tópico potencial no discurso, o SN *Tushuguan*, é trazido e inserido após o tópico do discurso. Isto é, o SN *Tushuguan* não fica no lugar saliente da fila consciente para os chineses que participam no discurso, se se comparar com o tópico do discurso, o SN *Zhangsan*. Segundo Sun (2015), as realizações de formas nulas em (50c) são controladas a nível semântico e sintático pelo tópico do discurso. Portanto, os argumentos nulos de (50c) apontam na sua totalidade para o tópico do discurso, mesmo que apareça um elemento a intervir.

Em conclusão, ao contrário do objeto nulo em PE, que precisa de um referente imediatamente acessível (ou mais perto), em CM ele pode ser recuperado por um referente mais distante no discurso precedente e é provável que se refira ao tópico do discurso (Sun, 2015).

Em síntese, em termos das propriedades sintático-discursivas, em PE, o objeto nulo deve ser regido pelo elemento da periferia esquerda da frase (Raposo, 2004; Sigurðsson, 2011) e, ao mesmo tempo, através do tópico familiar, buscar o seu referente imediatamente disponível no contexto precedente (Ariel, 1991; Flores *et al.*, 2020); em CM, o objeto nulo parece não ter de ser sujeito a uma restrição interna da sintaxe (Cheng, 2013; Li, 2014), como a vinculação-C/Edge. Pode-se ainda acrescentar que a recuperação do objeto nulo em mandarim é semanticamente mais livre e flexível (Li, 2014; Sun, 2015).

1.7 Propriedades semânticas

A omissão do objeto não é um assunto de investigação relacionado simplesmente com propriedades sintático-discursivas. As propriedades semânticas também têm um papel relevante. Esta subsecção foca-se numa destas propriedades: a restrição de animacidade no uso do objeto nulo e dos pronomes clíticos.

1.7.1 Classificação da animacidade

Começemos por referir uma estrutura que tem algum paralelismo com o objeto nulo: a marcação diferencial do objeto (*Differential Object Marking* = DOM). Esta estrutura envolve pelo menos três aspetos, o aspeto morfológico, o sintático e o semântico, sendo este último considerado um fator importante para a ocorrência dessa marcação, e englobando traços como [definitude/especificidade] e [animacidade] (Schwenter, 2014). Estes são também traços relevantes para a estrutura do objeto nulo.

Segundo Schwenter (2014), o par de variáveis definitude e especificidade está intimamente

associado entre si, na medida em que ambas as variáveis se referem à determinação ou identificação de um referente no discurso. No presente estudo, o referente ou tópico do discurso é definido (a ver em capítulo III), com efeito, o traço [definitude/especificidade] fica fora da discussão. Iremos focar-nos no traço de animacidade.

O traço de animacidade é uma condicionante para o objeto direto, pelo facto de assumir diferentes codificações nas línguas que apresentam marcação diferencial do objeto (Schwenter, 2014). Uma hierarquia comum para a marcação de animacidade, que vai da forma mais animada para a menos animada, seria a seguinte:

(51) 1.^a p. > 2.^a p. > 3.^a p. > humano > animado > inanimado

Adaptado de Schwenter (2014, p. 245)

Recorde-se que no presente estudo está, principalmente, em discussão a animacidade do objeto direto de 3.^a pessoa, por conseguinte, a distinção entre 1.^a, 2.^a pessoa e 3.^a pessoa não é relevante.

Em termos teóricos, a distinção entre o referente inanimado e o animado depende prototipicamente da natureza da vida do referente.¹⁵ Por exemplo, tipicamente, entidades como copo, chávena ou calças fazem parte do conceito inanimado, ao passo que entidades como pessoas e animais pertencem ao conceito animado. Além disso, dividem-se ainda as entidades animadas em objetos humanos e objetos animados, de acordo com o fator prototípico do carácter humano.

Portanto, baseando-se nos traços [\pm animado] e [\pm humano], os referentes inanimados, animados e humanos são redefinidos e distintos no presente estudo em, respetivamente, objeto [-animado, -humano], [+animado, -humano], e [+animado, +humano].

1.7.2 Hierarquia referencial em PE

De forma a compreender melhor a possível restrição do traço de animacidade na construção de objeto nulo, vai-se analisá-la quer no contexto de ilhas quer no das frases simples. Embora o presente estudo se foque no contexto das frases simples, a análise no contexto de ilha irá ajudar na perceção da animacidade e na inferência das hierarquias referenciais em PE.

Primeiro, veja-se em (52) exemplos em que o objeto nulo ocorre em ilhas fortes. Costa e Duarte

¹⁵ Em PE, não existe uma definição exata do conceito de animacidade. Assim, a determinação da animacidade de um referente é feita com base na sensibilidade de cada indivíduo em relação à natureza desse referente. A designação científica animacidade é derivada da palavra inglesa *animacy*.

(2003) levantam a hipótese de que o objeto nulo é um *pro* se se assumir que o objeto nulo pode ocorrer em ilhas fortes, estando este relacionado com a restrição de animacidade.

(52)

a. A- E então, *o carro novo?*

B- A minha mulher está furiosa porque comprei [-] sem ela saber.

(marginal em PE, aceite em PB)

b. A- E então, *a Maria?*

B- A minha mulher está furiosa porque eu beijei [-] na festa.

(rejeitado tanto em PE como em PB)

(Duarte & Costa, 2013, p. 2345)

Por conseguinte, verifica-se a restrição de animacidade pela comparação dos dois exemplos de (52), nos quais o objeto nulo em ilhas é aceite por alguns falantes de PE e a maioria dos falantes de PB, no caso do referente ser inanimado; pelo contrário, se o antecedente do objeto nulo é animado, até mesmo humano, a omissão do objeto ocorrida em ilhas é tipicamente rejeitada tanto em PE como em PB.

Costa e Duarte (2003) sugerem que a natureza do objeto nulo poderia ser uma variável quando o objeto nulo surge em contextos que não envolvem ilhas fortes. Por isso, “espera-se que a restrição de animacidade não se aplique a variáveis, ..., que são categorias às quais dificilmente se podem associar traços de animacidade”. (Costa & Duarte, 2003, p. 257) Veja-se abaixo o exemplo (53).

(53)

a. A- E este carro?

B- O Zé quer saber quem comprou *ec*.

b. A- E a Maria?

B- O Zé quer saber quem beijou *ec*.

(Costa & Duarte, 2003, p. 256)

Com base nessa previsão, parece não existir restrição de animacidade nesses contextos. No entanto, abaixo, em (54) estamos perante uma prova, segundo Duarte e Costa (2013, p. 2346), contra tal previsão, no caso de comparar (53a) e (54). Mesmo que se encontre um referente não animado no discurso, falantes monolingues de PE continuam a rejeitar a omissão do objeto.

(54) A- E então, *o carro novo*?

B- Não conheço o mecânico que arranjou [-] rapidamente.

(rejeitado em PE, aceite em PB)

A meu ver, em PE, tal rejeição por parte dos falantes deve-se mais ao facto de não se permitir a ocorrência do objeto nulo em ilhas, e não por qualquer restrição de animacidade em contextos de ilhas. Portanto, quem rejeita consistentemente a ocorrência do objeto nulo em ilhas, rejeita também a restrição de animacidade, como propõe Raposo (1986); quem aceita, como Cyrino (1994) para o PB, encara tal restrição como provável.

De seguida, Duarte e Costa (2013) reconsideraram o efeito de animacidade na omissão do objeto sob contexto das frases complexas, assumindo que, em PE, “a omissão de um complemento direto semanticamente animado determina a marginalidade ou mesmo a agramaticalidade da frase” (Duarte & Costa, 2013, p. 2345).

Apresentam-se abaixo os exemplos (55) e (56) de Duarte e Costa (2013, p. 2345), em que o antecedente linguístico, em itálico, e o objeto omitido ocorrem na mesma frase.

(55) a. *Quando encontro *o Pedro*, beijo [-] com ternura.

b. ?? Se achas que *a Maria* é uma chata, eu não convido [-] para a festa.

(56) a. Quando encontro *uma gralha*, corrijo [-] imediatamente.

b. Se achas que *esse livro* é chato, eu não compro [-] para a Maria.

Podemos, então, concluir que perante um antecedente mais animado ou mais humano, como os de (55), tende-se para a agramaticalidade ou marginalidade da frase. Em contrapartida, transformando as frases de (55) nas de (56), agora com antecedentes inanimados, elas são tipicamente aceites por falantes de PE. Por conseguinte, verifica-se a restrição de animacidade nesses contextos, tendo como base os exemplos de (55) e (56).

Além disso, em PB, o objeto nulo ocorrido em frases complexas também apresenta, tipicamente, a restrição de animacidade.

(57) a. * O *José* impediu *a esposa de matar* [-].

b. *Esse tipo de garrafa* impede *as crianças de abrirem* [-], sozinhas.

(Cyrino & Matos, 2016, p. 301)

Apesar de em PE e em PB haver diferentes pontos de vista em relação à natureza do objeto nulo, parece que, de facto, o traço de animacidade é, nesses contextos, relevante na construção de objeto nulo em ambas as línguas referidas.

Passando ao objeto omitido em frases simples, nomeadamente centrado no par pergunta/resposta, veja-se o exemplo (58).

(58)

a. A- E a Ana?

B- Encontrei ontem [-] na exposição da Paula Rego.

b. A- Quem comeu o bolo todo?

B- Comeu [-] o João.

(Duarte & Costa, 2013, pp. 2345–2346)

Duarte e Costa (2013) confirmam a conclusão baseada em Costa e Duarte (2003), que revela não existir a restrição de animacidade na omissão do objeto nesses contextos, quando o antecedente está imediatamente presente no contexto precedente. Aliás, se se transformar (55a) e (56a) em (59a) e (59b), respetivamente, ainda se verifica a restrição de animacidade nas frases simples.

(59)

??a. A- Encontrei *o Pedro*?

B- Sim, e beijei [-] com ternura.

b. A- Encontrei *a gralha*?

B- Sim, e corriji [-] imediatamente.

Schwenter (2014) sugere uma conclusão: em PE a animacidade restringe claramente a omissão do objeto direto, que se relaciona estreitamente com o sistema de DOM do PE. Por outras palavras, a distinção dos antecedentes a que os pronomes clíticos e o objeto nulo se referem depende do fator da animacidade dos seus referentes. Veja-se abaixo a tabela 3¹⁶ adaptada de Schwenter (2014, p. 252).

¹⁶ Embora Schwenter (2014) distinga teoricamente objeto inanimado, animado e humano, apresenta apenas duas variantes com base no traço [animado]. É de notar que, de facto, os referentes animados ilustrados na tabela são quase todos humanos (Schwenter, 2014, p. 245).

	N (%)	Pronome Clítico		Objeto Nulo		SN Pleno	
		Prob	%	Prob	%	Prob	%
animado	187 (20%)	.80	55.1%	[.36]	22.5%	.33	22.5%
inanimado	738 (80%)	.41	14.3%	[.54]	45.2%	.54	40.5%

Tabela 3. Os dados sobre a animacidade em PE

É de notar que, por um lado, os pronomes clíticos são fortemente favoráveis aos referentes animados (taxa: 55,1%) enquanto desfavoráveis aos inanimados (taxa: 14,3%); por outro lado, a omissão do objeto é geralmente permitida diante de um referente não animado (taxa: 45,2%) ao passo que, com um referente animado, a omissão não é permitida (taxa: 22,5%).

Para além de uma análise dos efeitos do traço de animacidade, Schwenter (2014) analisa também dados de traços como a especificidade e a distância referencial. O autor verifica que, embora em PE outros traços também tenham efeito no uso de objeto nulo e de clíticos, a principal influência é exercida pelo traço de animacidade.

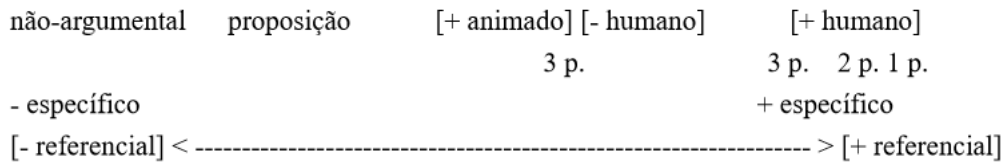
Por conseguinte, baseado na evidência contrastiva demonstrada acima, Schwenter (2014) indica que há uma distinção significativa entre os pronomes clíticos e a construção de objeto nulo: os diferentes referentes envolvem prototipicamente traços distintos de animacidade. Por outras palavras, o objeto nulo parece demonstrar preferência por um antecedente não animado repetido no discurso precedente; por sua vez, os clíticos preferem um antecedente mais animado.

Esta mesma conclusão seria confirmada de novo num estudo recente de Castro (2016), ilustrando que é a animacidade, e não restrições do âmbito sintático, que faz a distinção entre o uso do objeto nulo e o dos clíticos.

Portanto, e com base nas evidências ilustradas acima, poderia haver restrição de animacidade na construção de objeto nulo em PE. Em geral, o referente inanimado corresponde semanticamente ao objeto nulo, ao passo que o animado ou o humano correspondem aos pronomes clíticos, se o referente puder ser imediatamente acessível.

Por fim, a comparação dos dados relativos à animacidade entre PE e PB (Schwenter, 2014) parece confirmar a hierarquia referencial proposta por Cyrino, *et al.* (2000). Esta hierarquia baseia-se, principalmente, na análise do desenvolvimento diacrónico do objeto nulo em PB, e ilustra-se de seguida.

(60) Hierarquia Referencial



(Cyrino et al., 2000, p. 57)

Nesta hierarquia referencial, observa-se que, por um lado, os objetos com traço [+humano] estão na posição mais à direita, no ponto mais alto da escala, ao passo que os não argumentais estão mais à esquerda, e os objetos [+animado, -humano] situam-se no meio da escala; por outro lado, avançando da direita para a esquerda, os objetos passam de mais a menos referenciais.

Cyrino *et al.* (2000) revelam que a possibilidade da realização do objeto nulo é determinada pela posição referencial na hierarquia ilustrada em (60). Isto é, quando um objeto corresponde a uma posição mais à direita da escala, é mais provável que não se omita o objeto direto ou se recorra a pronomes clíticos ou pronomes fortes.

Rinke, Flores e Barbosa (2017) confirmam que essa hierarquia referencial é também adaptável ao fenómeno do objeto nulo de PE. A diferença é que os falantes monolíngues de PE preferem usar os clíticos em vez do pronome forte ao referirem os objetos animados repetidos no discurso precedente.

Além disso, Cyrino e Matos (2016) fazem a previsão de que, se a língua exibe um pronome forte na posição mais baixa da hierarquia (mais à esquerda da escala), é provável que a criança aprendente dessa língua, como o PB, produza mais argumentos não omitidos; se a língua, por sua vez, permitir objetos nulos ligados a antecedentes com traços de um dos pontos mais à direita da hierarquia, a mesma criança produzirá mais objeto nulos, uma vez que assumirá que as posições mais à esquerda desse ponto poderão ser nulas também. Os autores indicam que tal previsão também se poderia aplicar em PE, mas relativamente ao uso dos pronomes clíticos.

Um estudo de Rinke, *et al.* (2017) confirma essa previsão, mas verifica, através de uma comparação entre os falantes monolíngues de PE mais jovens e os mais velhos, que, em PE, a produção do objeto nulo vai tendendo para o referente numa posição mais à direita da hierarquia. Isto parece evidenciar que a implementação do objeto nulo apresenta uma evolução para a direita na hierarquia referencial, o que talvez reflita um processo interno da linguagem.

Em síntese, em PE, a restrição de animacidade pode ter efeitos na construção de objeto nulo em

determinados contextos, podendo mesmo tal restrição ser independente do âmbito sintático. Ademais, essa restrição é claramente visível através da hierarquia referencial ilustrada em (60).

1.7.3 Hierarquia referencial em CM

Tendo em conta a ausência de materiais académicos que se concentrem particularmente na influência da animacidade na omissão do objeto em CM, apresentam-se exemplos de estudos que analisam a construção de objeto nulo a partir da sintaxe e do discurso para evidenciar se há efeitos de animacidade em CM. Ao mesmo tempo, e de forma a facilitar a comparação entre as duas línguas, adotam-se alguns exemplos já citados acima, traduzindo-os para o CM.

Como se observa na secção 1.5, o objeto nulo pode receber diversas interpretações, uma vez que ele é bastante livre na escolha do seu antecedente. Em CM, ele pode também ocorrer nas ilhas fortes, como demonstrado pelos exemplos abaixo.

(61) wo faxian xiaotou₁ [yinwei jingcha mei renchu e_{1/2}]
eu descobrir ladrão porque polícia não reconhecer
gaoxingdi zou le.
alegremente sair já-ASP

Eu descobri que o ladrão₁ saiu alegremente, porque a polícia não reconheceu e_{1/2}.

(Li, 2014, p. 47)

É de notar que o objeto nulo em contexto de ilhas fortes pode referir-se ao sujeito matriz da oração completiva, mas também se pode referir a qualquer entidade que surja no discurso precedente, por exemplo, a matrícula de motorista. Daí se conclui que não há nenhuma restrição de animacidade.

O exemplo (62), apresentado abaixo, é paralelo ao exemplo (52) de PE. O objeto nulo em ilhas fortes pode recuperar o seu conteúdo semântico do tópico mencionado no discurso precedente. Por isso, também não se verifica restrição de animacidade.

(62)
a. A- *xīn chē ne?*
novo carro
A- Então, o *carro novo?*

B- wǒ lǎopó hěnsǎngqì, yīnwéi tābúzhīdào wǒ mǎi le [-].

eu mulher furioso, porque sem ela saber eu comprar já-ASP

B- A minha mulher está furiosa porque comprei [-] sem ela saber.

b. A- mǎli ne?

Maria

A- Então, a *Maria*?

B- wǒ lǎopó hěnsǎngqì, yīnwéi tābúzhīdào wǒ dài [-] qù gōngyuán le.

eu mulher furioso, porque sem ela saber eu levar a parque já-ASP

B- A minha mulher está furiosa porque sem ela saber eu levei [-] ao parque.

De seguida, apresenta-se um contexto de oração relativa, (63), de Li (2014, p. 62).

(63) wo yao mashang zhaochu daili [-] de ren.

eu querer imediatamente procurar levar DE pessoa

Eu quero procurar imediatamente a pessoa que leva [-].

Li (2014) serve-se do exemplo referido acima para mostrar que o objeto nulo pode ser recuperado através do antecedente pragmático. Esse exemplo mostra ainda que, nos contextos adequados, o objeto nulo pode referir-se a uma entidade animada, como “a criança” ou “o cão”, ou não animada, como “o pão”.

Com base nas evidências acima apresentadas, em geral, parece não haver efeitos de animacidade na omissão do objeto em contextos de ilhas em CM.

A seguir, verifica-se se existe a restrição de animacidade quanto ao objeto nulo em frases complexas em CM, com recurso a exemplo (64a) de Li (2014, p. 44) e a (64b) de Tomioka (2003, p. 334).

(64)

a. ta kandao le [yige nanhai]_i, wo ye kandao le [-]_i.

ele ver já-ASP um rapaz, eu também ver já-ASP

Ele viu um rapaz_i, eu também vi [-]_i.

b. Zhangsan kanjian xiong_i le, Lisi ye kanjian [-]_i le.

Zhangsan ver urso já-ASP, Lisi também ver já-ASP

Zhangsan viu o urso_i, Lisi também viu [-]_i.

Constata-se que, mesmo que haja ligeiras diferenças a nível sintático entre (64a) e (64b), é provável que o objeto direto possa ser livremente omitido nesse contexto independentemente do efeito de animacidade.

Nesse sentido, vamos verificar se os exemplos que não são aceites em PE são gramaticais em CM. Abaixo, (65) e (66) correspondem, respetivamente, a (55) e (56), sendo (55) considerado agramatical.

(65)

a. dāng wǒ yùdào pèidélúo, wǒ rèqíngdi qīn le [-] yīxià.

Quando eu encontrar Pedro, eu com ternura beijar já-ASP uma vez

Quando eu encontrei o *Pedro*, eu beijei [-] com ternura.

b. rúguǒ nǐ rènwéi mǎlǐ fán, wǒ jiù bù yāoqǐng [-] qù jùhuì le.

Se tu achar *Mária* chato, eu então não convidar para festa já-ASP

Se achas que a *Mária* é chata, eu não convido [-] para a festa.

(66)

a. dāng wǒ yùdào cuòwù, wǒ mǎshàng xiūgǎi [-].

Quando eu encontrar gralha, eu imediatamente corrigir

Quando eu encontro uma *gralha*, corrijo [-] imediatamente.

b. rúguǒ nǐ rènwéi nàběn shū fán, wǒ jiù bù mǎi [-] gěi mǎlǐ le.

Se tu achar esse livro chato, eu então não comprar para *Mária* já-ASP

Se achas que *esse livro* é chato, eu não compro [-] para a *Mária*.

Observa-se que os exemplos em (65) e (66) são todos gramaticais em CM. Assim, e tendo também em consideração as evidências de Li (2014) e de Tomioka (2003), é provável que a construção de objeto nulo não seja sensível à animacidade em contextos de frases complexas.

Por fim, no caso das frases simples, talvez também não exista tal restrição, como Costa e Duarte (2003) observam em PE. Importa ainda realçar que o objeto nulo em CM tem maior facilidade em preencher o seu conteúdo semântico por via de um tópico do discurso precedente (Huang, 1984; Li, 2014), como se mostra no exemplo (25), já anteriormente citado e repetido agora abaixo. Assim,

conseguindo o objeto nulo identificar o seu antecedente no discurso anterior, o objeto pode ser omitido, independentemente do traço de animacidade do seu antecedente. Veja-se os exemplos seguintes.

(25)

a- Shei kanjian le Zhangsan?

quem ver já-ASP Zhangsan

Quem viu Zhangsan?

b- Zhangsan shuo Lisi kanjian le e.

Zhangsan dizer Lisi ver já-ASP

Zhang diz que Lisi viu e.

(Huang, 1984, p. 539)

Huang (1984) apresenta o exemplo (25) para indicar que a categoria vazia no objeto direto em (25b) retoma como tópico o SN *zhangsan* em (25a), em vez do sujeito da matriz de (25b). Portanto, pode-se simplificar (25b) em (67).

(67) Lisi kanjian le e.

Lisi ver já-ASP

Lisi viu e.

O objeto nulo em (67) pode ser preenchido de acordo com o tópico repetido no discurso precedente, que pode ser *Zhangsan* (pessoa), “cão” ou “pão”. De seguida, o exemplo (68), paralelo a (58), evidencia na realidade que os referentes podem ser animados ou inanimados. Consequentemente, também não se verifica a restrição de animacidade.

(68)

a. A- *ānnà* ne?

Ana

A- E a *Ana*?

B- wǒ zuótiān zài zhǎnlǎn yùjiàn-le [-].

eu ontem em exposição encontrar-já

B- Encontrei ontem [-] na exposição.

b. A- *dàngāo* ne?

bolo

A- E o *bolo*?

B- ruòáng chī le [-].

João comer já-ASP

B- O João comeu [-].

Com base nas evidências ilustradas acima, que vão desde o contexto de ilhas até ao de frases simples, pode-se concluir não haver restrição de animacidade na omissão do objeto em CM.

Além disso, os diversos exemplos acerca do objeto nulo em CM mencionados em estudos sobre o tema (Cheng, 2013; Huang, 1984; Li, 2014; Xu, 1986), são essencialmente casos de omissão de objeto humano. Em geral, de acordo com a proposta de hierarquia referencial (Cyrino *et al.*, 2000), se é aceite a omissão do objeto correspondente ao ponto mais à direita da escala (isto é, objeto humano), é provável aceitar-se também o objeto nulo referente ao ponto mais à esquerda na escala (ou seja, objeto inanimado ou animado). Por conseguinte, isso parece evidenciar de forma direta que haverá ausência do efeito de animacidade na construção de objeto nulo em CM.

Note-se que vários estudos empíricos (Chang & Guo, 2014; Chi, 2006; Jiang, 2006), a ser discutidos detalhadamente no capítulo seguinte, também chegam a essa mesma conclusão.

Em síntese, ao contrário do relevante papel que a hierarquia referencial desempenha em português, parece que, em CM, não há grande influência da restrição da animacidade na construção de objeto nulo. Nomeadamente, quando o referente é o tópico do discurso, não se apresenta essa restrição em CM.

Capítulo II - Aquisição da Língua Segunda

O presente capítulo divide-se em duas secções, uma referente às descrições teóricas quanto à aquisição da linguagem, nomeadamente à aquisição de uma L2; a outra é sobre as descrições e observações dos estudos empíricos relativos às propriedades do objeto nulo e dos pronomes clíticos na aquisição de L1 e PL2.

Secção I - Aquisição da linguagem

Nesta secção, apresentam-se os mecanismos de aquisição da L1 e as hipóteses relativamente à aquisição de uma L2. Em particular, aborda-se a influência da L1 na aquisição da L2 e os respetivos resultados possíveis. De seguida, introduzem-se a hipótese de interface e os estudos empíricos de L2 sobre a aquisição de propriedades de interface.

2.1 Gramática universal e língua materna

Chomsky argumenta contra a perspetiva behaviorista, segundo a qual a aquisição da linguagem deriva da imitação das produções verbais da comunidade que as crianças integram. Por conseguinte, Chomsky e os seus seguidores acham que o ser humano nasce com um dispositivo hereditário que lhe permite adquirir a linguagem. Por outras palavras, a capacidade da linguagem é inata, equipada genética e biologicamente. Chomsky (1965) designa esta capacidade exclusiva ao ser humano como Dispositivo/Mecanismo de Aquisição da Linguagem (*Language Acquisition Device* = LAD), que lhe permite adquirir qualquer língua desde a nascença. Além disso, designa o equipamento ou o estado linguístico do início genético e biológico com o qual a criança nasce como a 'Gramática Universal' (GU), que possui um conjunto de Princípios e Parâmetros universais a todos os seres humanos.

Como se refere em 1.1, tais princípios são comuns a todas as línguas, permitindo a sua evolução para uma língua concreta, enquanto os parâmetros são variados nas línguas naturais. Tomemos como exemplo o português e o inglês, que são línguas SVO. Contudo, enquanto a língua portuguesa permite o objeto nulo, a língua inglesa tipicamente não permite a omissão do objeto. Isso quer dizer que, desde o estado inicial (de bebé) até ao estado final (de adulto) no processo da aquisição da linguagem, o indivíduo vai ativando o LAD de modo a adquirir com rapidez e uniformidade a língua a que é exposta na sua comunidade. Essa língua consiste num número finito de regras gramaticais derivadas do equipamento mental do ser humano. Simultaneamente a essa ativação, a criança vai fixando os parâmetros de uma

língua a que é exposta, ignorando automaticamente os parâmetros que não fazem parte da língua adquirida. Com base nisso, a criança apresenta criatividade durante a aquisição da linguagem, inclusive compreende e produz um número infinito de expressões que nunca antes ouvira nessa mesma língua, situação que Chomsky designou de "Problema de Platão". Além disso, muitos estudos têm procurado evidenciar a “pobreza do estímulo”, demonstrando que o processo da aquisição é rápido, universal e complexo, embora a criança receba um conjunto limitado de estímulos linguísticos.

A criança, portanto, ao adquirir uma língua a que é exposta, vai construindo uma gramática mental, de forma a adaptar a sua L1. Tipicamente, todas as crianças saudáveis conseguem adquirir com sucesso a sua L1. No entanto, a própria definição de L1 gera ainda discussão. Nos mais recentes estudos, a definição de L1 passa a ser mais alargada devido ao surgimento do conceito de bilinguismo, e passa a envolver, entre outros, um fator relevante, a *idade*. Uma criança bilingue consegue adquirir duas línguas maternas de forma semelhante a uma criança monolíngue em vários domínios morfossintáticos, sobretudo se o início de aquisição se dá antes dos quatro anos de idade (Meisel, 2008). Deste modo, a L1 é adquirida de forma espontânea através de interação natural nos anos precoces da vida, independentemente da ordem e da quantidade de línguas adquiridas.

Distinguem-se, tipicamente, os conceitos de língua segunda e de língua estrangeira consoante os contextos de aprendizagem e uso. Não obstante, segundo Madeira (2017), não há evidência significativa em relação aos contextos que distinguem o processo de aquisição da língua, seja no estágio em desenvolvimento das competências linguísticas, seja no estágio desenvolvido. Por conseguinte, designa-se como língua não materna ou língua segunda (L2) qualquer língua adquirida ou aprendida depois da L1.

2.2 Influência da L1

Sabemos que há algumas semelhanças entre a aquisição de uma L1 e a da L2, tais como a existência de criatividade no uso da competência adquirida, ou de propriedades análogas no percurso de aquisição. No entanto, os dois processos divergem também em certos aspetos, em virtude de serem de distinta natureza (Madeira, 2017). Uma das diferenças na aquisição de uma L2, comparando com a aquisição da L1, está relacionada com o efeito do conhecimento linguístico prévio, em particular, a influência da L1.

2.2.1 Hipótese da transferência

É certo que vários fatores influenciam a aquisição de uma L2. Contudo, os mesmos apresentam maior relevância no estágio inicial do processo de aquisição da L2. De seguida, apresenta-se uma hipótese que pretende descrever, sobretudo, o estágio inicial do processo de aquisição de L2: a Hipótese da Transferência Completa e do Acesso Completo (*Full transfer and full access* = FT/FA) proposta por Schwartz e Sprouse (1996).

De acordo com Schwartz e Sprouse (1996), a FT/FA sugere que o estágio inicial da aquisição de uma L2 corresponde totalmente ao estágio final da L1, designado por transferência completa. Além disso, quando falham em recorrer à gramática da L1, os aprendentes utilizam a opção da GU para restabelecimento dos parâmetros e reconstróem a gramática da L2 através das propriedades evidenciadas pelo *input* da L2. Isto designa-se "acesso completo".

Como se ilustra na figura 1, observam-se as seguintes características: em primeiro lugar, a gramática do estágio inicial da L2 é completamente derivada de todas as gramáticas da L1, enquanto o aprendente reconstrói a sua gramática de interlíngua desde que é exposto à L2. Em seguida, o aprendente da L2 não só recorre à L1 como também tem acesso à GU, quando as propriedades da L2 não são compreendidas ou interpretadas com base na gramática da L1. Com efeito, a gramática de interlíngua vai-se desenvolvendo ao passo que o desenvolvimento da L2 é restrito pela GU. Por fim, não está garantida a equivalência entre a gramática da L2 e a do falante nativo, pelo facto de que a influência da L1 ou da interlíngua faz diferir a gramática da L2 da que o falante nativo possui.

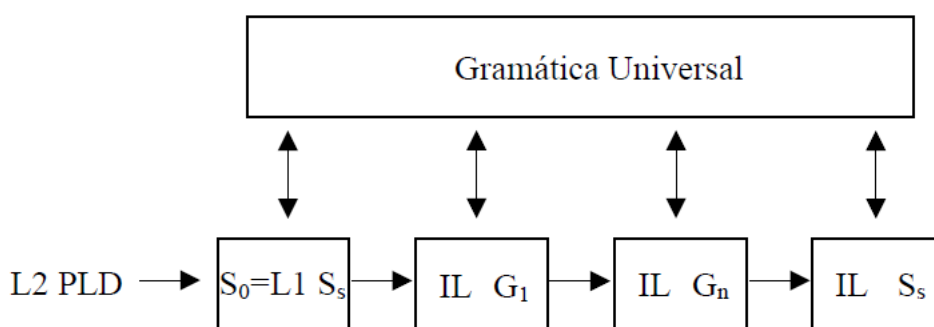


Figura 1. Hipótese da Transferência Completa e do Acesso Completo

(White, 2003, p. 61)

2.2.2 Resultados da transferência

A aquisição de uma L2 envolve o conhecimento linguístico prévio, nomeadamente, a gramática da L1, em conformidade com a hipótese da FT/FA. Há evidências relevantes, com base em vários estudos, a demonstrar que o aprendiz desenvolve de forma mais rápida o conhecimento linguístico da L2 quando encontra uma propriedade correspondente na L1, e vice-versa (Madeira, 2017). Por exemplo, Li e Flores (2019) testaram a flexão nominal e verbal em Português Língua não Materna (PL2) por aprendizes nativos de chinês. Enquanto em PE há concordância em género, número, pessoa e tempo numa frase completa, tal não é tipicamente aplicado ao chinês. É visível que este facto provoca nos aprendizes chineses de PL2 erros flexionais que ocorrem frequentemente no ato de fala. Por exemplo, os aprendizes chineses de PL2 substituem com frequência o feminino pelo masculino, e o pretérito perfeito/imperfeito pelo presente do indicativo. Assim, propriedades gramaticais como a concordância nominal e verbal são adquiridas mais tardiamente.

Mais concretamente, Ellis (2003) propõe quatro possibilidades de transferência da L1 que podem ocorrer no processo de aquisição da L2. Em primeiro lugar, a transferência positiva, que se dá ao adquirir uma propriedade semelhante entre a L1 e a L2. Em segundo, como no estudo mencionado previamente, a transferência negativa, que aparece quando a exposição à L2 encontra uma propriedade dissemelhante ou inexistente na L1, aumentando a taxa de erros produzidos. Para Ellis, a transferência da L1 pode ainda resultar na evitação. Por exemplo, os aprendizes chineses evitam aplicar a estrutura da oração relativa quando adquirem uma língua românica, pelo facto de que o chinês não possui uma estrutura equivalente. Por fim, a transferência da L1 pode provocar uma sobregeneralização em virtude da compreensão imperfeita de uma determinada propriedade da L2. Por exemplo, os aprendizes alemães de PL2 preferem usar o pronome forte como sujeito pleno na oração relativa em vez de referirem o sujeito da matriz, o que é agramatical em português. Isto acontece por não conhecerem bem a distinção em relação ao uso do pronome forte entre as duas línguas.

De modo geral, essas quatro possibilidades referidas vão surgir em quaisquer estádios de aquisição ou em quaisquer propriedades da L2. Com base nisso, o processo da aquisição de L2 é bastante complexo e variável.

2.2.3 Interlíngua

O conceito de Interlíngua (IL) derivado do modelo da análise contrastiva foi proposto por Selinker

em 1972, referindo-se a um sistema linguístico independente e único surgido no processo de aquisição de L2 de um aprendente individual, como se mostra na figura 1. Na prática, o aprendente de L2, de vez em quando, produz uma estrutura inexistente na sua L1 e diferente da L2. Com efeito, é perceptível que a IL difere de um falante para outro pois as produções dos aprendentes de L2 são variáveis (Selinker, 1972).

A partir dessa observação, segundo Ellis (2003), extraem-se as características principais da IL, nomeadamente:

a) Este sistema é permeável, o que significa que em qualquer um dos estádios de aquisição da L2 a gramática de IL que os aprendentes possuem vai mudando, isto é, eles vão construindo mais conhecimentos corretos da língua-alvo, aproximando-se da gramática da L2 que os falantes nativos têm. Quando a IL se aproxima do conhecimento semelhante ao de um falante nativo numa determinada área do saber, o fenómeno de fossilização¹⁷ é ultrapassado.

b) Tal sistema é dinâmico ou transicional. O mesmo é dizer que uma estrutura linguística se vai reconstruindo quando, através da exposição à L2, o falante encontra novas regras.

c) É sistemático em relação à variação. Os aprendentes cometem erros semelhantes em determinado estádio. Por isso, é possível aplicar metodologia científica à recolha de dados produzidos de forma a prever ou orientar a aquisição de L2.

Brown (2000, pp. 234–236) aponta quatro etapas na aquisição de L2:

a) A primeira é a etapa de erros aleatórios (*random error stage*), no qual o aprendente não tem consciência de uma determinada propriedade da L2;

b) A segunda é a etapa emergente (*emergent stage*), no qual o aprendente começa a interiorizar certas regras. Estas regras não correspondem exatamente à gramática da língua-alvo, mas são aceites e legitimadas na gramática mental do aprendente;

c) A terceira é a etapa sistemática (*systematic stage*), em que o aprendente apresenta uma maior consistência na produção da L2. Além disso, a diferença relevante entre a segunda e terceira etapas para o aprendente é a capacidade de corrigir os erros sempre que lhe são apontados;

d) A última chama-se a etapa de estabilização (*stabilization stage*), caracterizando-se pela capacidade do aprendente de se autocorrigir, apresentando poucos erros e elevada fluência na L2. Nesta

¹⁷ Este termo refere-se aos erros produzidos pelos falantes não nativos, e que estes não conseguem ultrapassar (Selinker, 1972).

etapa, é provável que o falante mantenha erros que não vão desaparecer no futuro, um sinal de fossilização.

É de notar que as etapas descritas acima não equivalem ao percurso total de aquisição da L2.

2.3 Interface

Sorace e Filiaci (2006) apresentam a Hipótese de Interface (HI), segundo a qual os aspetos gramaticais que envolvem propriedades de interface são muito mais difíceis de ser completamente adquiridos do que os de propriedades puramente sintáticas, podendo mesmo não chegar a ser adquiridos na totalidade. Por propriedades de interface entendam-se aquelas que integram conhecimentos de distintos domínios gramaticais, por exemplo da sintaxe e da pragmática, ou conhecimentos de uma propriedade gramatical, em particular, da sintaxe e de outros sistemas cognitivos (Madeira, 2017). Para Sorace e Filiaci (2006), duas consequências possíveis da aquisição do conteúdo de interface são o atraso no desenvolvimento linguístico e o efeito de fossilização. As autoras sugerem que isso resultaria da influência da L1 e se manifestaria em opcionalidade. Esta opcionalidade poderia ser explicada pela insuficiência dos recursos de processamento para integrar as informações envolvidas na interface. Por outras palavras, apresentam-se aí dois fatores salientes acerca da interface que são o *input* e os mecanismos cognitivos especificamente linguísticos baseados na L1 ou IL e restritos pela GU.

Sorace (2011) amplia o raio de ação da HI, aplicando-a também à situação bilingue. Aponta, contudo, que é difícil definir que aspetos linguísticos envolvem o fenómeno de interface e que tipos de interface pertencem à estrutura adquirível. Além disso, em conformidade com a autora, revela-se que a interface que envolve a sintaxe e o discurso está no nível de maior dificuldade de aquisição. Deste modo, o âmbito deste estudo é a aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos que fazem parte desse tipo de interface, ou seja, que se desenvolvem, talvez, no processo de aquisição mais tardiamente ou que podem até não ser adquiridos.

Muitos estudos apresentam-se a favor da HI (Sorace, 2011; Sorace & Filiaci, 2006; Zhao, 2009). Um desses estudos (Zhao, 2009) centra-se na aquisição do objeto nulo, que tem como objetivo testar falantes dos EUA de CM L2, cuja L1 é a língua inglesa¹⁸. Zhao (2009) analisa a construção de objeto nulo encaixado em CM, ilustrada abaixo, concluindo que ela apenas permite a interpretação como o tópico

¹⁸O inglês não permite tipicamente a ocorrência do objeto nulo (Zhao, 2009).

nulo disponível do discurso anterior. Deste modo, a propriedade do objeto nulo em CM envolve o fenómeno de interface, no qual os dois fatores relacionados são os aspetos sintático e discursivo.

(69) Zhangsan₁ shuo Lisi₂ renshi e₃ (tópico nulo)

“O Zhangsan₁ disse que o Lisi₂ conhece e₃.” (Zhao, 2009)

Os resultados de Zhao (2009) demonstram uma dificuldade significativa na aquisição do objeto nulo, nomeadamente para os aprendentes de nível mais baixo, que mostram preferência por um sujeito da matriz em vez de um referente do discurso. Aliás, são apenas os aprendentes de nível avançado que tendem a aceitar uma leitura diferente do sujeito da matriz. Neste sentido, o autor é favorável à HI, concluindo que as propriedades na interface de sintaxe e discurso não são fáceis de adquirir.

No entanto, há também estudos que argumentam contra a HI, por exemplo, o de Lobo, Madeira e Silva (2017) acerca da interpretação dos pronomes sujeito por falantes de PL2.

Sorace e Filiaci (2006) revelam que, em italiano L1, os falantes nativos preferem a retoma do sujeito nulo encaixado para o sujeito da matriz, e a retoma do sujeito pronominal (pleno) encaixado para uma posição diferente do sujeito. Com base nisso, nota-se que o uso do sujeito pleno envolve o fenómeno de interface. Os autores aplicam, então, esse conhecimento para testar os aprendentes ingleses¹⁹ de italiano L2. Com base nos dados recolhidos, conclui-se que a aquisição do sujeito pronominal encaixado se desenvolve muito mais tardiamente do que a do sujeito nulo encaixado. Além disso, Sorace (2011) acrescenta que os falantes de uma L1 com sujeito nulo também têm dificuldade na aquisição de uma L2 de sujeito nulo.

O mesmo uso em relação ao sujeito pleno encaixado ocorre em PE. Deste modo, Lobo *et al.* (2017) testam esse conhecimento em aprendentes italianos e em aprendentes alemães²⁰ de PL2. Os resultados revelam que a distinção entre o sujeito nulo e pleno é estabilizada no estágio precoce da aquisição de PL2 nos dois grupos, no entanto o grupo italiano de PL2 mostra um desenvolvimento mais significativo relativamente à aquisição do sujeito pleno encaixado. Isso traduz-se na possibilidade de adquirir completamente uma propriedade de interface no estágio precoce da aquisição de L2.

¹⁹ Importa realçar que não há sujeito nulo em inglês.

²⁰ O alemão não tem o mesmo sistema da interpretação em relação ao sujeito pleno encaixado que o PE e o italiano têm (Lobo et al., 2017).

Secção II - Aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos em L1 e PL2

Esta secção pretende descrever os estudos sobre a aquisição de propriedades do objeto nulo e dos pronomes clíticos em PL1, CL1 e PL2, de forma a verificar o desenvolvimento linguístico das propriedades referidas.

2.4 Aquisição de PL1

Um conjunto de trabalhos a destacar é da autoria de Costa e Lobo (2007, 2009), que se baseiam na proposta de Raposo (1986) de que o objeto nulo em PE é uma variável e de que não ocorre em contexto de ilhas. Os autores verificam que as crianças portuguesas aceitam a omissão do objeto em ilhas, em vez da produção dos pronomes clíticos como sendo substituto do objeto nulo. Com base nisso, inferem que, na aquisição de PL1, a omissão dos clíticos deve ser entendida como uma sobregeneralização da construção de objeto nulo.

Costa e Lobo (2007) aplicam um teste de produção oral induzida de forma a testar a aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos nas condições de ênclise, próclise e contexto de ilha. Os participantes do estudo foram divididos por três grupos: um grupo de 2-3 anos de idade, um de 4 anos e um de controlo adulto. Veja-se abaixo um exemplo da condição de ênclise citado por Costa e Lobo (2007, p. 62).

(70) Experimentador 1: Olha! Está aqui o Urso Pooh. Ele hoje encontrou o Tigre e achou que o tigre estava muito despenteado... Ah! Ele tem uma escova! Olha para o que o Pooh fez ao tigre.

Fantoches: Eu sei! Ele lavou o tigre!

Experimentador 1: Não... não lavou nada. Diz-lhe lá o que o Pooh fez ao tigre! Reposta esperada: penteou-(o).

Os resultados da condição de ênclise mostram, por um lado, que tanto os adultos como as crianças produzem objetos nulos, embora a taxa de produção dos adultos seja inferior à das crianças; por outro lado, demonstram que existem muito poucos casos de produção clítica nos dois grupos de crianças (grupo de 2-3 anos: 7,31%; grupo de 4 anos: 4,76%), comparando com a taxa do grupo de controlo adulto (44,44%). Além disso, tendo em conta todas as condições, a taxa de produção clítica é de 10% no grupo de 2-3 anos e 13,95% no grupo de 4 anos, ao passo que a do grupo dos adultos é de 76,92%.

Os resultados de um teste de compreensão confirmam o mesmo fenómeno do uso do objeto nulo e dos clíticos referido para as crianças de PL1 (Costa & Lobo, 2009). Em suma, enquanto o objeto nulo

se adquire no estado precoce, a aquisição de clíticos desenvolve-se mais tardiamente; e talvez ocorra uma sobregeneralização da construção de objeto nulo.²¹

Costa, Lobo e Silva (2009), baseando-se nas análises dos dados de Costa e Lobo (2007, 2009), evidenciam que as crianças de PL1 associam propriedades pragmáticas à construção de objeto nulo. Por outras palavras, as crianças entendem bem cedo que o objeto nulo pode ser preenchido a nível semântico pelas informações pragmáticas quando selecionam como antecedente do objeto nulo a presença do referente no discurso. No entanto, elas apenas produzem objetos nulos no contexto adequado e não os substituem aleatoriamente por pronomes fortes ou DPs plenos (Costa *et al.*, 2009).

Um estudo mais recente de Flores, Rinke e Sopata (2020) vem contrariar a conclusão de que as crianças de PL1 de 4-6 anos recorrem generalizadamente à omissão do objeto em todos os contextos testados (Costa & Lobo, 2007). As autoras aplicam um teste de produção induzida a crianças de PL1, com idades variadas entre, aproximadamente, os 3 e os 9 anos de idade, e a adultos de PL1, focado na realização do objeto direto com base em dois traços: o da acessibilidade e o da animacidade. Os resultados demonstram, de uma forma geral, que, com o avançar da idade, o uso do objeto nulo tende a diminuir e o dos clíticos a aumentar em qualquer uma das condições testadas. De resto, a comparação estatística mostra que a performance das crianças mais velhas se aproxima da dos adultos.

Por conseguinte, estes estudos parecem ilustrar uma tendência diminutiva relativamente ao uso do objeto nulo com o avançar da idade. Em contraste, o uso dos pronomes clíticos aumenta gradualmente à medida que se estabiliza a sua aquisição. Esse fenómeno contrastivo não só se deve à substituição de um pelo outro quando na mesma posição sintática, mas também às características subjacentes do PE.

Em seguida, discute-se o efeito da animacidade na omissão do objeto.

Um estudo de Rinke, Flores e Sopata (2019) aplica o mesmo teste supracitado (cf. Flores *et al.*, 2020) a crianças bilingues de português-alemão (idade média: 8,3; DP=1,33) que têm o PE como língua de herança, falada em casa desde a nascença. Importa realçar que o presente estudo também reaplica o teste experimental de Rinke, *et al.* (2019). Então, este teste incide sobre a expressão do objeto direto em três contextos, dois dos quais distinguindo objeto animado e inanimado. Em contexto de objeto inanimado espera-se uma maior tendência para o uso do objeto nulo, cujo resultado mostra uma taxa de

²¹ Contradizendo a observação de que nenhum adulto usa o objeto nulo em ilhas (Costa & Lobo, 2007), Rinke *et al.* (2017) encontram alguns casos em que portugueses adultos produzem espontaneamente objetos nulos em orações subordinadas, por exemplo, “eu fui que procurei Ø.” ou “Desde que eu comecei a conhecer Ø, apenas havia uma tasca na freguesia.” Há ainda evidência de testes de compreensão que mostra a aceitação do objeto nulo em ilhas por alguns adultos de PL1 (Costa & Lobo, 2009). Por este motivo, seria melhor com efeito rever a restrição do objeto nulo em ilhas, de forma a entender melhor a natureza do objeto nulo em PE, pelo facto de que a conclusão da sobregeneralização do objeto nulo é mormente dependente da restrição de ilhas.

33,1%, ao passo que, em contexto animado, a taxa de objeto nulo desce para 25,5%. Além disso, a taxa da produção dos clíticos é de 43,9% e 56,2% no contexto inanimado e animado, respetivamente. Deste modo, os autores concluem que o efeito de animacidade influencia a omissão do objeto.

Por sua vez, de acordo com os dados de Flores, *et al.* (2020), seria expectável que as crianças de idade superior a sete anos fossem mais sensíveis ao efeito de animacidade na omissão do objeto. Nas crianças maiores de sete anos, na condição inanimada e da pergunta acessível diretamente ao objeto, a taxa da produção do objeto nulo é de 29,4%; em contraste, na condição animada, a taxa desce para 6,5%. Ainda se contrastam a taxa dos clíticos na condição inanimada (62,7%) e a taxa dos clíticos na condição animada (89,1%), o que ilustra um aumento relevante. Para além disso, as autoras verificam que a aquisição do traço de animacidade envolvido na construção de objeto nulo se desenvolve mais tardiamente do que a do traço de acessibilidade.

Rinke, Flores e Barbosa (2017) também testaram os efeitos da animacidade em adultos monolíngues portugueses, mostrando que a taxa de omissão é de apenas 6,6% no grupo monolíngue mais jovem, e de 9,1% no grupo monolíngue mais velho, quando se encontra um objeto animado. Um outro estudo sobre a aceitabilidade do objeto nulo por adultos monolíngues de PE (Castro, 2016) demonstra que os efeitos de animacidade distinguem, de facto, a omissão do objeto, independentemente da estrutura sintática em que o objeto nulo ocorre (frases simples ou ilhas).

Assim sendo, os estudos referidos apresentam evidência da influência da animacidade na produção de objetos nulos com o avançar da idade. Parece que os falantes adultos nativos aceitam gramaticalmente o objeto nulo com referentes inanimados em contexto adequado. Isto vem aparentemente confirmar a sugestão acerca da hierarquia referencial proposta por Cyrino *et al.* (2000). No entanto, falta ainda evidência empírica relativamente à sensibilidade da omissão do objeto com referentes com os traços [+animado, +humano] em português.

Em síntese, a fala adulta em PE dispõe tanto de objetos nulos como de clíticos, mas a sua distribuição é regida por fatores discursivos e semânticos. Na produção, os adultos parecem preferir os clíticos em vez do objeto nulo em determinados contextos. Além disso, em geral, há uma preferência pela omissão do objeto inanimado em vez do objeto animado ou humano.

2.5 Aquisição de CL1

Recorde-se uma conclusão feita anteriormente, em 1.4, em relação aos pronomes clíticos em CM: a de que eles muito provavelmente não existem. Assim, esta parte centra-se na aquisição do objeto nulo em CL1.

Li (2017) analisa a aquisição do objeto nulo por crianças de CL1, comparando-as com adultos pós-graduados de CL1, através da aplicação de um teste de produção induzida. Tanto os adultos como as crianças usam o objeto nulo no discurso, contudo as crianças produzem-no com maior frequência do que os adultos.

Chi (2006), por sua vez, aplica um teste de juízo de preferência a aprendentes ingleses de CM L2 e a um grupo de adultos pós-graduados de CL1. Mostra-se abaixo um dos itens testados nesse estudo em relação ao objeto nulo, em que este é considerado um tópico do discurso omitido.

(71) Xiawu you jingju biaoyan, make xiang kan zheci bioayan.

“Há um espetáculo da ópera de Pequim à tarde, o Mark quer vê-la.”

Suiran ta tingbudong jingju, danshi _____.

“(Embora) ele não conheça a ópera de Pequim, mas _____.”

A. ta hen xiangxue \emptyset .

B. ta hen xiangxue *ta*²².

A. “ele quer muito aprender \emptyset .”

B. “ele quer muito aprender *ela*.”

C. ta hen xiangxue *Jingju*.

D. ta hen xiangxue *tamen*.

C. “ele quer muito aprender *a ópera de Pequim*.” D. “ele quer muito aprender *elas*.”

Adaptado do Chi (2006, p. 36)

Observe-se que as primeiras três respostas são aceites por falantes de CL1, com exceção da última resposta que é considerada agramatical. Segundo Chi, no grupo de controlo, a opção com objeto nulo, como a opção A, é escolhida 68 vezes, representando 85%. Por conseguinte, conclui-se que na fala adulta de CL1 se omite com frequência o objeto direto quando este é um tópico repetido do discurso.

A seguir, considera-se a influência da animacidade na omissão do objeto.

No estudo de Li (2017), com base nos traços [\pm animado] e [\pm humano], dividem-se os objetos nulos em três tipos, o objeto [-animado, -humano], o [+animado, -humano] e o [+animado, +humano], que são

²² “*ta*”, neste caso, corresponde em chinês mandarim à palavra “*它*” para indicar o objeto não humano, independente do género. Não obstante, é gramatical usar o pronome forte como substituto do objeto nulo em mandarim.

testados através de um teste de produção induzida, baseado num vídeo. O resultado mostra que, por um lado, as crianças omitem o objeto em todos os três contextos, mas, com pouco menos frequência quando se refere a entidades com traço [+animado, +humano]; por outro lado, os adultos preferem usar estruturas de objeto nulo a recuperar entidades com traço [-animado, -humano] e [+animado, -humano]. Isto é, parece que a criança usa o objeto nulo pela distinção do traço [\pm humano], ao passo que o adulto se baseia no traço [\pm animado].

Contudo, Jiang (2006) apresenta, embora indiretamente, um resultado diferente. O seu estudo testa a aquisição do objeto direto por aprendentes chineses universitários de inglês L2. Aplicando um teste de juízo de aceitabilidade, o autor avalia a aceitabilidade do objeto nulo animado ou inanimado (veja exemplo 72), utilizando uma escala de 5 a 1, sendo 5 completamente gramatical, e 1 agramatical.

(72) a. *She saw a tie and bought for me as a birthday present. (objeto inanimado)

b. *Jonh fears his father, but his brother does not fear. (objeto animado)

(Jiang, 2006, pp. 30–31)

Repare-se que os itens animados como (72b) neste estudo são, de facto, humanos. De acordo com a proposta de hierarquia referencial de Cyrino *et al.* (2000), se se aceitasse a omissão do objeto humano, também se deveria aceitar a do objeto animado.

Os resultados indicam que os aprendentes tendem a aceitar as frases exemplificadas, independentemente da animacidade, ou seja, não se verifica assimetria quanto à omissão do objeto animado e inanimado. Os aprendentes elementares, em particular, revelam uma aceitabilidade elevada, com uma média de 3,43 em contexto de objeto nulo inanimado em frase matriz, e uma média de 3,48 no objeto nulo animado em frase matriz. Estes números explicam-se pelo efeito da L1 (Jiang, 2006), o que é corroborado num trabalho recente de Chang e Guo (2014).

Existe, ainda, a hipótese de a diferença entre os resultados dos estudos referidos (Jiang, 2006; Li, 2017) se dever à tipologia do teste experimental. O teste de Li (2017) baseia-se num vídeo, em que se apresentam ao mesmo tempo vários objetos antes da colocação das perguntas. É provável que esse facto afete a justificação da omissão do objeto. Deste modo, com base nas análises teóricas em 1.7.3, não parece que a animacidade tenha muita influência na omissão do objeto quando se considera o objeto nulo como o tópico discursivo.

Em síntese, os adultos de CL1 utilizam bastante a construção de objeto nulo na língua oral. Parece

que os efeitos da animacidade têm pouca influência na omissão do objeto.

2.6 Aquisição de PL2

Há poucos trabalhos sobre aquisição de PL2 relativa ao objeto nulo (ou omissão de clíticos). Existem alguns estudos acerca da aquisição de clíticos, incluindo a aquisição da colocação pronominal (Fiéis & Madeira, 2016; Gu, 2019; Madeira & Xavier, 2009). Estes estudos usam principalmente uma metodologia de produção, quer oral quer escrita, que melhor se aproxima do uso real do objeto nulo e dos clíticos por parte dos falantes.

Madeira e Xavier (2009) testam os falantes nativos de línguas românicas e germânicas de PL2, no que diz respeito à aquisição dos pronomes clíticos, através de um estudo de *corpus* baseado numa tarefa de escrita de um texto e o teste de juízos de gramaticalidade.

Os dados do estudo de *corpus* revelam que todos os falantes de PL2, por um lado, não usam com frequência o objeto nulo e, por outro lado, usam os pronomes clíticos e aceitam muito mais a ênclise em vez da próclise no estágio inicial.

Combinando estes resultados com os do teste de juízos de gramaticalidade, Madeira e Xavier (2009) sugerem que os conhecimentos das propriedades específicas da sintaxe de PL2 se desenvolvem gradualmente desde o estado precoce, nomeadamente, os dos pronomes clíticos. Além disso, os autores concluem que não há relevantes efeitos da L1 na aquisição de PL2, pelo facto de que a diferença no desempenho dos participantes não é significativa.

Fiéis e Madeira (2016) procuram investigar se há uma estratégia do objeto nulo (ou a omissão do clítico) na aquisição dos clíticos de PL2, a qual é observada na aquisição da L1 e caracterizada por uma taxa elevada de uso do objeto nulo. Os autores aplicam dois testes, uma tarefa de produção induzida (oral ou escrita) e outra tarefa de compreensão baseada em juízos de valor de verdade, para testar os três grupos de participantes de nível intermédio (falantes de inglês L1, espanhol L1, chinês L1).

Recorde-se que, dadas as diferenças entre as línguas referidas na aquisição do objeto nulo de PL2, os resultados divergentes dos falantes de diferentes L1s permitem concluir se há efeitos de L1. Considera-se o inglês como língua que não tem clíticos nem objeto nulo; o chinês com objeto nulo, mas sem clíticos; e o espanhol com clíticos, mas sem objeto nulo.

Os resultados deste estudo, em primeiro lugar, ilustram claramente que o grupo de CL1 apresenta uma preferência significativa pela construção de objeto nulo, quer em contexto de frases simples quer

em contexto de ilha. Em particular, em contexto de frases simples na tarefa de produção, regista-se uma taxa de omissão de 55,9% no grupo de CL1, ao passo que a do inglês L1 e do espanhol L1 são, respetivamente, de 0% e 12,7%. Além disso, embora a taxa de ocorrência do objeto nulo em contexto de ilhas na tarefa de produção²³ diminua significativamente (14,3%), ainda é uma taxa relativamente alta, uma vez que os outros dois grupos rejeitam o objeto nulo em ilhas. Finalmente, na tarefa de compreensão, o grupo de CL1 regista a mesma tendência relativamente à aceitação do objeto nulo que se observa na produção, contrastando com os outros grupos.

Em segundo lugar, o grupo de CL1 não manifesta uma preferência marcada por clíticos. A taxa de produção de clíticos em contexto de frases simples é de apenas 26,9%, distinguindo-se claramente dos outros dois grupos que manifestam uma forte preferência pela produção de clíticos (71,3% no grupo de inglês L1 e 79,7% no de espanhol L1). Além disso, o grupo de inglês L1 e de espanhol L1 continuam a manifestar preferência por clíticos na tarefa de compreensão. No entanto, verifica-se uma assimetria relevante entre a taxa da produção de clíticos (26,9%) e a da aceitação de clíticos (96,6%) para o grupo de CL1 em contexto de frases simples. Há também outro contraste marcado entre a taxa de produção de clíticos em ilha (14,3%) e a de aceitação de clíticos em ilha (60,7%).

Em terceiro lugar, talvez a produção de DPs plenos seja uma alternativa a que o grupo de CL1 recorre. Na tarefa de produção em frases simples, todos os grupos produzem DPs plenos. Já na tarefa de produção em ilhas, o grupo de CL1 distingue-se dos outros dois grupos pela recorrência à produção de DPs plenos (a taxa é 21,4%). Em comparação, no trabalho de Gu (2019), em que também se aplica o teste de produção induzida a chineses aprendentes de PL2, regista-se a preferência marcada pelo uso de DPs plenos, cuja taxa é superior à do objeto nulo e dos clíticos.

Além disso, Fiéis e Madeira (2016) verificam que o comportamento do grupo de inglês L1 e de espanhol L1 é idêntico ao dos falantes de PL1. Pressupõem também que o comportamento do grupo de CL1 seja semelhante ao das crianças de PL1, que apresentam uma sobregeneralização da construção de objeto nulo, baseando-se na comparação com os dados de Costa e Lobo (2007, 2010). Portanto, se quisermos determinar se o mesmo fenómeno em relação ao objeto nulo se verifica em português e chinês, temos de fazer uma observação mais profunda do desenvolvimento linguístico de falantes chineses de PL2 desde o nível elementar até ao nível avançado.

²³ Considera-se como agramaticalidade a ocorrência do objeto nulo em ilhas (Raposo, 1986). Num trabalho mais recente, Raposo (2004) revela que os efeitos de ilha na construção de objeto nulo são demasiado restritos em PE. No entanto, em geral, o facto de que os objetos nulos não são passíveis de ocorrer em ilhas é reconhecido pelos maiores linguistas portugueses. Os autores do presente estudo estão favoráveis a esta opinião.

Em suma, “as assimetrias que se observam entre os grupos apontam para a existência de efeitos de transferência da L1” (Fiéis & Madeira, 2016, p. 454). Verifica-se, nomeadamente, a aceitação elevada do objeto nulo (ou a omissão dos clíticos) por parte do grupo de CL1 nos contextos referidos, enquanto pelos outros grupos a aceitação é bastante menor. Comparando com os dados de Grüter e Crago (2012) de crianças de falantes chineses que adquirem francês como L2²⁴, no que diz respeito à aquisição de clíticos, Fiéis e Madeira (2016) sugerem que as propriedades particulares de PL2 – a dificuldade do uso de clíticos e a disponibilidade do objeto nulo – influenciam o processo da aquisição dos pronomes clíticos.

Contudo, ao contrário do que se observa sobre a preferência do objeto nulo no estudo de Fiéis e Madeira (2016), Gu (2019) verifica que a taxa de produção do objeto nulo é bastante reduzida (por volta de 10% nos resultados globais). Isto parece derivar da tipologia do teste, que distingue clíticos não reflexos e reflexos: os falantes chineses produzem mais clíticos no contexto reflexo²⁵ e mais DPs plenos no contexto não reflexo.

Por outro lado, não se verifica a assimetria que Fiéis e Madeira (2016) observam entre a produção do objeto nulo em contexto de frases simples e em contexto de ilhas. Os participantes chineses de PL2 produzem até mais objetos nulos em contexto de ilha, o mesmo é dizer que não são sensíveis às restrições sintáticas da construção de objeto nulo em PE. Esta observação evidencia, mais uma vez, os efeitos de L1, que influencia a aquisição do objeto nulo em PL2.

Por fim, também Gu (2019) confirma que a produção dos clíticos não é a opção preferida dos aprendentes chineses.

Além disso, parece ainda faltarem estudos voltados para a aquisição adulta de PL2 ou para falantes chineses de PL2 em relação à influência da animacidade na omissão do objeto.

Em síntese, a aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos para os aprendentes chineses de PL2 parece ser determinada tanto pelas propriedades da L1 dos aprendentes quanto pelas propriedades específicas da L2.

²⁴ O francês não permite a construção de objeto nulo (Grüter & Crago, 2012).

²⁵ Na verdade, é ilegítimo não produzir o clítico no contexto reflexo (Matos, 2003).

Capítulo III O Presente Estudo

Nos últimos capítulos, apresentaram-se as análises teóricas em relação à natureza e às propriedades do objeto nulo e dos pronomes clíticos, bem como trabalhos relevantes acerca da aquisição da linguagem e, em particular, a aquisição do objeto em PE. Este capítulo, centra-se na apresentação detalhada do presente estudo. Quanto aos participantes e à metodologia experimental, este estudo é constituído por quatro grupos experimentais: três grupos de aprendentes chineses de PL2 (organizados por nível linguístico) e um grupo de controlo de falantes nativos de PE. A metodologia recorre a um teste experimental de produção induzida.

3.1 Objetivos

Na secção II do capítulo I, mostrou-se que o objeto nulo em PE é, geralmente, recuperado por um referente imediatamente acessível no discurso precedente em que ocorre tal categoria vazia em contexto de frases simples, nomeadamente no contexto de par pergunta/resposta, sendo restrito pela distância referencial, ao passo que o objeto nulo em CM remete, tipicamente, ao tópico do discurso. Não obstante, em PE, a omissão do objeto direto apresenta, de algum modo, a restrição da animacidade, enquanto que, em CM, tal restrição parece não ser relevante. Em PE, o objeto nulo concorre com os pronomes clíticos na referência ao objeto tópico.

Com base nas observações dos estudos empíricos ilustrados no capítulo II, revelou-se um contraste no desenvolvimento linguístico entre o objeto nulo e os pronomes clíticos na aquisição de PL1, moldado significativamente pela restrição da animacidade. Além disso, em termos de PL2, as dificuldades na aquisição dos pronomes clíticos experienciadas pelos aprendentes chineses parecem ocorrer, de forma generalizada, no estágio inicial da aquisição de PL2, tal como sucede no estágio precoce da aquisição de PL1.

Por conseguinte, o presente estudo tem como objetivo (i) analisar as estratégias de referência do objeto por aprendentes chineses de PL2 e por falantes nativos; (ii) explorar a restrição da animacidade na omissão do objeto para tais participantes; e (iii) observar o efeito do desenvolvimento linguístico em aprendentes chineses, comparando-as às ocorrências em crianças de PL1, em relação ao objeto nulo e aos pronomes clíticos.

3.2 Questões e hipóteses

Com base em observações teóricas e empíricas indicativas de um contraste entre o uso do objeto nulo e dos pronomes clíticos, quer na propriedade sintático-discursiva quer na propriedade semântica, durante a aquisição da linguagem, pretende-se responder neste estudo às seguintes **oito** questões de investigação:

Questão 1. Os aprendentes adultos chineses de PL2 de nível elementar adquirem o objeto nulo do PE com todas as suas propriedades, em comparação com o grupo do controlo?

Questão 2. Existe um efeito de desenvolvimento desde o nível de proficiência elementar até ao nível mais avançado? Por sua vez, as taxas de uso do objeto nulo apresentam uma tendência para diminuírem?

Questão 3. Os aprendentes chineses de PL2 de nível elementar já usam pronomes clíticos?

Questão 4. Há diferenças no uso dos pronomes clíticos nos dois grupos mais avançados? Neste caso, as taxas de uso apresentam uma tendência para aumentarem?

Questão 5. Como se desenvolve o uso de SNs? Se os aprendentes recorrem à estratégia do recurso ao SN, esta deve-se à existência de uma estratégia de evitação dos clíticos?

Questão 6. Se houver altas taxas de omissão do objeto na aquisição de PL2, isto resulta da dificuldade de aquisição dos pronomes clíticos, da disponibilidade do objeto nulo em CM, ou de ambas?

Questão 7. Os aprendentes adultos chineses de PL2 de nível elementar distinguem o objeto inanimado do objeto animado quando omitem o objeto? O que sucede com os outros dois grupos mais avançados?

Questão 8. Existem diferenças significativas entre os grupos, relacionadas com a sensibilidade ao traço [animacidade]? Qual traço, [animado] ou [humano], influencia prototipicamente a omissão do objeto?

Em seguida, comparando os dados recolhidos dos aprendentes classificados por nível linguístico,

pretende-se levantar as seguintes hipóteses:

Hipótese 1. Há transferência completa (= *full transfer*) da L1 em estádios iniciais do desenvolvimento do português.

Se sim, os participantes de nível elementar não produzirão clíticos e produzirão mais objetos nulos ou SNs do que os participantes de níveis mais avançados e do que o grupo de controlo. Para além disso, não se distinguirá objeto inanimado de animado no estádio inicial.

Se não há efeitos da influência da L1, o grupo de nível elementar de PL2 produzirá pronomes clíticos e estará sensível ao traço [animacidade].

Hipótese 2. Há uma tendência de diminuição da omissão do objeto, desde o estádio inicial até ao estádio avançado de aquisição nos falantes chineses de PL2, tal como sucede no processo de aquisição de PL1.

Se sim, revelar-se-á uma tendência para a diminuição do uso de objeto nulo e uma tendência para o aumento do uso de pronomes clíticos, a partir do estádio intermédio.

Se não, haverá sempre taxas elevadas de omissão do objeto, em todos os grupos.

Hipótese 3. Há estratégia de evitação dos pronomes clíticos ao longo do processo de aquisição do PE.

Se sim, haverá uma preferência pelo SN a partir do nível intermédio a par da diminuição do uso da omissão do objeto. Em particular, revelar-se-á uma tendência significativa de aumento do uso do SN, quando o referente é inacessível ou animado.

Se não, recorrer-se-á mais aos pronomes clíticos, e não a SNs.

Hipótese 4. Há um efeito de animacidade na omissão do objeto.

Se sim, em semelhança ao grupo de controlo, os aprendentes de PL2 recorrem à omissão do objeto inanimado em todos os grupos de proficiência. Além disso, usarão mais pronomes clíticos para representar objetos animados ou humanos.

Se não, nos grupos de PL2 haverá uma frequência mais elevada de objetos nulos ou de omissão dos clíticos quando o objeto é animado.

Hipótese 5. Há influência do traço [humano] na omissão do objeto.

Se sim, haverá uma discrepância mais significativa entre o uso do objeto [- humano] e o [+ humano] do que entre o objeto inanimado e o animado quanto à omissão do objeto. Ao mesmo tempo, recorrer-se-á mais ao pronome clítico ao recuperar os objetos humanos.

Se não, não haverá assimetria no uso do objeto nulo ou do pronome clítico quanto ao objeto animado e humano.

3.3 Metodologia

Antes de mais, declara-se que todos os participantes do presente estudo deram o seu consentimento informado (ver anexos 1 e 2), antes da participação formal no teste experimental. O projeto obedece aos requisitos éticos exigidos e foi aprovado pela Comissão Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Minho a 12 de dezembro de 2019 com a referência CEICSH 103/2019 (ver anexo 1).

3.3.1 Participantes

Este estudo contou com a participação de 60 informantes (ver anexo 3.3.1), que foram selecionados com base num inquérito individual e/ou num teste de proficiência linguística em PE, apresentado na secção seguinte. Os participantes foram divididos em quatro grupos: 15 estudantes universitários chineses de PL2 de nível elementar, 15 estudantes universitários chineses de PL2 de nível intermédio, 15 estudantes universitários chineses de PL2 de nível avançado e 15 falantes nativos de PL1, igualmente estudantes universitários. Tais participantes foram recrutados na Universidade do Minho (através, por exemplo, do centro de línguas BabeliUM e do Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês) e na Universidade de Lisboa (através, por exemplo, do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e do Mestrado em Português como Língua Estrangeira/ Língua Segunda).

Relativamente à seleção referida acima, antes da participação no teste de produção induzida (ver secção 3.3.3), todos os participantes foram formalmente informados acerca dos procedimentos do presente estudo, não lhes tendo sido, no entanto, dada informação sobre o objetivo específico do teste. Em seguida, os participantes chineses preencheram um inquérito individual e um teste de proficiência

linguística em PE (ver anexo 1), adaptado do teste DIALANG²⁶ (ver secção 3.3.2), ao passo que os falantes portugueses apenas realizaram um inquérito individual (ver anexo 2).

Esta etapa teve como finalidade a exclusão de todos os casos que não correspondiam ao perfil definido para o estudo. Os critérios para inclusão dos participantes foram os seguintes: 1) A língua materna dos participantes teve de ser PE ou CM; 2) Os participantes são adultos e estudantes universitários; 3) Os participantes não falam ou não estão a adquirir outras línguas com objeto nulo e/ou pronome clítico; 4) Para os participantes chineses, considera-se o PE como a sua língua segunda.

Tendo estes critérios em conta, nove falantes chineses foram excluídos: uma falante estudava PB, três tinham como L1 o cantonês, outros cinco excluem-se apenas porque o grupo das respetivas proficiências tinha sido já inteiramente preenchido. Nenhum dos participantes portugueses foi excluído.

3.3.1.1 Grupos experimentais

Os 45 participantes chineses encontram-se divididos em três grupos, conforme referido, com base nos resultados do teste de proficiência linguística em PE.

No grupo de nível elementar, 15 participantes têm idades entre 20 e 23 anos (média: 20,3; DP: 1,06). Frequentam a licenciatura de língua portuguesa na China há aproximadamente dois anos e estudam o PE em Portugal há uma média de dois meses. Além disso, seis falantes são do género masculino e nove do feminino.

No grupo de nível intermédio, as idades dos 15 participantes chineses variam entre 20 e 23 anos (média: 21,27; DP: 1,06). Estes estudam o PE há aproximadamente três anos e estão em Portugal há cerca de seis meses. Este grupo é composto por seis falantes masculinos e nove femininos.

Quanto ao grupo de nível avançado, 12 dos 15 participantes frequentam um mestrado ou doutoramento na Universidade do Minho ou na Universidade de Lisboa, e os restantes frequentam uma licenciatura, tendo idades entre os 20 e 27 anos (média: 22,87; DP: 1,89). Em geral, estudam PE há mais de quatro anos e estão em ambiente de imersão, em Portugal, em média, há mais de um ano. Neste grupo, há três falantes masculinos e doze falantes femininos.

Por fim, é de notar que todos os participantes chineses consideram o mandarim a sua L1. O ambiente de imersão na aprendizagem de PE não foi experienciado por nenhum dos participantes antes

²⁶ O DIALANG consiste num sistema de testes diagnósticos de aferição do nível de proficiência linguística criado de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. <https://dialangweb.lancaster.ac.uk/>

da chegada a Portugal, sendo, na China, o contacto com o PE limitado ao contexto de sala de aula. Importa ainda realçar que nenhum destes participantes fala outras línguas que possuam a construção de objeto nulo e pronomes clíticos, e todos têm a língua inglesa como outra língua estrangeira.

3.3.1.2 Grupo de controlo

O grupo do controlo é composto por 15 falantes nativos de PE (14 de sexo feminino), sendo que 10 dos participantes são estudantes de licenciatura e os outros 5 frequentam cursos de mestrado, maioritariamente na área das letras. A variação da idade dos participantes portugueses situa-se entre os 19 e os 26 anos (média: 20,8; DP: 1,94).

3.3.2 Teste de proficiência linguística em PE

3.3.2.1 Estrutura do teste e pontuação

O teste de proficiência linguística em PE (ver anexo 1) é construído com base no projeto DIALANG, que testa os falantes em cinco competências: compreensão escrita, compreensão oral, expressão escrita, domínio vocabular e estruturas gramaticais. Tal projeto permite avaliar as competências linguísticas dos participantes, de acordo com os requisitos do *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QEER)*.

O presente teste de proficiência adota por inteiro o do projeto DIALANG na área de competência do domínio vocabular, e tem como finalidade a classificação da proficiência linguística em PE dos participantes chineses, analisando o seu conhecimento lexical.

O teste contém 75 palavras, das quais 25 são palavras inventadas, e as restantes pertencem, de facto, ao léxico português. Ademais, todas as palavras testadas pertencem à classe dos verbos; mesmo as palavras inexistentes em PE seguem as regras portuguesas de formação de verbos. No decorrer do teste, o participante deve indicar se cada uma das palavras apresentadas existe ou não em português, selecionando o respetivo botão (o botão *sim* se considera que a palavra existe, e o botão *não* se se tratar de uma palavra inventada).

Cada palavra testada vale 10 pontos, assim, a pontuação máxima do teste de proficiência linguística de PE é de 750. No caso de o participante selecionar uma opção correta, obtém 10 pontos, caso contrário, não lhe são atribuídos pontos.

A aferição da proficiência em PE baseia-se geralmente no sistema de classificação de níveis de

proficiência linguística adotado pelo projeto DIALANG, que consiste em 6 níveis (A1, A2, B1, B2, C1 e C2). Não obstante, o presente estudo opta por classificar a proficiência dos participantes em 3 níveis (elementar, intermédio e avançado), que correspondem tipicamente aos níveis A, B e C do projeto DIALANG. Segue abaixo a tabela (4) de classificação da proficiência linguística em PE.

Níveis	Escala de pontuação
elementar	0-250
intermédio	260-550
avançado	560-750

Tabela 4. Classificação da proficiência linguística em PE

Tal classificação é apropriada para comprovar os progressos a longo prazo da aquisição de uma língua, porque esta, em geral, se desenvolve de forma mais fácil e rápida num nível mais baixo do que num nível mais alto.

3.3.2.2 Resultados do teste de proficiência lexical

A seguir, apresenta-se a tabela (5) com os resultados do teste de proficiência, divididos por grupos.

grupos	pontuação mínima	pontuação máxima	pontuação média	DP
elementar	130	250	192,67	35,93
intermédio	290	550	475,33	73,34
avançado	560	640	592,67	20,85

Tabela 5. resultados dos grupos no teste de proficiência lexical

De notar que no grupo intermédio se verifica uma variação significativa na pontuação obtida (DP: 73,34), enquanto a pontuação média se situa numa escada relativamente alta (média: 475,33). Isto quer dizer que os participantes do grupo intermédio se encontram geralmente numa posição relativamente boa da escala em termos de pontuação. No entanto, verifica-se ainda uma distância significativa entre o grupo intermédio e o avançado, comparando as suas pontuações médias.

Além disso, a pontuação média do grupo elementar é de 192,67, variando entre a pontuação

mínima de 130 e a máxima de 250. Assim, e de acordo com as indicações do DIALANG e os requisitos do QECR (Conselho da Europa, 2001), os participantes chineses do grupo de nível elementar, são, basicamente, capazes de compreender as informações principais do discurso e ideias relevantes sobre a pergunta, ao aplicar uma linguagem simples na descrição das imagens testadas. Têm ainda capacidade de se exprimir de modo claro, usando uma frase simples como resposta à pergunta levantada.

3.3.3 Teste de produção induzida

Após a caracterização dos participantes de acordo com o seu nível de proficiência, os participantes com o perfil procurado efetuaram uma tarefa de produção induzida. Este teste experimental consiste num conjunto de dezoito desenhos, e correspondentes contextos e perguntas, adaptando a experiência de Rinke, *et al.* (2019). Em concreto, as dezoito perguntas encontram-se divididas em quatro condições com base na animacidade e na acessibilidade do objeto.

3.3.3.1 Condições do teste experimental

Com base nas análises teóricas na secção II do capítulo I, assume-se que o traço [animacidade] influencia de algum modo a omissão do objeto de acordo com a hierarquia referencial. Por conseguinte, os traços [animado] e [humano] são adotados no presente estudo como o padrão de divisão do traço [animacidade]. Aliás, divide-se o traço [humano] sob o traço [+animado], como se ilustra na figura 2.

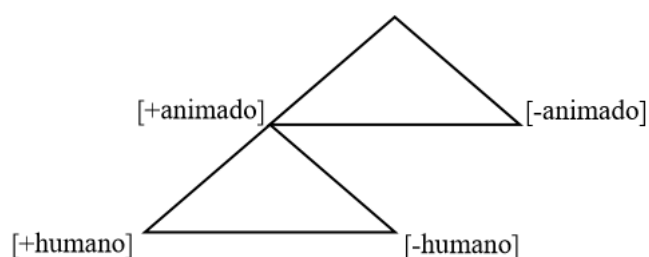


Figura 2. O padrão de divisão do traço [animacidade]

Além disso, o fator de distância referencial entre o objeto e o respetivo referente pode evidenciar a sua influência significativa no uso de diferentes tipos de objeto. Por conseguinte, distingue-se entre o traço [+acessível] e o traço [-acessível].

O teste consiste na apresentação de imagens, em *powerpoint*, que retratam atividades realizadas por uma personagem chamada 'João'. Todas as situações são apresentadas através de uma imagem e

de uma explicação oral simples do que é retratado. Segue-se, então, uma pergunta, à qual o participante deve responder. A resposta exige que o participante faça referência a um antecedente, como exemplificado na figura 3. Além de serem apresentados oralmente, o contexto e a pergunta também são indicados por escrito no *powerpoint*.



Figura 3. Exemplo de imagens

Por outras palavras, cada imagem é apresentada através de uma narrativa curta, em que o personagem de nome João pretende praticar uma ação, evidente na imagem, incluindo um objeto que serve como um antecedente ou referente no discurso precedente. Por exemplo, na figura 3, ilustra-se claramente o ato de partir uma noz. A seguir, apresenta-se uma pergunta que contém, ou não, o objeto mencionado no desenho.

Com base nisso apresentam-se, de seguida, as quatro condições testadas e o respetivo exemplo.

Condição A: Objeto inanimado e inacessível imediatamente.

Contexto dado: O João estava a brincar no jardim quando viu uma flor linda. Ele pensou na mãe.

Pergunta colocada: Então, o que é que o João fez?

Resposta esperada: Ele apanhou/ colheu a flor. [SN]

Outras respostas, mas não esperadas:

Ele apanhou-a/ colheu-a. [clítico]

Ele apanhou/ colheu. [nulo]

P: O que é que o João fez?

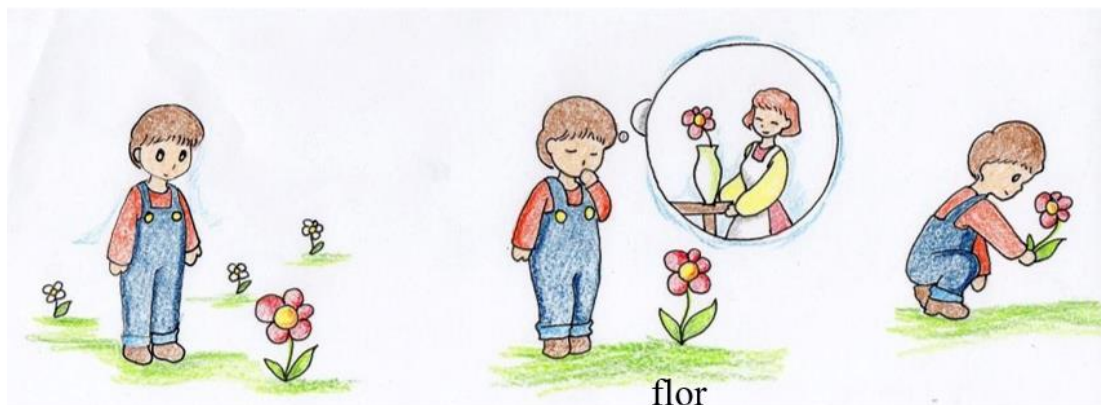


Figura 4. Exemplo do objeto inanimado e inacessível imediatamente

Na condição A, o referente é mencionado no contexto anterior, mas não é na pergunta colocada, ou seja, não é imediatamente acessível; é um referente inanimado, como se demonstra na figura 4. Portanto, nesta condição, espera-se que os falantes recorram mais frequentemente ao SN pleno.

Condição B: Objeto inanimado e acessível imediatamente.

Contexto dado: O João encontrou uma bola. Ele não gosta de partilhar com outros. Por isso, quando viu a sua amiga a chegar, o João não ficou contente.

Pergunta colocada: Então, o que é que o João fez à bola?

Respostas esperadas:

Ele guardou-a/ escondeu-a numa gaveta. [clítico]

Ele guardou/ escondeu numa gaveta. [nulo]

Outra resposta, mas não esperada: Ele guardou/ escondeu a bola numa gaveta. [SN]

P: O que é que o João fez à bola?



Figura 5. Exemplo do objeto inanimado e acessível imediatamente

Observa-se que, ao contrário do sucedido na condição A, na condição B, o referente mencionado tanto no contexto anterior como na pergunta levantada é um referente inanimado. Por ter sido imediatamente mencionado na pergunta, espera-se que os falantes recorram ao objeto nulo ou a um pronome clítico, não optando pelo SN.

Condição C: Objeto humano e acessível imediatamente.

Contexto dado: O João queria comer um bombom, mas a sua irmã também queria. O João zangou-se, porque a sua irmã apanhou o bombom. Ele fez algo que não devia. E a irmã começou a chorar.

Pergunta colocada: Oh não! O que é que o João fez à irmã?

Resposta esperada: Ele mordeu-a. [clítico]

Outras respostas, mas não esperadas:

Ele mordeu. [nulo]

Ele mordeu a irmã. [SN]

P: O que é que o João fez à irmã?



um bombom

Figura 6. Exemplo do objeto humano e acessível imediatamente

Condição D: Objeto animado e acessível imediatamente.

Contexto dado: O João tem uma gata. Ele achou que seria bom ter uma gata lavada e decidiu preparar um banho. A gata não gostou nada da ideia e fugiu.

Pergunta colocada: Porquê? O que é que o João fez à gata?

Resposta esperada: Ele lavou-a. [clítico]

Outras respostas, mas não esperadas:

Ele lavou. [nulo]

Ele lavou a gata. [SN]

P: O que é que o João fez à gata?



gata

Figura 7. Exemplo do objeto animado e acessível imediatamente

Ambos os referentes das condições C e D se inserem tipicamente no conceito de objeto animado e, assim sendo, são mencionados quer no discurso anterior quer na pergunta colocada; no entanto,

diferem em relação ao traço [humano], de acordo com a restrição da animacidade na omissão do objeto, espera-se, pois, nas condições C e D, uma preponderância da resposta que inclui o pronome clítico, em claro contraste com o que ocorre na condição B.

No entanto, recorde-se que o objeto [+animado, -humano] ilustrado na figura 6 está no meio da hierarquia referencial. Por isso, é exetável que exista a distinção entre o objeto animado e o objeto humano quanto ao objeto nulo. Por outras palavras, é provável que se encontre mais respostas com o objeto nulo na condição D do que na condição C.

Por fim, segue a tabela (6) relativamente às condições do teste experimental de produção induzida.

Condições	Descrição	Acessibilidade (Referente presente na pergunta)	Traço [animado]	Traço [humano]	Nº de itens
Condição A	o referente inanimado não está imediatamente acessível	-	-	-	6
Condição B	o referente inanimado está imediatamente acessível	+	-	-	6
Condição CD²⁷	Condição C	o referente humano está imediatamente acessível	+	+	3
	Condição D	o referente animado está imediatamente acessível	+	-	3

Tabela 6. Condições do teste experimental de produção induzida

Em síntese, a comparação entre as condições A e B concentra-se na acessibilidade do objeto. Se

²⁷ A condição CD é designada como um conjunto da condição C e da condição D, caracterizada por o referente animado e estar imediatamente acessível. Em comparação com a condição B, espera-se a resposta com o pronome clítico em vez da resposta com a omissão do objeto. Como se observa, sob a condição CD, contém-se a condição C e a condição D.

for acessível, torna-se maior a possibilidade de originar uma resposta com objeto nulo ou clítico. A par disso, comparando a condição B com a condição CD, verificar-se-á se que a animacidade restringe a omissão do objeto. Por isso, é esperada a produção principalmente do pronome clítico na condição CD, ao passo que se produz tanto o objeto nulo como o pronome clítico na condição B. Por fim, analisar-se-á se há uma divisão relevante baseada no traço [humano] quanto ao objeto nulo, comparando as condições C e D.

3.3.3.2 Procedimento do teste experimental

Em primeiro lugar, na preparação do teste, definiu-se a ordem da apresentação dos itens, as 18 perguntas correspondentes aos contextos e desenhos, de forma aleatória. Além disso, solicitou-se aos participantes que se mantivessem calmos e que respondessem de forma espontânea, expressando, assim, uma reação intuitiva em relação ao uso do objeto. Ao mesmo tempo, realçou-se que não existia uma resposta correta.

De seguida, ao iniciar formalmente o teste experimental, apresentou-se o personagem deste teste, de seu nome João, e indicou-se que a história iria ser desenvolvida em torno das suas vivências. Depois, seguiram-se dois itens de treino, que serviram para testar a compreensão e interpretação dos participantes em relação ao contexto e respetiva pergunta de cada item. Não tendo os participantes encontrado dificuldades na compreensão desses dois itens, prosseguiu-se com o teste formal.

Tanto os itens de treino quanto os itens testados foram introduzidos através de uma narrativa curta. Apenas depois surgiu a respetiva pergunta por meio oral e por meio escrito, como se ilustra acima. Em seguida, solicitou-se ao participante que respondesse à questão de forma espontânea. O teste não teve tempo limite, tendo tido uma duração média de 15 minutos por cada participante.

Mais concretamente, os participantes viram uma imagem, enquanto ouviam um contexto, e leram uma pergunta à qual responderam, tendo de expressar inconscientemente e espontaneamente um objeto direto, na forma de um pronome clítico, um objeto nulo ou um SN.

O presente teste foi conduzido por mim, o autor da presente dissertação.

Por fim, é de notar que, antes mesmo da realização do teste experimental, se obteve permissão para análise e publicação dos dados recolhidos através da assinatura digital da declaração de consentimento informado.

Capítulo IV - Resultados e Discussão

O presente capítulo divide-se em duas secções, uma referente à sistematização dos resultados do teste experimental, apresentados por condição e por grupo, e outra na qual se procede à discussão dos resultados com base nos dados analisados e através da comparação com outros estudos de PL2.

Secção I - Resultados

Esta secção encontra-se dividida em três partes. Em primeiro lugar, são apresentados, de forma geral, os resultados descritivos globais do teste aplicado aos vários grupos. De seguida, apresentam-se os gráficos com os tipos de resposta por condição, e, por fim, os gráficos ilustrativos dos resultados por grupo. Os testes estatísticos foram efetuados no SPSS, versão 24.

4.1 Resultados globais

Nesta parte procedemos à análise da correlação entre o teste de proficiência linguística de PE (isto é, o teste do DIALANG) e as respostas dos participantes chineses de PL2, e à distribuição das respostas por grupo e por condição.

4.1.1 Correlação entre Respostas e DIALANG

A análise exploratória de dados mostra que a variável 'respostas' não segue uma distribuição normal, sendo que se aplicam testes não paramétricos neste trabalho (ver resultado do Teste de Normalidade em anexo 3 (3.2.1)).

Para avaliar se existe uma correlação entre a distribuição do tipo de respostas e o nível de proficiência dos falantes PL2, avaliado através do DIALANG, aplicou-se um teste de associação não paramétrico, o Teste de Coeficiente de Correlação de *Spearman*. O resultado mostra que, de facto, há uma associação muito significativa entre as respostas dadas pelos aprendentes chineses e o seu nível de proficiência ($r = ,288$; $p < ,001$).

Correram-se igualmente testes de associação entre o nível de proficiência dos falantes e as respostas dadas por grupo de aprendentes, aplicando vários Testes de Coeficiente de Correlação de *Spearman*. Os resultados mostram que, no grupo elementar, não existe uma correlação entre o resultado obtido pelos participantes e a distribuição das suas respostas pelo tipo de resposta possível ($r = - ,095$; $p = ,121$). Contrariamente ao grupo elementar, no grupo intermédio e no grupo avançado, os resultados

evidenciam que há uma correlação significativa entre o resultado do DIALANG e a distribuição das respostas dos participantes pelo tipo de resposta possível (grupo intermédio: $r = ,170$; $p = ,005$; grupo avançado: $r = -,233$; $p < ,001$).

Todos os resultados dos testes estatísticos referidos acima podem ser encontrados no anexo 3 (3.2.1).

4.1.2 Distribuição das respostas por grupo e por condição

Recorda-se que os participantes deste estudo foram divididos em quatro grupos e que o teste experimental serviu para testar a produção de objetos nulos sob três condições, organizadas segundo os fatores de acessibilidade e animacidade dos referentes.

Por conseguinte, segue na próxima página a tabela (7) que fornece uma visão geral dos resultados nas três condições gerais testadas.

É de notar que, na tabela seguinte (7), estão incluídas respostas NA, que significa que o participante “não respondeu”. Este tipo de resposta inclui dois casos diferentes: casos em que o participante não dá qualquer resposta, e situações em que responde com conteúdos não relativos à questão levantada.

Há ainda duas respostas que incluem um pronome oblíquo, como, por exemplo, em “o João bateu nele”, e uma resposta com um pronome forte, como em “o João puxa ele”. De forma a facilitar a contagem total das respostas, os três casos referidos foram caracterizados como resposta de SN, uma vez que ilustram uma estrutura não nula e não clítica.

Tabela 7. Tabulação cruzada geral: respostas * grupo * condições

Condições				Grupo				Total	
				elementar	intermédio	avançado	controle		
A	respostas	nulo	Contagem	50	25	7	7	89	
			% em grupo	55.6%	27.8%	7.8%	7.8%	24.7%	
		clítico	Contagem	0	8	16	17	41	
			% em grupo	0.0%	8.9%	17.8%	18.9%	11.4%	
		SN	Contagem	40	57	67	66	230	
			% em grupo	44.4%	63.3%	74.4%	73.3%	63.9%	
	Total		Contagem	90	90	90	90	360	
			% em grupo	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	
	B	respostas	nulo	Contagem	55	40	7	3	105
				% em grupo	61.1%	44.4%	7.8%	3.3%	29.2%
		clítico	Contagem	0	9	32	36	77	
			% em grupo	0.0%	10.0%	35.6%	40.0%	21.4%	
		SN	Contagem	32	41	51	51	175	
			% em grupo	35.6%	45.6%	56.7%	56.7%	48.6%	
		NA	Contagem	3	0	0	0	3	
			% em grupo	3.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.8%	
Total			Contagem	90	90	90	90	360	
			% em grupo	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	
CD	respostas	nulo	Contagem	64	32	10	9	115	
			% em grupo	71.1%	35.6%	11.1%	10.0%	31.9%	
		clítico	Contagem	0	7	32	39	78	
			% em grupo	0.0%	7.8%	35.6%	43.3%	21.7%	
		SN	Contagem	25	50	48	41	164	
			% em grupo	27.8%	55.6%	53.3%	45.6%	45.6%	
		NA	Contagem	1	1	0	1	3	
			% em grupo	1.1%	1.1%	0.0%	1.1%	0.8%	
	Total		Contagem	90	90	90	90	360	
			% em grupo	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	
Total	respostas	nulo	Contagem	169	97	24	19	309	
			% em grupo	62.6%	35.9%	8.9%	7.0%	28.6%	
		clítico	Contagem	0	24	80	92	196	
			% em grupo	0.0%	8.9%	29.6%	34.1%	18.1%	
		SN	Contagem	97	148	166	158	569	
			% em grupo	35.9%	54.8%	61.5%	58.5%	52.7%	
		NA	Contagem	4	1	0	1	6	
			% em grupo	1.5%	0.4%	0.0%	0.4%	0.6%	
	Total		Contagem	270	270	270	270	1080	
			% em grupo	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	

Antes de descrever os resultados por condição e por grupo, apresenta-se o resultado dos testes não paramétricos levados a cabo para avaliar se existem diferenças estatísticas entre os grupos relativamente à distribuição das respostas, nomeadamente quanto à produção de frases com objeto nulo.

Em primeiro lugar, nota-se que, no grupo elementar, as respostas com objeto nulo representam a maior parte do total de respostas, com uma taxa de 62,6%, ao passo que nenhum participante usa um pronome clítico (taxa: 0%). Os outros grupos dispõem tanto de objeto nulo como de clíticos e de SNs no discurso, o que vai ser discutido detalhadamente na secção seguinte.

Em segundo lugar, enquanto a taxa total de ocorrência de objeto nulo nos grupos de participantes chineses decresce de 62,6% a 8,9%, a taxa do grupo avançado (8,9%) aproxima-se da média do uso de objetos nulos por parte do grupo de controlo (7,0%). Um teste Kruskal-Wallis mostra diferenças muito significativas na diminuição do uso do objeto nulo no total das respostas entre os grupos chineses ($\chi^2(2) = 7,083$, $p < ,001$), ao passo que um teste Mann-Whitney evidencia que não há diferença²⁸ em relação ao uso do objeto nulo por parte do grupo avançado e o de controlo ($U = 106.000$, $p = ,806$). Isso mostra, de forma geral, uma tendência para a diminuição do uso de objetos nulos desde o estágio inicial até ao estágio avançado de aquisição nos falantes chineses de PL2. A distribuição do objeto nulo por condição e por grupo vai ser analisada de forma detalhada na secção seguinte.

No que concerne a taxa total de uso dos pronomes clíticos pelos grupos de participantes chineses, esta aumenta de 0% para 29,6%, mas a taxa do grupo avançado (29,6%) ainda está ligeiramente abaixo da taxa do grupo de controlo (34,1%). Um teste Kruskal-Wallis ilustra que estatisticamente há uma diferença significativa no aumento do uso dos pronomes clíticos no total das respostas entre os grupos chineses ($\chi^2(2) = 9,143$, $p = ,010$). Por sua vez, um teste Mann-Whitney mostra que não há diferença relativa ao uso referido entre o grupo avançado e o de controlo ($U = 86,000$, $p = ,285$). Tudo isso aponta, de algum modo, para uma tendência para o aumento do uso de pronomes clíticos, a partir do estágio intermédio. A análise detalhada do pronome clítico por condição e grupo vai ser efetuada na secção seguinte.

Por fim, a taxa de SN representa 52,7% do total de ocorrências, em que se incluem as respostas de todos os participantes. Assim, pode-se concluir que o SN é considerado o tipo de resposta preferencial. Um teste Kruskal-Wallis mostra que não existe diferença quanto ao uso do SN nas repostas totais entre

²⁸ De acordo com o teste Bonferroni, comparando dois dos quatro grupos, regista-se uma diferença significativa quando $P < 0,0125$.

os 4 grupos testados ($\chi^2(3) = 5,711, p = ,127$). Não obstante, é visível que nas diferentes condições aparecem diferentes percentagens e tendências por grupo, o que será discutido na secção seguinte.

Todos os resultados relativos aos testes estatísticos mencionados nesta secção podem ser encontrados em anexo 3 (3.2.2).

4.2 Análise dos dados por condição

Nesta secção, a análise dos dados por condição é feita contrastando as diferentes respostas produzidas nos diversos níveis de proficiência, e comparando a resposta esperada com as outras respostas possíveis.

4.2.1 Condição A – referente não acessível, inanimado

O gráfico 1 apresenta a taxa de produção das diferentes estruturas (nulo, clítico, SN) na condição A, correspondente aos quatro grupos.

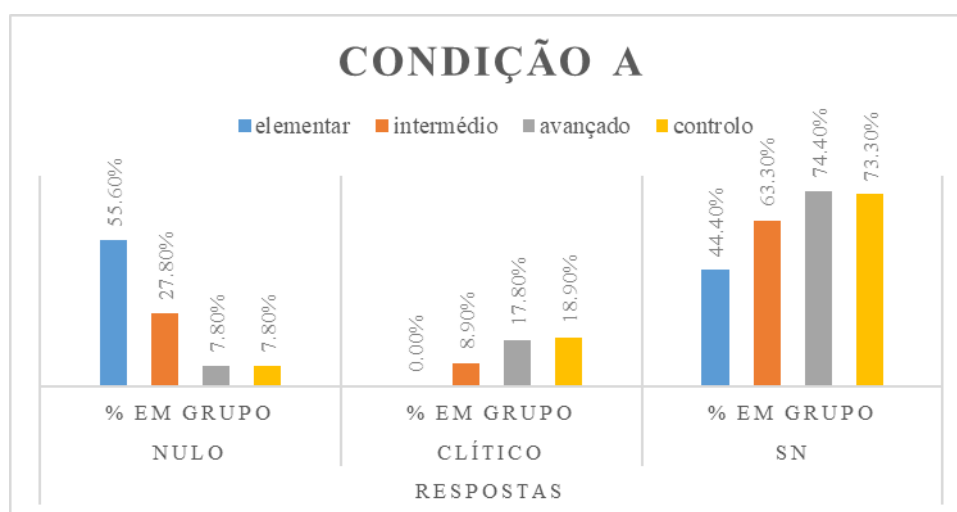


Gráfico 1. Resultados relativos às respostas na condição A

Olhando para as taxas de cada um dos grupos chineses, observa-se, consoante a opção de resposta selecionada, uma tendência de aumento ou diminuição. As taxas do grupo de nível avançado aproximam-se do valor das do grupo de controlo portugueses.

Quanto à escolha do objeto nulo, como se pode observar, há uma clara tendência de diminuição do uso dessa construção desde o grupo elementar até ao grupo avançado. Para avaliar se as diferenças entre os grupos são estatisticamente significativas, efetuou-se um teste Kruskal-Wallis. Este revela que

existe uma diferença muito significativa entre os três grupos chineses na escolha da omissão do objeto na condição A ($\chi^2(2) = 14,741$, $p = ,001$). Em particular, observa-se uma grande diminuição quanto à taxa de objeto nulo do grupo elementar para o grupo intermédio (diferença entre taxas: 27,8%). Um teste Mann-Whitney mostra que há diferença significativa relativa ao uso do objeto nulo nessa condição entre o grupo elementar e o intermédio ($U = 64,500$, $p = ,045$). Entre os restantes grupos não existem diferenças.

No que diz respeito à escolha pelo pronome clítico e pelo SN nas respostas, verifica-se uma tendência de aumento de ocorrências à medida que aumenta o nível de proficiência dos participantes. Regista-se, nomeadamente, um aumento para o dobro em relação à taxa de clítico em cada estágio (diferença entre taxas: 8,9%). Não obstante, um teste estatístico de Kruskal-Wallis não mostra diferença entre os três grupos chineses em termos de tendência de aumento para o uso do clítico ($\chi^2(2) = 3,400$, $p = ,183$) e para o do SN ($\chi^2(2) = 5,599$, $p = ,061$).

No que concerne à condição A, a resposta esperada é o uso de SNs, uma vez que o referente não é mencionado na pergunta.

O grupo elementar tem um comportamento bastante diferente dos outros grupos. Este grupo demonstra uma preferência pelo objeto nulo (taxa: 55,6%), enquanto a taxa de SN é de 44,4%. Aliás, o resultado de um teste Wilcoxon não exhibe diferença relevante entre a opção SN e a opção objeto nulo nessa condição ($Z = -,674$, $p = ,500$).

Como se observa no gráfico 1, além do grupo elementar, os restantes três grupos optam mais pelo uso do SN (taxa do grupo intermédio: 63,3%, a do avançado: 74,4%, a do de controlo: 73,3%), quando encontram uma pergunta que contém um antecedente não imediatamente acessível. A escolha preferencial do SN por parte dos três grupos referidos demonstra a preferência por esta estrutura no contexto evocado na condição A. A escolha do SN é significativamente superior à do objeto nulo e à do pronome clítico nos grupos intermédio, avançado e de controlo (ver resultados do teste Wilcoxon em anexo 3 (3.2.3)).

4.2.2 Condição B – referente acessível, inanimado

Segue abaixo o gráfico 2 que ilustra a taxa de produção das diferentes estruturas (nulo, clítico, SN) na condição B, nos quatro grupos.

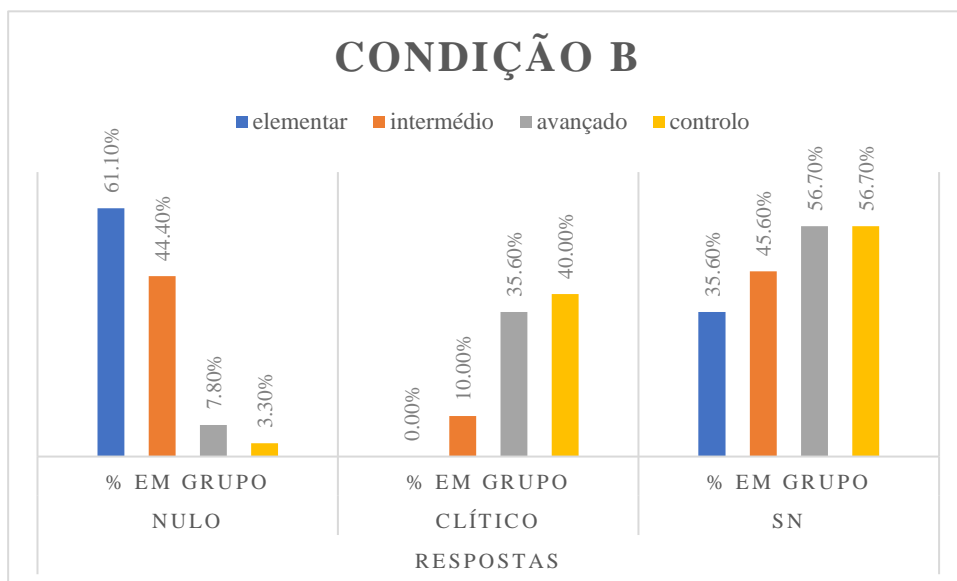


Gráfico 2. Resultados relativos às respostas na condição B

Em geral, a tendência observada no gráfico 1 relativamente à condição A é semelhante à verificada na condição B. Por um lado, indo do grupo elementar até ao avançado denota-se uma diferença muito significativa na diminuição do uso do objeto nulo na condição B ($\chi^2(2) = 14,653$, $p = ,001$), avaliado estatisticamente por um teste Kruskal-Wallis; por outro lado, o mesmo teste estatístico mostra que, no que concerne ao uso do pronome clítico, a tendência é de aumento e é estatisticamente significativa ($\chi^2(2) = 7,851$, $p = ,020$).

Além disso, as comparações em relação ao uso do objeto nulo e ao do pronome clítico entre o grupo avançado e o de controlo, efetuadas através de testes Mann-Whitney, revelam a inexistência de diferenças entre estes dois grupos (nulo: $U = 102,000$, $p = ,683$; clítico: $U = 100,500$, $p = ,624$). Isso quer dizer que, no contexto da condição B, o estágio avançado do falante PL2 se aproxima do estágio adulto de PL1.

Relativamente à escolha do SN, mantém-se uma taxa de aumento de aproximadamente 10% comparando um estágio de aquisição com o seu nível seguinte. Aliás, não se apresenta qualquer diferença estatística quanto ao uso do SN nessa condição quer entre os quatro grupos testados, quer entre os três grupos chineses, ou entre quaisquer dois grupos vizinhos (ver resultados dos testes estatísticos em anexo 3 (3.2.3)).

Observa-se a ocorrência de uma diminuição significativa desde o estágio intermédio até ao avançado quanto às respostas com objeto nulo (diferença entre taxas: 36,6%), ao passo que um aumento relevante ocorre em termos das respostas com clíticos (diferença entre taxas: 25,6%). Um teste Mann-

Whitney mostra uma diferença significativa quanto ao uso do objeto nulo entre os grupos acima referidos ($U = 50,500$, $p = ,009$).

Assim, a opção pelo objeto nulo e pelo pronome clítico é a preferida pelos participantes na condição B, em que o referente é mencionado na pergunta e é inanimado.

Analisando, em particular, as taxas dos tipos de resposta do grupo avançado e do de controlo, estes grupos parecem preferir o uso do SN, com taxas superiores a 55%, o que não era esperado aquando da elaboração desta experiência. Um teste Wilcoxon mostra que, na condição B, há uma diferença muito significativa entre o uso do SN e o do objeto nulo no grupo avançado ($Z = -2,608$, $p = ,009$) e no grupo de controlo ($Z = -3,185$, $p = ,001$), ao passo que o mesmo tipo de teste estatístico demonstra que nessa condição não existe diferença significativa entre o uso do SN e o do clítico no grupo avançado ($Z = -1,117$, $p = ,264$) e no de controlo ($Z = -1,058$, $p = ,290$). Não obstante, por via de testes Wilcoxon, verifica-se uma diferença muito significativa entre o uso do objeto nulo e o do clítico para o grupo de controlo ($Z = -2,615$, $p = ,009$), e uma diferença marginal na mesma comparação para o grupo avançado ($Z = -1,970$, $p = ,049$). Tudo isso evidencia que os dois grupos optam, em primeiro lugar, pelo SN e, em segundo, pelos clíticos. Quanto ao objeto nulo, o grupo de controlo praticamente não o produz, enquanto o grupo avançado o utiliza um pouco mais, ao encontrar um referente inanimado e acessível.

No grupo elementar, denota-se claramente a preferência pelo objeto nulo (taxa: 61,1%), embora também se recorra a SNs (taxa: 35,6%), o que corresponde ao que prevíamos (*cf.* gráfico 2).

A percentagem das respostas esperadas (54,4%) em relação ao grupo intermédio (taxa de objeto nulo: 44,4%; taxa de clíticos: 10%) na condição B é superior à das respostas com SN (taxa: 45,6%). Dentro das respostas esperadas, a opção pelo objeto nulo reúne a maioria das preferências. Um teste Wilcoxon mostra uma diferença significativa entre o uso de objetos nulos e o de clíticos no grupo intermédio ($Z = -2,129$, $p = ,033$), enquanto o mesmo teste estatístico ilustra que não há diferença entre o uso de objetos nulos e o de SNs ($Z = -,142$, $p = ,887$) neste grupo. Isso quer dizer que, na condição B, o grupo intermédio recorre tanto à opção do objeto nulo como à do SN, produzindo, contudo, muito menos pronomes clíticos.

4.2.3 Condição CD – referente acessível, animado

Abaixo, o gráfico 3 demonstra a taxa de produção das diferentes estruturas (nulo, clítico, SN) na condição CD, por quatro grupos.

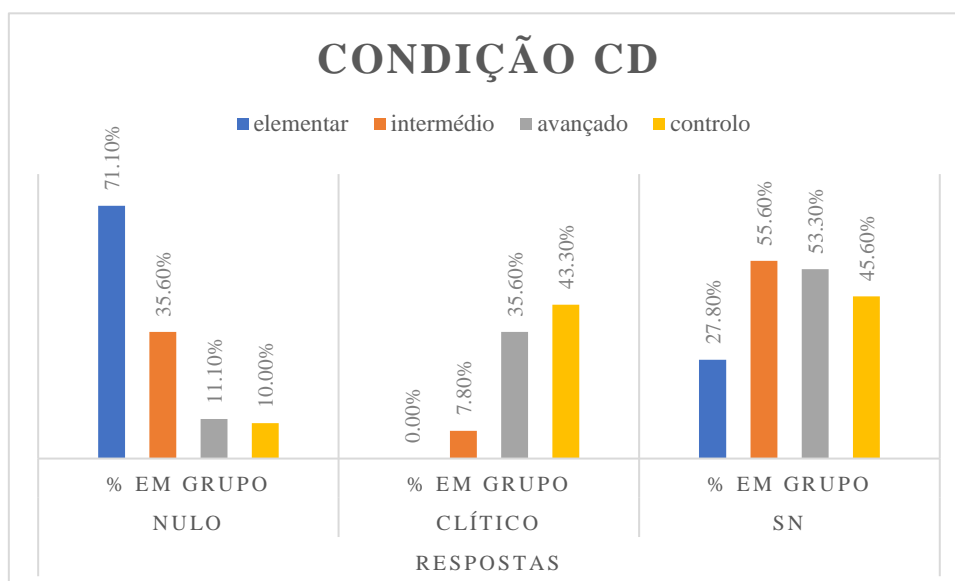


Gráfico 3. Resultados relativos às respostas na condição CD

À exceção do SN, as outras duas opções de resposta apresentam uma tendência nítida: o objeto nulo produz-se menos à medida que o nível de proficiência dos participantes aumenta; já o clítico produz-se mais. Um teste Kruskal-Wallis mostra uma diferença bastante significativa na tendência para diminuição do uso de objetos nulos entre os três grupos chineses ($\chi^2(2) = 17,748$, $p < ,001$), enquanto que o mesmo teste estatístico também ilustra uma diferença muito significativa no aumento do uso de pronomes clíticos entre os mesmos grupos ($\chi^2(2) = 9,667$, $p = ,008$). Quanto ao uso de SNs, não se verifica, estatisticamente, nenhuma diferença entre os 4 grupos testados ($\chi^2(3) = 5,384$, $p = ,146$).

Estabelecendo uma comparação entre o grupo avançado e o de controlo no que diz respeito às percentagens de respostas com pronomes clíticos e com SNs, verifica-se que as respetivas distâncias nessa condição não ilustram nenhuma tendência relevante, seja ela de aumento ou de diminuição (diferença entre as taxas de clíticos: 7,7%; diferença entre as taxas de SN: 7,7%). Testes Mann-Whitney mostram que não há diferenças nas comparações referidas (clítico: $U = 93,500$, $p = ,436$; SN: $U = 99,500$, $p = ,595$). Por outras palavras, a nível estatístico, as respostas do grupo avançado aproximam-se das respostas do grupo de controlo.

É de notar que, desde o estádio elementar até ao intermédio, a taxa de respostas com objeto nulo decresce para metade (diferença entre taxas: 35,5%), enquanto a percentagem de respostas com SN aumenta para metade (diferença entre taxas: 27,8%). Dois testes Mann-Whitney mostram que existem diferenças significativas estatisticamente entre os dois grupos referidos quanto ao uso de objetos nulos ($U = 53,000$, $p = ,013$), e de SNs ($U = 59,500$, $p = ,026$).

Ademais, desde o estágio intermédio até ao avançado, embora se verifique uma redução relevante quanto à taxa de produção de objetos nulos (diferença entre taxas: 24,5%), observa-se um aumento mais significativo da opção por pronomes clíticos (diferença entre taxas: 27,8%). Por sua vez, assiste-se a uma ligeira diminuição quanto ao uso de SNs. Aliás, um teste Mann-Whitney não demonstra diferenças, a nível estatístico, quanto ao aumento do uso de clíticos entre os dois grupos referidos ($U = 79,000$, $p = ,174$).

Assim, na condição CD, espera-se principalmente respostas com pronome clítico, e não objeto nulo, uma vez que o referente está na pergunta, mas é animado.

Neste sentido, o desempenho de todos os grupos não é, na realidade, correspondente ao esperado seguindo a teoria linguística.

Há uma diferença muito significativa entre o uso de SNs e o de objetos nulos por parte do grupo avançado ($Z = -2,692$, $p = ,007$) e do grupo de controlo ($Z = -2,437$, $p = ,015$), segundo dois testes Wilcoxon. Os dois grupos apresentam uma preferência pela opção SN, em vez de optarem pelo objeto nulo. Por outro lado, os dois grupos usam tanto pronomes clíticos como SNs, facto comprovado com um teste Wilcoxon, que mostra não existir diferença estatística entre o uso de SNs e o de clíticos no grupo avançado ($Z = -,777$, $p = ,437$) e no de controlo ($Z = -,063$, $p = ,949$). Um outro teste Wilcoxon ilustra uma diferença significativa entre o uso de clíticos e o de objetos nulos no grupo de controlo ($Z = -2,454$, $p = ,014$), ao passo que no avançado não há diferença estatística ($Z = -1,692$, $p = ,091$). Conclui-se, assim, que o grupo de controlo usa mais pronomes clíticos do que o avançado.

O grupo intermédio usa tanto objetos nulos como SNs na condição CD. Um teste Wilcoxon mostra que não há diferença estatística entre o uso de objetos nulos e o de SNs ($Z = -1,057$, $p = ,290$). Ademais, a produção dos clíticos é residual neste grupo (taxa: 7,8%). Os mesmos testes estatísticos evidenciam diferenças significativas entre o uso de clíticos e o de SNs ($Z = -3,123$, $p = ,002$) e entre o de clíticos e o de objetos nulos ($Z = -2,100$, $p = ,036$).

Em particular, o grupo elementar ilustra, de facto, uma preferência pela opção objeto nulo (taxa: 71.1%), não produzindo nenhum pronome clítico. Através de um teste Wilcoxon, verifica-se uma diferença significativa entre o uso de objetos nulos e o uso de SNs ($Z = -2,253$, $p = ,024$). Em suma, o grupo elementar tende a produzir mais objetos nulos do que SNs quando encontra um referente animado e acessível.

Todos os resultados relativos aos testes estatísticos desta secção podem ser encontrados em anexo 3 (3.2.3).

4.3 Análise dos dados por grupo

A presente secção concentra-se na comparação quantitativa do tipo de respostas entre condições no seio de cada um dos grupos, a fim de explorar as sensibilidades dos traços acessibilidade e animacidade na realização do objeto.

Em primeiro lugar, apresenta-se abaixo o gráfico 4 em relação à taxa de produção das diferentes estruturas (nulo, clítico, SN) por condições gerais para o grupo elementar.

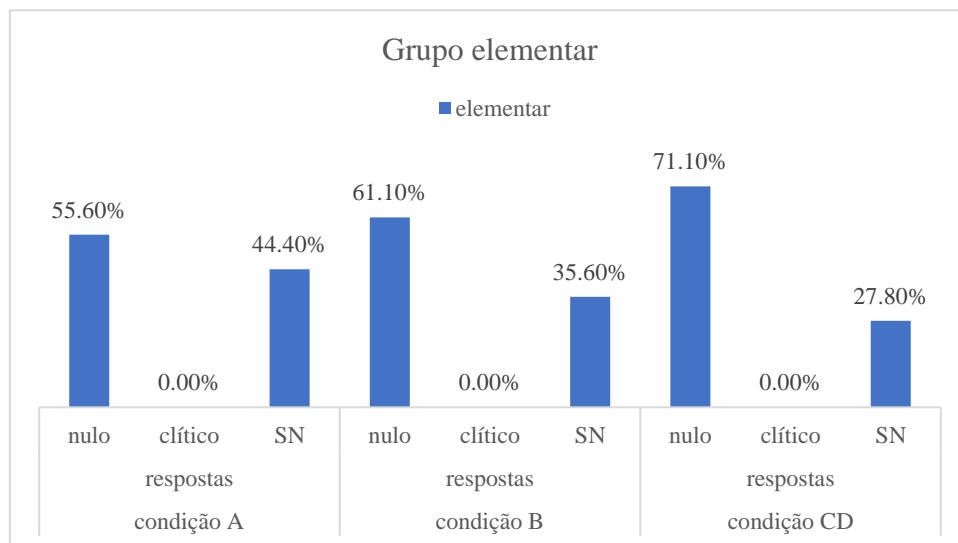


Gráfico 4. Resultados relativos às respostas para grupo elementar

Observa-se que, na comparação entre as condições A e B, as duas taxas relativas ao objeto nulo não se distinguem muito uma da outra. A mesma situação ocorre na comparação das taxas do SN entre as condições referidas. Deste modo, como comprovam os testes Wilcoxon, não há diferença estatística entre as taxas do objeto nulo ($Z = -,776$, $p = ,438$), e entre as do SN ($Z = -1,328$, $p = ,184$).

Quanto à comparação de respostas entre as condições B e CD, os testes Wilcoxon mostram que não existe diferença estatística entre as taxas do objeto nulo ($Z = -1,390$, $p = ,165$) e entre as do SN ($Z = -,987$, $p = ,324$).

Assim, no grupo elementar, não se verificam diferenças, nas condições A, B e CD, entre as diferentes opções de resposta produzidas pelos participantes. Em geral, o grupo elementar recorre prioritariamente à opção objeto nulo e não é, pois, sensível aos fatores de acessibilidade e animacidade.

Em segundo lugar, ilustra-se abaixo o gráfico 5 em relação à taxa de produção das diferentes

estruturas (nulo, clítico, SN) por condições gerais para o grupo intermédio.

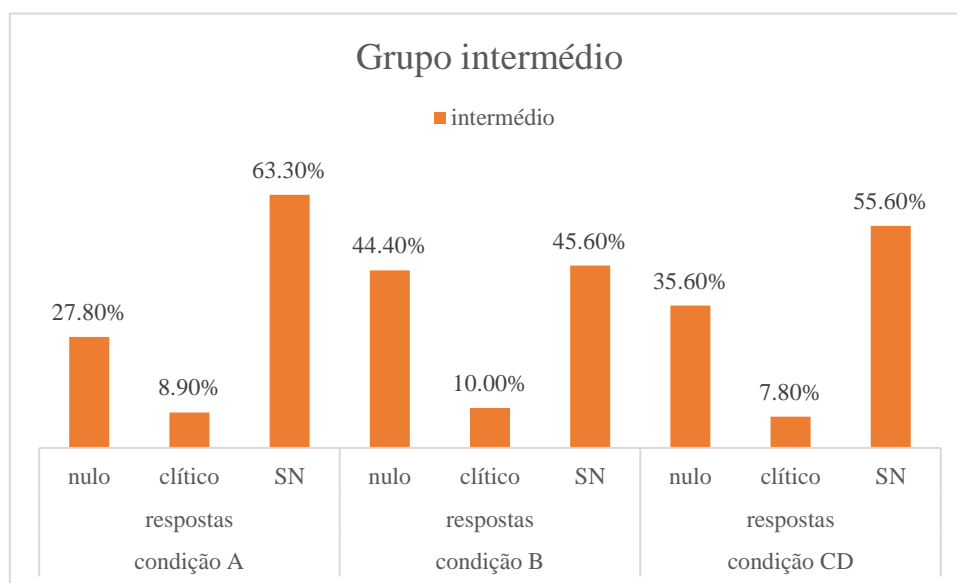


Gráfico 5. Resultados relativos às respostas para grupo intermédio

Antes de tudo, é de notar que, na comparação das respostas dos participantes nas condições A e B, se verifica alguma distância percentual entre as taxas do objeto nulo (diferença entre taxas: 16,6%) e as do SN (diferença entre taxas: 17,7%), enquanto entre as dos clíticos essa distância é bastante menor (diferença entre taxas: 1,1%). Assim, um teste Wilcoxon mostra que o grupo intermédio revela uma preferência pela opção objeto nulo, na condição B, marginalmente superior à mesma opção sob a condição A ($Z = -2,025$, $p = ,043$). Além disso, o mesmo teste estatístico mostra uma preferência pelo SN na condição A, cuja taxa é significativamente superior na condição B ($Z = -2,250$, $p = ,032$). Para além disso, o teste Wilcoxon demonstra que não há diferença quanto à taxa de clíticos entre as duas condições ($Z = -1,000$, $p = ,317$).

Relativamente à comparação entre as condições B e CD, observa-se no gráfico 5 que entre as diferentes opções de respostas não há grande diferenciação em termos percentuais. Assim sendo, os testes Wilcoxon demonstram não existir uma diferença estatística entre as taxas do objeto nulo ($Z = -1,065$, $p = ,287$), as dos clíticos ($Z = -,680$, $p = ,496$) e as do SN ($Z = -1,493$, $p = ,136$).

Verifica-se, deste modo, que o grupo intermédio distingue o referente inacessível do acessível, mas não diferencia o referente inanimado do animado.

Em terceiro lugar, mostra-se abaixo o gráfico 6, referente à taxa de produção das diferentes estruturas (nulo, clítico, SN) por condições gerais para o grupo avançado.

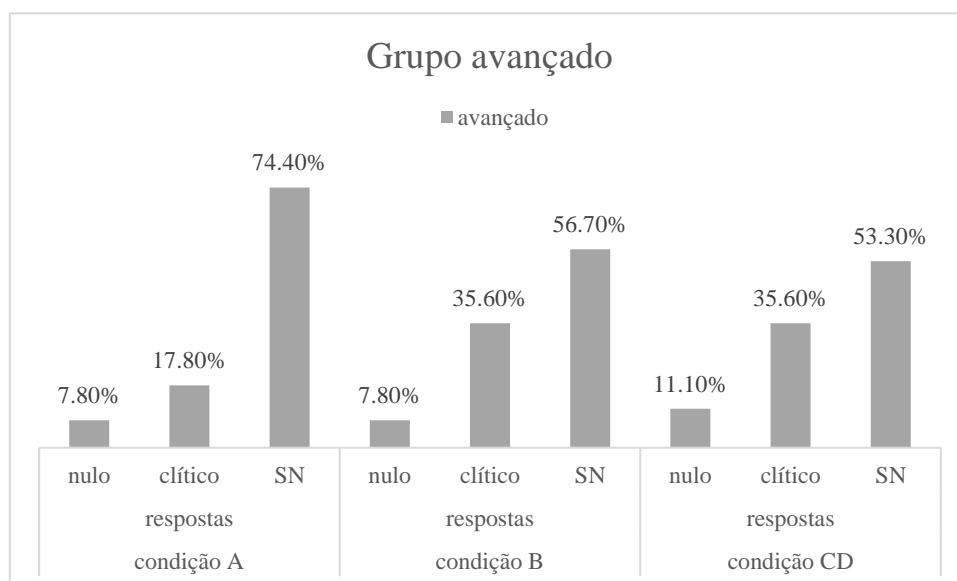


Gráfico 6. Resultados relativos às respostas para grupo avançado

Ao comparar as diferentes respostas nas condições A e B, observa-se uma diferença entre as taxas dos clíticos (diferença entre taxas: 17,8%) e as do SN (diferença entre taxas: 17,7%). Em particular, o grupo avançado quase rejeita a opção objeto nulo nas duas condições, pelo que ela apresenta taxas reduzidas (taxa da condição A: 7,8%, taxa da condição B: 7,8%). Pela observação das taxas ilustradas no gráfico 6, deduz-se que o grupo avançado distingue as duas condições de forma diferente do grupo intermédio. No entanto, os testes estatísticos de Wilcoxon provam que essa diferença não é de todo significativa (ver resultados dos testes estatísticos em anexo 3 (3.2.4)), evidenciando um dos testes uma diferença muito marginal entre as taxas dos clíticos ($Z = -1,841$, $p = ,066$).

Ademais, entre as condições B e CD os participantes não demonstram preferência por nenhuma das opções viáveis, como demonstram as respetivas percentagens, contrariamente ao verificado quer no grupo elementar quer no intermédio. Os testes Wilcoxon evidenciam, de novo, não haver diferença estatística entre as taxas do objeto nulo ($Z = -,647$, $p = ,518$), as dos clíticos ($Z = -,378$, $p = ,705$), e as do SN ($Z = -,551$, $p = ,582$).

Em suma, o grupo avançado apresenta diferentes comportamentos nas condições A e B, recorrendo mais a pronomes clíticos ao encontrar um referente acessível, e não revelando influência significativa da animacidade na omissão do objeto ou na produção de clíticos.

Em quarto lugar, mostra-se abaixo o gráfico 7 acerca da taxa de produção das diferentes estruturas (nulo, clítico, SN) por condições gerais para o grupo de controlo.

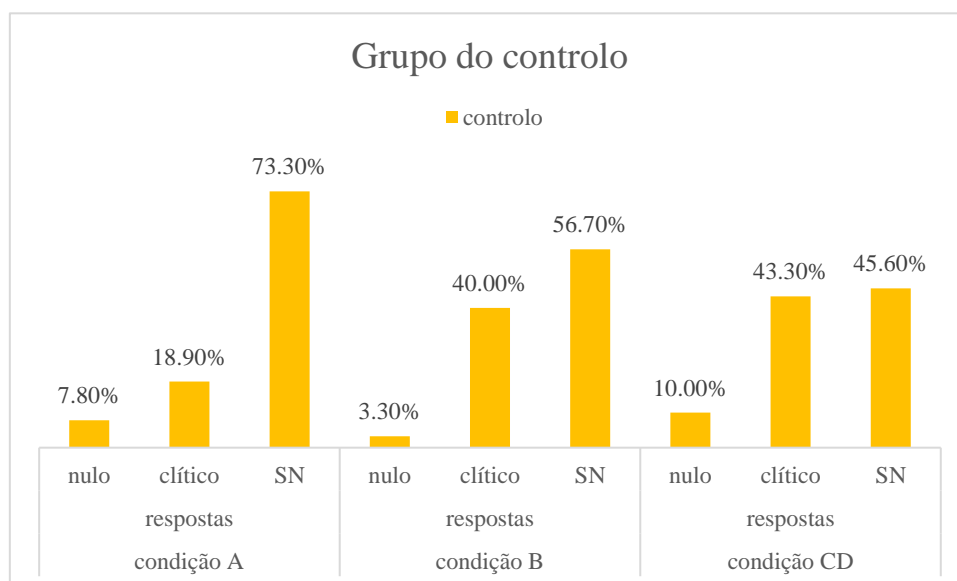


Gráfico 7. Resultados relativos às respostas para grupo de controlo

Verifica-se, a nível de respostas, na comparação entre as condições A e B, um intervalo considerável entre as taxas dos clíticos (diferença entre taxas: 21,1%) e entre as do SN (diferença entre taxas: 16,6%), ao passo que entre as do objeto nulo (diferença entre taxas: 4,5%), não. Nesse sentido, um teste Wilcoxon ilustra que o grupo avançado prefere o uso de pronomes clíticos na condição B, exibindo uma taxa significativamente superior à da mesma opção na condição A ($Z = -2,615$, $p = ,009$). Por outro lado, o mesmo teste estatístico mostra a preferência dos participantes pelo SN sob a condição A, cuja taxa é também significativamente superior à da mesma opção na condição B ($Z = -2,237$, $p = ,025$). Ademais, um teste Wilcoxon não apresenta diferença estatística entre as taxas do objeto nulo sob as mesmas condições ($Z = -1,265$, $p = ,206$). Tudo isso demonstra que o grupo de controlo distingue as duas condições referidas e quase se rejeita a opção pelo objeto nulo.

Ao comparar as condições B e CD, é de notar a semelhança das taxas de uso das diferentes estruturas. Os testes Wilcoxon também mostram que não há diferença estatística entre as taxas dos clíticos ($Z = -647$, $p = ,518$), e que entre as dos objetos nulos ($Z = -1,754$, $p = ,079$) e entre as dos SNs ($Z = -1,914$, $p = ,056$) a diferença é bastante marginal.

Em relação à diferença marginal entre as taxas dos objetos nulos, talvez ela se deva a fatores extralinguísticos, uma vez que quer estes quer os fatores linguísticos influenciam a produção de objetos nulos. Importa, aqui, chamar a atenção para os fatores extralinguísticos. Durante a administração do teste experimental ao grupo de controlo, alguns dos participantes tiveram dificuldade em perceber a ação que o personagem João executava em certas imagens, pertencentes principalmente à condição CD. De

modo a garantir a realização do teste por parte desses participantes, o autor da presente dissertação representou através de gestos a ação que o João executaria, uma vez que o verbo representativo da ação não fazia parte do conteúdo testado. Assim, talvez a indicação do gesto explicativo tenha reforçado o sentimento de participação na história do personagem por parte dos participantes, o que pode ter reforçado a omissão do objeto. No entanto, os resultados obtidos no teste são indicativos, pelo menos, de que os falantes adultos de PL1 aceitam de algum modo o objeto nulo animado em determinados contextos.

Os testes Friedman realizados mostram que a distribuição das três opções de resposta na condição B apresenta diferenças muito significativas ($\chi^2(2) = 11,444$, $p = ,003$), ao passo que não há diferença relativa à distribuição das respostas na condição CD ($\chi^2(2) = 5,404$, $p = ,067$). Estes resultados poderiam levar a concluir que, por um lado, em cada uma das condições em questão, os falantes nativos manifestam distintas preferências em relação às opções de resposta, por outro lado, são claras as diferenças quanto à distribuição das respostas entre as duas condições.

Os mesmos testes Friedman demonstram que no grupo avançado não existe diferença em relação à distribuição das três opções de resposta quer na condição B ($\chi^2(2) = 4,531$, $p = ,104$) quer na condição CD ($\chi^2(2) = 5,429$, $p = ,066$).

Portanto, tendo em conta os resultados dos testes Wilcoxon e dos testes Friedman, poderia dizer-se que o grupo de controlo distingue o objeto inanimado do animado, embora tal desempenho não seja tão evidente neste teste experimental como se esperava, o que muito provavelmente se deve aos condicionalismos do próprio teste e da situação de recolha, e a fatores extralinguísticos.

Finalmente, indo ao encontro da conclusão de Flores *et al.* (2020), o grupo de controlo mostra, tipicamente, a distinção da realização do objeto de acordo com os traços de acessibilidade e animacidade.

Por fim, importa ainda notar que a condição CD pode ser dividida em condição C e condição D. Por conseguinte, apresenta-se abaixo a tabela (8), que mostra a distribuição da realização do objeto na condição C e condição D em separado.

Tabela 8. Tabulação cruzada sobre condição C e D respostas * grupo * condições

Condições				grupo				Total
				elementar	intermédio	avanzado	controle	
C	respostas	Nulo	Contagem	35	17	4	5	61
			% em grupo	77.8%	37.8%	8.9%	11.1%	33.9%
		Clítico	Contagem	0	4	15	22	41
			% em grupo	0.0%	8.9%	33.3%	48.9%	22.8%
		SN	Contagem	10	24	26	17	77
			% em grupo	22.2%	53.3%	57.8%	37.8%	42.8%
		NA	Contagem	0	0	0	1	1
			% em grupo	0.0%	0.0%	0.0%	2.2%	0.6%
	Total		Contagem	45	45	45	45	180
			% em grupo	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%
D	respostas	Nulo	Contagem	29	15	6	4	54
			% em grupo	64.4%	33.3%	13.3%	8.9%	30.0%
		Clítico	Contagem	0	3	17	17	37
			% em grupo	0.0%	6.7%	37.8%	37.8%	20.6%
		SN	Contagem	15	26	22	24	87
			% em grupo	33.3%	57.8%	48.9%	53.3%	48.3%
		NA	Contagem	1	1	0	0	2
			% em grupo	2.2%	2.2%	0.0%	0.0%	1.1%
	Total		Contagem	45	45	45	45	180
			% em grupo	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%

De seguida, veja-se abaixo o gráfico 8 sobre a taxa de produção das diferentes estruturas (nulo, clítico, SN) por condição C e D para todos os grupos.

De seguida, apresentam-se as comparações entre grupos no que diz respeito às suas opções de resposta sob determinada condição, sem ter em consideração o seu estágio de aquisição.

Através dos testes Wilcoxon, atesta-se que para todos os grupos não há diferença estatística entre as duas condições quanto ao uso do objeto nulo, do pronome clítico e do SN (ver resultados dos testes estatísticos em anexo 3 (3.2.4)).

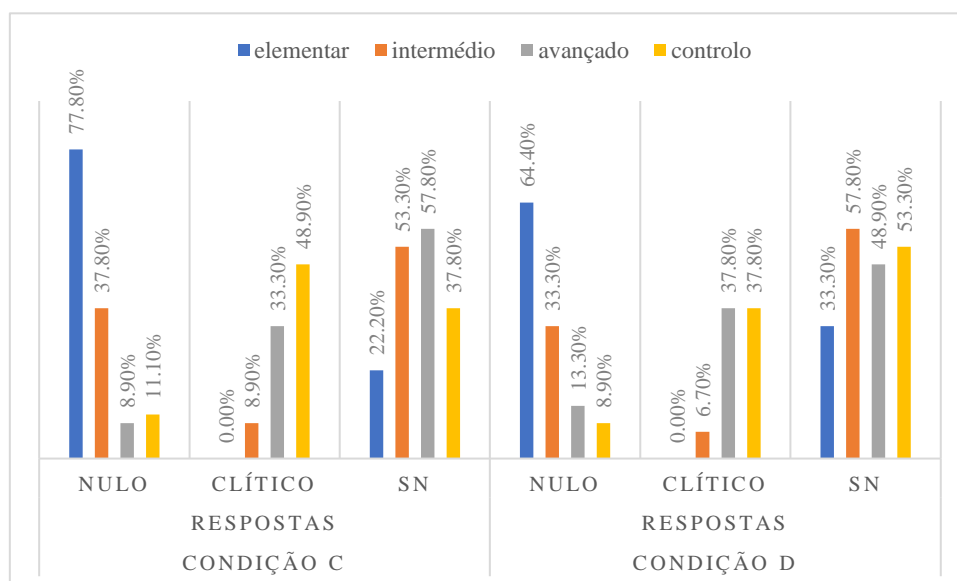


Gráfico 8. Resultados relativos às respostas nas condições C e D para todos os grupos

Todos os resultados relativos aos testes estatísticos referidos nesta secção podem ser encontrados em anexo 3 (3.2.4).

Secção II - Discussão

A presente secção encontra-se dividida em duas subsecções: uma referente à discussão geral sobre os resultados globais relativos aos grupos de falantes chineses e ao grupo de controlo; e outra que inclui as observações e as análises das hipóteses levantadas no capítulo III.

4.4 Discussão geral

Num primeiro momento, analisam-se as respostas globais dos diferentes grupos chineses, seguindo depois para a discussão relativa às respostas globais do grupo de controlo.

Em relação aos resultados dos grupos chineses, em primeiro lugar, verifica-se que, no que diz respeito à resposta com objeto nulo, a taxa de omissão do objeto é mais elevada do que a do grupo de controlo, como era de prever. A taxa de produção de objetos nulos relativa aos três grupos chineses é de 35,8% nas respostas globais. Portanto, de forma geral, os participantes chineses recorrem com frequência à omissão do objeto, embora a sua taxa não seja superior a 50%. Importa ainda realçar que os aprendentes de nível elementar são os que mostram tipicamente preferência pelo objeto nulo em qualquer uma das condições testadas.

Além disso, este estudo contrasta com o estudo de Fiéis e Madeira (2016), no qual o grupo de chinês L1 demonstra uma preferência significativa pela construção de objeto nulo em contexto de frases simples, evidenciando uma taxa de 55,9%. Já no estudo realizado por Gu (2019), no qual se testa o uso de clíticos por falantes chineses de PL2, estes apresentam uma taxa de produção de objetos nulos de 10%, valor bastante reduzido no que concerne os resultados globais.

Some-se a isto que, embora a construção de objeto nulo não seja a resposta preferida pelos aprendentes chineses de PL2, é uma opção a que recorrem com bastante frequência no processo da aquisição de PL2. No entanto, aqueles que possuem um nível linguístico mais baixo têm uma maior tendência a aplicar com mais frequência o objeto nulo no seu discurso.

Ainda em relação aos grupos de falantes chineses, verifica-se que não demonstra uma preferência pela produção de pronomes clíticos, cuja taxa total é de 12,8%, sendo significativamente mais baixa do que a apresentada no estudo de Fiéis e Madeira (2016), que apresenta uma taxa de 26,9% relativa à produção de clíticos em contexto de frases simples. Estes resultados contrastam com os do estudo de Gu (2019), que apresentam uma taxa aproximada de 2%.²⁹ Além disso, é de notar que o grupo elementar de falantes chineses não produz pronomes clíticos.

Relativamente à variação individual quanto à produção de pronomes clíticos nos grupos chineses, constata-se que ela se concentra, de modo geral, em alguns participantes, quer do grupo intermédio quer do grupo avançado, enquanto os restantes ou manifestam tipicamente a preferência pelo SN pleno, ou não sobressai qualquer preferência nas respostas. Talvez a produção reduzida de clíticos em alguns participantes não se deva à má compreensão do uso dos clíticos, visto que, de acordo com o estudo de Fiéis e Madeira (2016), os participantes chineses de nível intermédio mostram uma boa compreensão dos clíticos sob contexto das frases simples, apresentando na tarefa da compreensão uma taxa de acerto de 96,6%.

Por outro lado, segundo o trabalho de Fiéis e Madeira (2016), os grupos de inglês L1 e o de espanhol L1 preferem significativamente a produção de clíticos nos seus discursos. Isso contrasta claramente com o que se observa no presente estudo quanto à realização dos pronomes clíticos.

Entretanto, confirma-se que a produção de pronomes clíticos é aquela que provavelmente apresenta menor frequência na expressão oral, no que diz respeito aos aprendentes chineses de PL2. Portanto, isto

²⁹ É de notar que, no estudo de Gu (2019), a produção do pronome não reflexo é testada sob contexto de orações simples, de orações completivas e de orações adverbiais. Além disso, na realidade, os resultados da produção do pronome não reflexo apresentam no grupo 1 a taxa de 1,7% e no grupo 2 de 2,8%.

evidenciaria indiretamente a dificuldade da aquisição completa dos clíticos, uma vez que alguns dos falantes de nível avançado avaliados ainda não produzem de forma autónoma e inconsciente os clíticos em contextos em que os falantes nativos tendem a usá-los.

Em terceiro lugar, verifica-se, ainda, a preferência dos três grupos chineses de PL2 pelo uso do SN, com uma taxa total de produção de 50,7%, isto é, considerando o conjunto de todas as condições. Em particular, o grupo com nível linguístico mais avançado exhibe uma taxa de 61,5%. Não se verifica uma preferência marcada pelo SN em aprendentes de PL2 que possuem outra L1 diferente do chinês, em conformidade com os estudos de Fiéis e Madeira (2016) e Madeira e Xavier (2009); tal como crianças de PL1, como as observadas por Costa *et al.* (2009), não manifestam preferência pelo SN. Assim, constata-se que o grupo de língua materna chinesa mostra uma preferência pelo uso de SNs, não observada tão claramente em outros grupos de aprendentes de PE.

Enquanto os aprendentes chineses de nível mais avançado aplicam generalizadamente a estratégia do recurso a SNs nos seus discursos orais, os participantes do grupo elementar preferem, claramente, a opção do objeto nulo nas suas expressões. É de notar que, mesmo não se verificando uma significativa diferença estatística quanto à taxa total de uso do SN entre os três grupos chineses, constata-se um grande aumento do uso do SN em relação à taxa entre o estágio elementar e o intermédio. Na secção seguinte, discute-se com mais detalhe a evolução relativa ao uso dos clíticos e ao do objeto nulo, visando revelar a estratégia de evitação e/ou a dificuldade de aquisição dos clíticos.

Como mencionado, a resposta com SN representa de modo generalizado uma opção preferida para os aprendentes chineses de níveis de proficiências mais avançados, o que também é observado no trabalho de Gu (2019). Contudo, esta estratégia do recurso a SNs não é observada em outros estudos de PL2 com aprendentes que têm outras línguas primeiras, nem em estudos que envolvem crianças de PL1.

Ademais, a discussão relativa aos traços de acessibilidade e animacidade e a sua relevância para os grupos chineses vai ser apresentada mais adiante.

Relativamente ao grupo de controlo, de modo geral, os participantes monolíngues optam bastante pelo recurso ao SN, que apresenta uma taxa de 58,5% no que diz respeito aos resultados totais. Em particular, esperava-se um resultado diferente do observado na condição B (referente imediatamente acessível e inanimado), em que se previa uma resposta que comportasse um objeto nulo ou um pronome clítico. Contrário ao esperado, mais de metade dos falantes nativos avaliados, ou seja, 56,7%, preferem

a produção de SNs na condição B. Este resultado inesperado também é observado nos estudos de Sopata (2016) e Flores, *et al.* (2020). Sopata (2016) sugere que este resultado se poderia dever ao efeito do teste experimental, uma vez que o teste experimental foi desenvolvido especificamente para crianças. Notando a natureza mais infantil do teste, sugere-se que os participantes adultos usam mais os SNs de forma a expressar claramente informações que observam no teste, assumindo inconscientemente um discurso dirigido a crianças.

Ademais, os falantes nativos recorrem aos pronomes clíticos no discurso, sendo a sua taxa de produção de 34,1% nas respostas totais. Por sua vez, utilizam a opção de objeto nulo em 7% das ocorrências, uma taxa bastante reduzida comparada às dos outros grupos testados.

Além disso, os falantes adultos de PL1 têm sensibilidade ao traço [acessibilidade] testado, ou seja, são capazes de distinguir facilmente o referente imediatamente acessível do não acessível. Quando recorrem à omissão do objeto direto ou ao uso de pronomes clíticos, referem-se a um antecedente presente no discurso precedente. Tudo isto parece ir ao encontro quer das conclusões do estudo de Flores *et al.* (2020) relativas ao grupo de adultos, quer da teoria da acessibilidade de Ariel (1991), aplicada ao PE.

Por fim, importa ainda realçar que os falantes monolíngues, através da realização do objeto nulo, mostram-se, de forma geral, sensíveis à animacidade. Embora eles aceitem também a omissão do objeto inanimado ou animado em determinados contextos, não se constata a diferença estatística ilustrada na última secção em relação à sensibilidade ao traço [humano]. Por este motivo, de forma geral, o traço [animado], e não o [humano], é visto como um fator decisivo na escolha dos falantes pelo objeto nulo. Este fenómeno linguístico é observado neste estudo para os falantes adultos de PL1, no que diz respeito ao uso do objeto nulo e dos clíticos, o que está em linha com hipótese da hierarquia referencial proposta por Cyrino *et al.* (2000).

4.5 Discussão relativa às hipóteses

Tendo em conta a facilitação da leitura, repetem-se abaixo as hipóteses formuladas anteriormente.

Em primeiro lugar, em relação à hipótese 1: Há transferência completa da L1 em estádios iniciais do desenvolvimento do português.

Os participantes chineses do nível elementar aplicam generalizadamente a construção do objeto

nulo nas suas expressões, e recorrem menos a SNs. Em particular, na condição A (referente inacessível e inanimado), ainda optam prioritariamente pelos objetos nulos. Comparando os resultados das condições A e B, não se evidencia diferença significativa no uso dos objetos nulos. Deste modo, parece ser provável que os participantes do nível elementar referem o objeto nulo ao tópico do discurso mencionado no contexto precedente, e não a um referente imediatamente acessível na frase anterior. Além disso, importa notar que os aprendentes deste grupo não recorrem à opção dos pronomes clíticos.

De acordo com os resultados comparativos entre as condições B e CD, comprova-se que os participantes não têm sensibilidade ao traço de animacidade relativamente à realização do objeto nulo. Por outras palavras, é equivalente ao desempenho linguístico de falantes de CL1 ilustrado em 2.5 e à predição teórica em 1.7.3.

Por sua vez, os resultados que comprovam a preferência pelo objeto nulo por parte dos aprendentes chineses de nível elementar não se constata em outros estudos relacionados com a aquisição de PL2 (Fiéis & Madeira, 2016; Madeira & Xavier, 2009). Por conseguinte, os resultados poderão evidenciar que há efeito da transferência de L1 no processo precoce da aquisição de L2. Assim, confirma-se a hipótese de FT/FA, ou seja, o estágio inicial da aquisição de L2 corresponde ao estado final da L1.

Por sua vez, sabemos que as crianças de PL1 sobregeneralizam a construção de objeto nulo (Costa & Lobo, 2007), uma vez que recorrem de forma generalizada à omissão do objeto nos contextos de frases simples e de ilhas e são, em geral, insensíveis ao efeito da animacidade na omissão (Costa *et al.*, 2009; Flores *et al.*, 2020). Importa realçar que, neste estudo, os aprendentes adultos chineses de nível elementar produzem também, de forma geral, objetos nulos em contexto de frases simples, não fazendo distinção entre o objeto acessível e o inacessível, assim como não diferenciam o referente inanimado do animado. Além disso, os aprendentes chineses de PL2 omitem, de modo geral, o objeto em ilhas (Fiéis & Madeira, 2016).

Tendo em consideração esse contraste, não é de excluir a hipótese de os resultados referidos do presente estudo apontarem para a existência de uma sobregeneralização do objeto nulo no processo precoce da aquisição de PL2 para os aprendentes chineses, tal como se verifica na aquisição de PL1.

Por conseguinte, podemos afirmar que há, na realidade, influência da L1 nos estádios iniciais do desenvolvimento de PL2 dos aprendentes chineses. Contudo, ao mesmo tempo, também não se pode afastar a possibilidade da existência de uma sobregeneralização do objeto nulo, tal como observado em estádios precoces da aquisição de PL1.

Passando à hipótese 2: Há uma tendência de diminuição da omissão do objeto, desde o estágio inicial até ao estágio avançado de aquisição nos falantes chineses de PL2, tal como sucede no processo de aquisição de PL1.

Com base nos dados estatísticos mencionados na secção anterior, em qualquer condição testada, é evidente, de forma geral, uma tendência para a diminuição quanto ao uso do objeto nulo e uma tendência para o aumento relativamente ao uso dos clíticos acusativos, com o avançar do nível de PE dos falantes chineses.

A fim de confirmar a semelhança relativa ao processo da aquisição do objeto nulo entre o grupo chinês de PL2 e o grupo de PL1, é indispensável comparar os dados recolhidos deste estudo com os do estudo de Flores *et al.* (2020), que aplicaram este teste a crianças de PL1, seguindo o gráfico 9.

Note-se que Flores *et al.* (2020) classificam os participantes de acordo com o fator idade.³⁰ Por isso, escolhi as faixas etárias equivalentes às idades de 5, 6 e 7 anos desse estudo, fazendo uma correspondência, respetivamente, ao grupo elementar, o intermédio e o avançado.

Importa deixar claro que não existem evidências que comprovem uma ligação entre as faixas etárias escolhidas e os níveis linguísticos de PE. Não obstante, vale a pena fazer esta comparação, devido à existência de uma sobregeneralização da construção de objeto nulo nos aprendentes chineses de PL2 e nas crianças de PL1.

O gráfico 9 apresenta as taxas de produção de objetos nulos por grupos e condições nas crianças de PL1 estudadas por Flores *et al.* (2020), contrastando-as com as dos falantes chineses de PL2 do presente estudo, por grupos e condições.

³⁰ Flores *et al.* (2020) testam crianças monolíngues de PE, de 45 a 116 meses de idade (média: 67,9; DP: 19,5). De forma a facilitar a contagem, dividem-se os participantes em 4 grupos: 45-52 meses (4 anos), 55-62 meses (5 anos), 63-74 meses (6 anos) e 84-116 meses (7 anos).

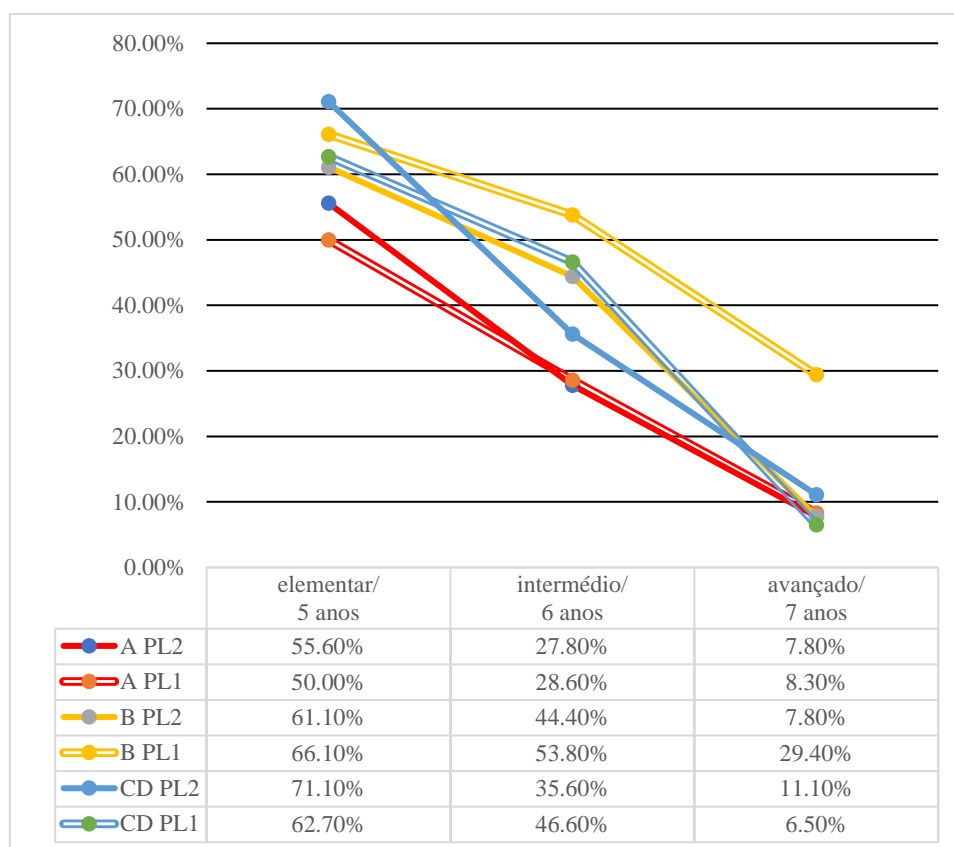


Gráfico 9. Comparação da taxa de produção de objetos nulos entre PL2 e PL1

Observa-se através do gráfico 9 que, ao longo da aquisição do PE, em quaisquer condições, existe uma tendência para a diminuição relativamente à produção de objetos nulos, tanto no que diz respeito aos falantes chineses avaliados como às crianças de PL1.

Por sua vez, o gráfico 10 apresenta a comparação da produção de clíticos entre os participantes dos dois estudos referidos.

Importa salientar que as taxas de PL1 comportam os resultados da produção de clíticos por grupos e condições. As taxas de PL1 explícitas no gráfico 10, em particular as das condições B e CD, são muito mais elevadas do que as de PL2. Embora haja uma tendência do grupo de falantes chineses para o aumento no que diz respeito à realização de pronomes clíticos, ainda se verifica uma grande distância entre os resultados de PL2 e PL1.

Por conseguinte, parece-me que essa tendência crescente quanto ao uso dos clíticos é semelhante à de PL1, mas não é idêntica ao percurso de PL1 devido à distância significativa que se observa. Talvez isto se deva ao facto de os falantes chineses sobreutilizarem os SNs, o que vai ser discutido mais adiante na próxima parte.

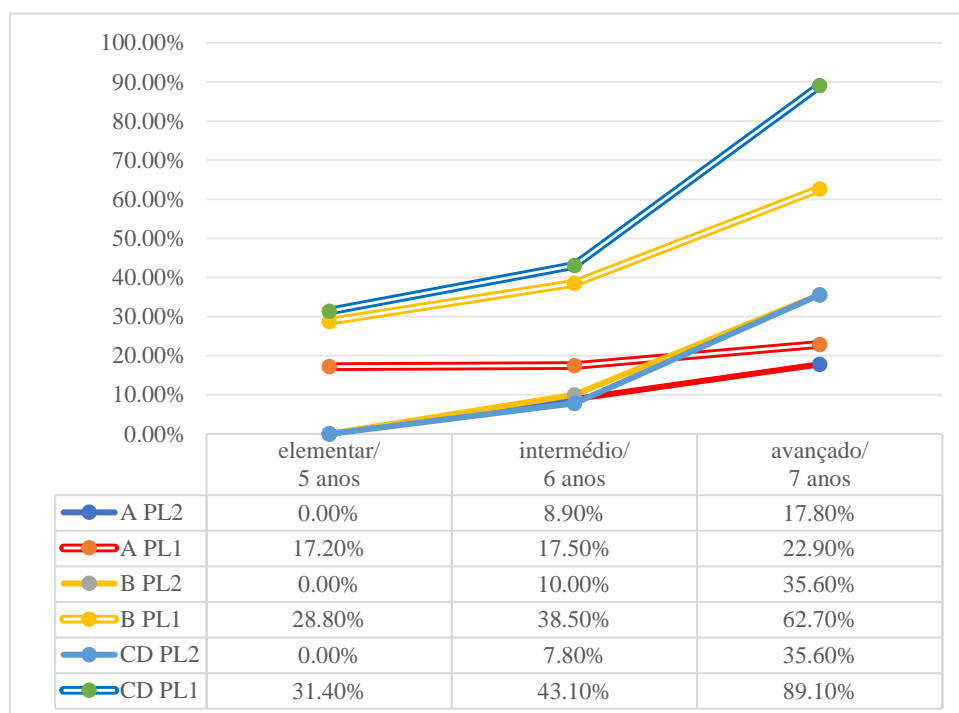


Gráfico 10. Comparação da taxa de produção de clíticos entre PL2 e PL1

Ademais, o presente estudo exhibe, como evidenciado na secção anterior, em qualquer uma das condições testadas, uma aproximação entre o desempenho dos falantes do estádio avançado e o dos falantes adultos de PL1 quanto à omissão do objeto.

Com base nisso, contrastam-se as observações em PL2 com as em PL1. A meu ver, é muito provável que a aquisição do objeto apresente tendências idênticas nos dois tipos de falantes de português. Aliás, em relação à aquisição dos clíticos, o grupo chinês apresenta uma tendência para o aumento semelhante à de PL1.

Discute-se agora, com mais detalhe, o desenvolvimento do objeto nulo e dos pronomes clíticos tanto por condição como por grupo, com base nos resultados do presente estudo.

Assim sendo, em primeiro lugar, a comparação estatística quanto à produção de objetos nulos mostra que o grupo elementar exhibe insensibilidade face ao traço de acessibilidade, ao passo que o grupo intermédio já começa a discriminar este traço como sendo relevante para a escolha do tipo de objeto direto. Já o grupo avançado demonstra uma contínua melhoria quanto à distinção entre o objeto acessível e o inacessível. Nota-se, pelo contrário, e verificando o desempenho do grupo de controlo, que nenhum dos grupos chineses é sensível ao traço de animacidade.

Por conseguinte, os grupos chineses de PL2 mostram um efeito de desenvolvimento em termos de

sensibilidade ao traço de acessibilidade na produção de objetos nulos. Isso quer dizer que os participantes chineses começam a notar, durante a aquisição de PE, que o objeto nulo se refere a um antecedente ou tópico imediatamente acessível no discurso precedente. Não obstante, tal efeito não é verificado no traço de animacidade. Logo, constata-se que os participantes chineses não adquirem completamente todas as propriedades do objeto nulo de PE, ou seja, talvez este domínio seja propício a uma aquisição incompleta.

Em seguida, a nível da produção de clíticos, considera-se que os grupos constituídos por falantes chineses não demonstram diferenças na produção de clíticos nos contextos testados de animacidade. Para além do grupo elementar e do grupo intermédio, constata-se que não é através da realização de clíticos que se distingue se o referente é acessível, isso só será possível quando o grupo avançado demonstrar uma diferença muito marginal.

Por este motivo, à medida que a competência linguística avança, estes grupos conseguem aumentar, embora de forma pouco consistente, o uso de pronomes clíticos no discurso. Contudo, esta produção não é condicionada pelos traços [acessibilidade] e [animacidade] e ocorre de forma muito lenta. Deste modo, a questão relacionada com o desenvolvimento tardio da produção de pronomes clíticos vai ser discutida abaixo.

O objeto nulo e os pronomes clíticos são, pois, estruturas gramaticais que envolvem propriedades de interface, neste caso a integração da sintaxe e do discurso. Os processos da sua aquisição verificados neste estudo tendem claramente a favor da hipótese de interface (Sorace & Filiaci, 2006), que indica que tais entidades se desenvolvem mais tardiamente, ou não são consideradas completamente adquiridas.

Em síntese, perspetivando os resultados contrastivos de PL2 e PL1, chega-se à conclusão que existe uma tendência para a diminuição da produção de objetos nulos, tal como sucede no processo de aquisição de PL1. Existe, em ambos os grupos de falantes, também uma tendência para o aumento da produção de clíticos à medida que diminui a omissão do objeto, havendo, contudo, uma grande distância entre as taxas de produção de clíticos entre ambas as populações. Apesar de os aprendentes chineses demonstrarem uma tendência para o aumento do uso do pronome clítico com o avançar do nível de proficiência, isso não significa que o seu percurso seja totalmente idêntico ao de PL1.

Por outro lado, face aos dois traços avaliados, não se pode considerar que haja, de forma geral, um desenvolvimento linguístico relativamente ao uso do objeto nulo e dos clíticos. Portanto, talvez, à medida que os aprendentes progridam no nível linguístico de PE, tendem a aumentar ou reduzir a sua produção,

respetivamente, de clíticos e de objetos nulos, enquanto não compreendem bem as propriedades envolvidas nos seus usos.

Efetivamente, importa ainda sublinhar que, em termos da sensibilidade ao traço [acessível], os participantes chineses avaliados demonstram um certo desenvolvimento, verificado através, por exemplo, da diminuição do uso do objeto nulo. Por outras palavras, os aprendentes vão conhecendo, de forma implícita, tanto a restrição da acessibilidade como também a restrição interna de uma frase com objeto nulo de PE, o que culminará numa perda gradual dos seus conhecimentos prévios da L1. Por exemplo, em mandarim, a perda da noção de que o objeto nulo tende a retomar o tópico do discurso e não é muito sensível à distância referencial. A propósito disto, os aprendentes de nível mais avançado tendem a produzir frases sem objeto nulo, o que se aproxima de uma gramática adulta de PE.

Mantém-se, então, a dúvida se este fenómeno da realização do objeto nulo ocorre da mesma forma na aquisição de PL2 por aprendentes chineses como ocorre na aquisição de PL1, sendo esta também uma questão levantada por Fiéis e Madeira (2016).

Em primeiro lugar, sabemos que, no estágio precoce da aquisição quer do PL2 quer do PL1, se encontra a sobregeneralização da construção de objeto nulo (Costa & Lobo, 2007; Fiéis & Madeira, 2016). Neste sentido, o presente estudo também confirma a sua existência em PL2.

Contudo, a sobregeneralização da omissão do objeto em PL2 também pode suceder por causa do efeito da transferência da L1. Aliás, a mesma situação linguística em PL1 é restrita por *input* de L1 e GU. Dito de outro modo, parece que as causas dessa sobregeneralização são variadas e distintas. No entanto, a raiz destas distinções deve estar, provavelmente, relacionada com a diferente natureza do processo da aquisição.

Verifica-se ainda que, ao longo da aquisição, ambas as populações de falantes apresentam uma tendência idêntica, que consiste numa diminuição da produção de frases com objeto nulo desde o estágio inicial até ao final, aproximando-se, assim, do estágio adulto de PL1.

Em PL1, à medida que diminui a realização do objeto nulo no discurso, verifica-se, nitidamente, uma evolução da sensibilidade à animacidade, uma propriedade da construção de objeto nulo de PE (Flores *et al.*, 2020). No entanto, no presente estudo, tal evolução não é verificada na aquisição de PL2 para os chineses avaliados, o que, possivelmente, se deve a uma aquisição incompleta ou a um atraso na aquisição.

Apesar das inúmeras diferenças entre a aquisição de PL1 e de PL2, não é de excluir a grande possibilidade de estaremos perante o mesmo fenómeno quer na aquisição do objeto nulo em PL2 por parte de aprendentes chineses quer em PL1, com base nos contextos testados do presente estudo.

Aliás, também deve ser tida em consideração a restrição de omissão do objeto em ilhas no PE, uma vez que vários autores defendem a sua existência (Costa & Lobo, 2007; Raposo, 1986; 2004).

Efetivamente, no estudo de Fiéis e Madeira (2016), verifica-se uma diminuição quanto à produção de objetos nulos em ilhas no grupo chinês testado, em comparação com a produção em contextos não ilhas. Isso contrasta com o que se observa no estudo de Gu (2019), no qual não se verifica a existência de sensibilidade à restrição de ilhas no objeto nulo de PE para os participantes chineses. O presente estudo não permite testar esta questão, pois não inclui contextos de ilhas. Logo, a fim de determinar a existência de um desenvolvimento para tal restrição, mais testes experimentais devem ser realizados no futuro.

Em síntese, o mesmo fenómeno que se encontra no processo de aquisição do objeto nulo em PL2, encontra-se também em PL1. Pressupõe-se, assim, a existência de um desenvolvimento semelhante relativo à sensibilidade da restrição de ilhas ao objeto nulo de PE para os aprendentes chineses de PL2.

Em seguida, discutiremos a hipótese 3: Há estratégia de evitação dos pronomes clíticos ao longo do processo de aquisição do PE.

Como se verificou anteriormente, a diminuição da produção de objetos nulos por parte dos participantes chineses de PL2 com o avançar do seu nível de proficiência ocorre da mesma forma na aquisição de PL1. Contudo, de forma geral, as taxas de produção de pronomes clíticos são muito inferiores às observadas em crianças de PL1 (Flores *et al.*, 2020). Por exemplo, na condição B (referente acessível e inanimado), o grupo chinês de nível avançado produz pronomes clíticos com uma taxa de 35,6%, enquanto as crianças portuguesas de 7 anos os produzem com uma taxa de 62,7%. Assim, verifica-se uma grande diferença percentual quanto à produção de clíticos entre PL2 e PL1. Esta diferença comprova-se nas comparações tanto entre os restantes grupos como entre as condições, que se encontram ilustradas nos gráficos 9 e 10. Isto é, para as crianças de PL1, ao mesmo tempo que se diminui a realização de objetos nulos, aumenta-se significativamente a produção de clíticos. Pelo contrário, com os aprendentes chineses de PL2 esta situação não se verifica.

Deste modo, observa-se que, a partir do nível intermédio, os aprendentes chineses começam a

diminuir significativamente a produção de objetos nulos, ao mesmo tempo que aumentam a frequência do uso de SNs, e não de clíticos, no que diz respeito ao objeto expresso.³¹ A tabela (9) abaixo ilustra o número total de respostas dos participantes com PL2 nível elementar e PL2 nível intermédio.

	Contagem nível elementar	Contagem nível intermédio	diferença
nulo	169	97	72 ↓
clíticos	0	24	24 ↑
SN	97	148	51 ↑

Tabela 9. Diferença entre o total de respostas do nível elementar e do intermédio

Por conseguinte, a observação da estratégia do recurso a SNs nos aprendentes chineses de PL2 revela a possibilidade da existência da estratégia de evitação dos clíticos.

Além disso, verifica-se também um contraste entre estes dados e os de um estudo de PL2 com participantes falantes nativos de inglês e de espanhol de nível intermédio (Fiéis & Madeira, 2016). Segue abaixo a tabela (10) com a comparação das respostas entre os participantes com diferentes L1s. De notar que os dados de chinês L1 do nível intermédio são retirados do presente estudo.

	inglês L1 (Fiéis & Madeira, 2016)	espanhol L1 (Fiéis & Madeira, 2016)	chinês L1 (presente estudo)
nulo	< 0,9% ³²	12,7%	35,9%
clíticos	71,3%	79,7%	8,9%
SN	27,8%	< 7,6%	54,8%

Tabela 10. Comparação das respostas entre diferentes L1s

Observa-se que a produção de clíticos no grupo de chinês L1 também é muito menor do que no grupo de inglês L1 e de espanhol L1. Em particular, apesar de em inglês não existir a propriedade gramatical dos pronomes clíticos, os falantes testados ainda demonstram uma percentagem elevada na produção de clíticos.

Com base nas comparações referidas acima, de acordo com a existência da estratégia de recurso

³¹ Efetivamente, nas diferentes condições testadas apresentam-se ligeiras divergências de valores relativamente à diminuição da produção de objetos nulos e ao aumento da de SNs. Mas, de uma forma geral, a margem de aumento dos SNs é maior do que a dos clíticos, vd. tabela (7).

³² Dado que faltam dados exatos sobre as taxas na produção de objetos nulos no grupo de inglês L1 e na de SNs no grupo de espanhol L1, os dados constantes na tabela são calculados a partir de outros dados exatos. Ademais, nos dois grupos referidos há muito poucos casos que fazem parte da resposta "outro" (Fiéis & Madeira, 2016), portanto, é expectável que os dados reais sejam menos do que os calculados.

a SNs e a diminuição consistente da realização do objeto nulo, talvez haja, de uma forma geral, uma estratégia de evitação dos clíticos ao longo da aquisição de PL2 no que toca aos aprendentes chineses, o que contrasta com a aquisição de PL1, e de PL2 com outras L1s já mencionadas.

De seguida, explicita-se o desenvolvimento da estratégia de evitação dos clíticos no processo da aquisição de PL2, com base nos dados do presente estudo.

Assim, desde o grupo elementar até ao intermédio, na condição CD (referente acessível e animado), há uma grande diminuição quanto ao uso do objeto nulo (64 vs. 32, diferença: 32), e um grande aumento na opção de SN (25 vs. 50, diferença: 25). Aliás, constata-se que, no caso dos clíticos dá-se também um aumento de ocorrências, registando-se, contudo, uma diferença de valores de apenas 8. Esta preferência por SNs, assim como a evitação dos clíticos no processo precoce da aquisição é verificada da mesma forma nas restantes condições testadas.

No processo tardio de aquisição, porém, verifica-se um aumento da frequência do uso dos clíticos, o que não sucede no uso dos SNs. Isso significa que a aquisição dos clíticos é desenvolvida tardiamente pelos aprendentes chineses de PL2. Por exemplo, do grupo intermédio ao grupo avançado, na condição B (referente acessível e inanimado), há um aumento significativo na opção por clíticos (9 vs. 32, diferença: 23), o que contrasta com um aumento bastante menor na opção por SNs (41 vs. 51, diferença: 10). Tal observação também acontece na condição CD e no conjunto total das respostas.

Portanto, perspetivando apenas o processo da aquisição nos aprendentes chineses de PL2, a estratégia de evitação dos pronomes clíticos acompanhada pela estratégia do recurso a SNs acontece preferencialmente no estágio precoce (inicial) da aquisição.

Em síntese, em comparação com a aquisição de PL1 (Flores *et al.*, 2020) e com os dados do estudo de PL2 com participantes de inglês L1 e de espanhol L1 (Fiéis & Madeira, 2016), em geral, parece que os participantes chineses deste estudo adotam a estratégia da evitação dos clíticos. Além disso, recorrem a esta estratégia principalmente no processo precoce da aquisição de PL2.

De seguida, pretende-se explorar os potenciais fatores que originam a estratégia de evitação dos pronomes clíticos (ou altas taxas de omissão do pronome clítico na aquisição de PL2) por aprendentes chineses.

Em primeiro lugar, sugiro que a complexidade do sistema de clíticos do PE leve à dificuldade na sua aquisição, e que, em consequência, os falantes recorram a estratégias de evitação. Sabemos que os

pronomes clíticos do PE envolvem propriedades especiais. Assumem, por exemplo, uma grande variabilidade na sua forma e apresentam uma colocação muito específica. Ademais, verifica-se que, durante a aquisição de PL2, as propriedades semânticas envolvidas nos clíticos, como o traço [animacidade], não são bem adquiridas, ou não são adquiridas de todo. A par disso, a existência da variação individual em termos da sua realização indica que os clíticos não são generalizadamente usados no discurso, o que justifica, indiretamente, a dificuldade sentida por parte dos aprendentes chineses. Ao mesmo tempo, em algumas das condições testadas, não se mostra o desenvolvimento significativo dos clíticos para os chineses avaliados, em particular no percurso precoce da aquisição. Isso reforça a ideia da dificuldade de aquisição dos clíticos, causando altas taxas de objetos nulos na aquisição de PL2 e elevadas taxas de SNs (Fiéis & Madeira, 2016; Gu, 2019).

Em segundo lugar, não se pode, efetivamente, negar a existência da construção de objeto nulo em CM, tendo já sido confirmado o efeito da L1 na aquisição do objeto nulo de PE. Além disso, através da observação da tabela (10), verificamos que os aprendentes chineses produzem mais o objeto nulo do que os ingleses e os espanhóis. Fiéis e Madeira (2016) também afirmam que esta situação ocorre devido ao efeito da L1.

Por fim, a disponibilidade do objeto nulo em PE contribui para a elevada omissão dos clíticos. Para discutir esta observação faz-se uma comparação entre dados de participantes chineses de francês L2 recolhidos por Grüter e Crago (2012), e os retirados do grupo intermédio do presente estudo. Veja-se a seguinte tabela (11).

	chinês L1/ francês L2 (Grüter & Crago, 2012)	chinês L1/ PE L2 presente estudo
nulo	43,7%	35,9%
clíticos	42,3%	8,9%

Tabela 11. Comparação entre falantes chineses de francês L2 e de PL2

Pode-se verificar que falantes chineses que aprendem uma língua que não permite a omissão do objeto, como é o caso do francês, usam muito mais clíticos no discurso. Assim, não conseguimos negar a possibilidade de que a disponibilidade do objeto nulo em PE é responsável pela alta taxa de omissão dos pronomes clíticos.

Por fim, discutimos as hipóteses 4 e 5: Há um efeito de animacidade na omissão do objeto e há influência do traço [humano] na omissão do objeto.

De acordo com a comparação de resultados, relativos ao uso do objeto nulo e dos pronomes clíticos, entre as condições B e CD ou entre as condições C e D, pelos grupos chineses, não se verifica sensibilidade face ao efeito de animacidade nem na produção de objetos nulos de PE, nem na dos pronomes clíticos ao longo da aquisição de PL2.

Com base nas análises e teorias referidas sugiro que, por um lado, o facto de os chineses de PL2 serem insensíveis à propriedade de animacidade envolvida no objeto nulo de PE, se deve, provavelmente, ao efeito da L1; por outro lado, talvez seja pela dificuldade de aquisição dos pronomes clíticos que tal insensibilidade tem origem.

Por conseguinte, em futuros trabalhos de investigação sobre PL2, a meu ver, devem-se fazer estudos centrados no conhecimento implícito e explícito dos alunos chineses, a fim de perceber se sabem ou compreendem as propriedades semânticas envolvidas na construção de objeto nulo e nos clíticos de PE. Adquirido este conhecimento, podem-se sugerir estratégias de ensino desta propriedade a fim de que eles as consigam adquirir ou aprender com sucesso.

Conclusão

O presente estudo teve como finalidade analisar a aquisição do objeto nulo e dos pronomes clíticos por falantes chineses de PL2. Teoricamente, o objeto nulo do PE distingue-se, de modo geral, do de mandarim, quer no âmbito sintático-discursivo quer no semântico. O objeto nulo em PE deve estar ligado a um elemento da periferia esquerda da frase e, de seguida, através daquele elemento (ou, tópico familiar) procura o seu antecedente imediatamente acessível no discurso precedente (Raposo, 2004; Sigurðsson, 2011). A par disso, a omissão do objeto direto também é tipicamente restrita pelo traço [animacidade] para o PE (Schwenter, 2014). Em contrapartida, o objeto nulo em CM é bastante livre. Por um lado, parece não ser limitado pela restrição interna da frase, ao contrário do PE, sendo provavelmente o resultado de elipse ou TEC (Cheng, 2013; Li, 2014). Por outro lado, é tipicamente retomado para o tópico do discurso e recuperado semanticamente via *LF-copying* (Huang, 1984; Li, 2014), e, conseqüentemente, parece não ter tanta sensibilidade aos traços [acessibilidade] e [animacidade] (Sun, 2015). Em relação aos pronomes clíticos, considera-se que o CM não possui tal estrutura gramatical (Zhang, 2018), já o PE apresenta um sistema bastante complexo de pronomes clíticos (Fiéis & Madeira, 2016).

Além disso, em linha com as conclusões do estudo de Flores *et al.* (2020) referentes aos falantes monolíngues de PE, os resultados do grupo de controlo do presente estudo demonstram que fazem, em geral, a distinção dos traços [acessibilidade] e [animacidade], o que corresponde às previsões relativas à teoria de acessibilidade (Ariel, 1991) e à hierarquia referencial (Cyrino *et al.*, 2000) quanto ao objeto nulo e aos clíticos do PE.

Em termos dos grupos chineses, perspetivando os resultados globais da população chinesa avaliada quanto à percentagem das respostas sem distinção das condições testadas, estes recorrem preferencialmente à opção dos SNs e, de seguida, à do objeto nulo. Também se confirma que utilizam com pouca frequência os pronomes clíticos nos seus discursos. Contudo, perspetivando os resultados por grupos, além do grupo intermédio e avançado, o grupo elementar é um caso particular uma vez que produz prioritariamente o objeto nulo e, em segundo lugar, SNs, não produzindo clíticos.

Constata-se ainda uma tendência para a diminuição quanto à realização do objeto nulo, e para o aumento quanto à dos clíticos na aquisição de PL2. Aliás, é provável que o processo da aquisição do objeto nulo de PL2 para os aprendentes chineses seja idêntico à aquisição de PL1.

Importa também realçar que os grupos chineses mostram, através da diminuição da realização do objeto nulo, um certo desenvolvimento quanto à sensibilidade face ao traço [acessível], o que evidencia

uma transferência provocada pela adaptação de uma língua orientada para o discurso a uma orientada para a frase. Além disso, em comparação com os resultados de PL1 (Flores *et al.*, 2020), o desenvolvimento da realização dos clíticos por parte dos chineses avaliados parece muito mais lento e tardio. Também a sua produção parece não ser condicionada pelos traços [acessibilidade] e [animacidade].

Com base nas análises comparativas mencionadas na última secção, constata-se que o efeito de L1 influencia relevantemente a aquisição do objeto nulo e dos clíticos e poderá levar à sobregeneralização do objeto nulo no estágio precoce da aquisição de PL2. Verifica-se também um fenómeno particular quando os aprendentes chineses de PL2 produzem um objeto, que é a estratégia do recurso a SNs. Tal estratégia é utilizada a par da evitação dos clíticos que ocorre principalmente nas etapas precoces do processo de aquisição. Finalmente, sugiro que a construção de objeto nulo ocorre da mesma forma na aquisição de PL2 por aprendentes chineses como na aquisição de PL1, se se observar um desenvolvimento semelhante quanto à sensibilidade da restrição de ilhas ao objeto nulo de PE para os aprendentes chineses de PL2.

Por fim, importa salientar que este trabalho deixa espaço para trabalhos futuros. Aferir se os aprendentes chineses de PL2 entendem as propriedades semânticas envolvidas tanto na construção de objeto nulo como nos clíticos de PE ou explorar a restrição de ilhas no objeto nulo de PE e o seu desenvolvimento no que toca aos aprendentes chineses de PL2 são dois aspetos passíveis de aprofundamento em investigações futuras.

Referências

- Ariel, M. (1991). The function of accessibility in a theory of grammar. *Journal of Pragmatics*, 16(5), 443–463. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0378-2166\(91\)90136-L](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/0378-2166(91)90136-L)
- Brito, A. M. (2003). Categorias Sintáticas. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, D. Inês, I. hub F. Faria, S. Frota, G. Matos, ... A. Villalva (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 323–432). Lisboa: Caminho.
- Brown, H. D. (2000). Principles of Language Learning and Teaching. In *New York: Longman*. <https://doi.org/10.2307/414380>
- Castro, T. (2016). *Heritage and adult L2 acquisition of empty categories in a bidialectal-bilingual context : Brazilian and European Portuguese in contact*. University of Tomsø.
- Chang, H., & Guo, Y. (2014). Unlearning of English null argumentes by Chinese EFL learner. *Foreign Language Teaching and Research (Bimonthly)*, 46(224–234).
- Cheng, H.-T. (2013). *Argument Ellipsis, Classifier Phrases, and the DP Parameter* (University of Connecticut). Retrieved from <http://digitalcommons.uconn.edu/dissertations/20>
- Chi, Y. Q. (2006). *A study on the acquisition of null arguments in Chinese as a second language*. Beijing Language and Culture University.
- Chomsky, N. (1959). *A Review od B.F.Skinner's Verbal Behavior*. 35(1), 26–58. Retrieved from http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/chomsky_1958_skinners_verbalbehavior.pdf
- Chomsky, N. (1965). Aspects of the Theory of Syntax. *Massachusetts: MIT Press*.
- Chomsky, N. (1975). *Reflection on language*. NewYork:Pantheon Books.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Holland: Foris Publications.
- Chomsky, N. (1982). *Some Concepts and Consequences of the Thoery of Government and Binding*. Cambridge,Mass.:MIT Press.
- Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. MIT Press.
- Chomsky, N., & Lasnik, H. (1993). Principles and Parameters Theory. In *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter.
- Conselho da Europa. (2001). QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS – Aprendizagem, ensino, avaliação. Retrieved from https://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf
- Costa, J., & Duarte, I. (2003). Objectos nulos em debate. In M. Mateus, I. Castro, & I. Duarte (Eds.),

- Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos para Maria Helena Mateus* (pp. 249–260). Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Costa, J., & Grolla, E. (2017). Pronomes , clíticos e objetos nulos : dados de produção e compreensão. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 177–199). <https://doi.org/10.5281/zenodo.889431>
- Costa, J., & Lobo, M. (2007). Clitic omission, null objects ou both in the acquisition of European Portuguese? In S. Baauw, F. Drijkoningen, & M. Pinto (Eds.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2005* (pp. 59–72). Amsterdam: John Benjamins.
- Costa, J., & Lobo, M. (2009). Clitic omission in the acquisition of European Portuguese: Data from comprehension. In Acrísio Pires & J. Rothman (Eds.), *Minimalist Inquiries into Child Language Acquisition: Case Studies Across Portuguese* (pp. 63–84). Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Costa, J., & Lobo, M. (2010). Clitic Omission is Null Object: Evidence from Comprehension. In J. Costa, A. Castro, M. Lobo, & F. Pratas (Eds.), *Language Acquisition and Development* (pp. 96–106). Newcastle: Cambridge Scholars Press.
- Costa, J., Lobo, M., & Silva, C. (2009). Null objects and early pragmatics in the acquisition of European Portuguese. *Probus*, 21(2), 143–162. <https://doi.org/10.1515/prbs.2009.005>
- Cyrino, S. (1994). *O Objeto Nulo no Português do Brasil: um Estudo Sintático - Diacrônico*. UNICAMP, Campinas.
- Cyrino, S. (2003). Para a história do Português Brasileiro: a presença do objeto nulo e a ausência de clíticos. In *Letras de Hoje* (pp. 31–47). Porto Alegre.
- Cyrino, S. (2018). ANIMACIDADE NA SINTAXE : UMA ABORDAGEM FORMAL. *Revista Da Anpoll*, 1, 222–238. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i46.1066>
- Cyrino, S. M. L., Duarte, M. E. L., & Kato, M. A. (2000). Visible Subjects and Invisible Clitics in Brazilian Portuguese. In M. A. Kato & E. V. Negrão (Eds.), *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter* (pp. 55–73). <https://doi.org/10.31819/9783964561497-004>
- Cyrino, S., & Matos, G. (2016). Null Objects and VP Ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In W. Leo, S. Menuzzi, & J. Costa (Eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics* (pp. 294–317). <https://doi.org/10.1002/9781118791844.ch16>
- Duarte, I. (2013). Construções de Topicalização. In E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, &

- A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 401–428). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Duarte, I., & Costa, J. (2013). Objeto nulo. In E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 2339–2350). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Duarte, M. I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre o movimento*. Universidade de Lisboa.
- Ellis, R. (2003). *Second Language Acquisition*. Oxford University Press.
- Erteschik-Shir, N., Ibn-Bari, L., & Taube, S. (2013). Missing objects as Topic Drop. *Lingua*, 136, 145–169. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2013.07.009>
- Farrell, P. (1990). Null objects in Brazilian Portuguese. *Natural Language and Linguistic Theory*, 8(3), 325–346.
- Fiéis, A., & Madeira, A. (2016). Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2. *Revista Da Associação Portuguesa de Linguística*, 1, 441–462.
- Flores, C., Rinke, E., & Sopata, A. (2020). Acquiring the distribution of null and overt direct objects in European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 19(5), 1–20.
- Frascarelli, M. (2007). Subjects, topics and the interpretation of referential pro : An interface approach to the linking of (null) pronouns. *Natural Language and Linguistic Theory*, Vol. 25, pp. 691–734. <https://doi.org/10.1007/s11049-007-9025-x>
- Grüter, T., & Crago, M. (2012). Object clitics and their omission in child L2 French: The contributions of processing limitations and L1 transfer. *Bilingualism: Language and Cognition*, 15(3), 531–549. <https://doi.org/doi:10.1017/S1366728911000113>
- Gu, W. J. (2019). Pronomes clíticos na aprendizagem de PLE: um estudo empírico sobre a sua produção por falantes de chinês. In A. M. Ferreira, C. Morais, M. F. Brasete, & R. L. Coimbra (Eds.), *Pelos mares da língua portuguesa 4* (pp. 675–687). Aveiro: UA Editora.
- Haegeman, L. (1991). *Intruduction to Government & Binding Theory*. Oxford: Basil Blackwell.
- Huang, C.-T. J. (1984). On the distribution and reference of empty pronouns. *The MIT Press, Linguistic Inquiry*, 15(4), 531–574.
- Huang, C.-T. J. (1991). Remarks on the Status of the Null Object. In R. Freidin (Ed.), *Principles and*

- Parameters in Comparative* (pp. 56–76). Cambridge, MA:MIT Press.
- Jiang, Y. W. (2006). *A study of null objects in chinese speakers' L2 English*. Shanghai International Studies University.
- Kato, M. (1991). The distribution of Pronouns and Null Elements in Object Position in Brazilian Portuguese. In W. Ashby, M. Mithum, & G. Perissimotto (Eds.), *Linguistic Perspectives on the Romance Languages* (pp. 225–236). John Benjamins. Amsterdam e Philadelphia.
- Krifka, M. (2001). *Discourse Topic and Sentence Topic*. (d), 1–4.
- Li, C., & Thompson, S. (1981). *Mandarin Chinese: A Function Reference Grammar*. California: University of California Press.
- Li, Q., & Flores, C. (2019). Conhecimento Implícito e Explícito da Flexão Nominal e Verbal em Português Língua Não Materna. Um Estudo sobre Aprendentes Chineses. *Diacrítica*, 33(2), 252–277. <https://doi.org/10.21814/diacritica.423>
- Li, R. Y. (2017). The Child acquisition of null arguments. *Foreign Language Teaching and Research (Bimonthly)*, 49(2), 163–176.
- Li, Y. A. (2014). Born empty. *Science Direct Lingua*, 151, 43–68. <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2013.10.013>
- Lobo, M., Madeira, A., & Silva, C. (2017). Interpretação de pronomes sujeito anafóricos e catafóricos por falantes de português L2: efeitos da língua materna. *Revista Da Associação Portuguesa de Linguística*, 3(09), 135–153.
- Madeira, A. (2017). Aquisição de língua não materna. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *Aquisição de língua materna e língua não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 305–330). <https://doi.org/10.5281/zenodo.889441>
- Madeira, A. M., & Xavier, M. F. (2009). The acquisition of clitic pronouns in L2 European Portuguese. In Ammm Pires & J. Rothman (Eds.), *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese* (pp. 273–300). <https://doi.org/10.1515/9783110215359.2.273>
- Matos, G. (2003). Tipologia dos pronomes clíticos. In M. H. M. Mateus, A. M. Brito, D. Inês, I. hub F. Faria, S. Frota, & G. Matos (Eds.), *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 826–847). Lisboa: Caminho.
- Meisel, J. (2008). Child second language acquisition or successive first language acquisition? In B.

- Haznedar & E. Gavrusseva (Eds.), *Current trends in child second language acquisition: A generative perspective* (pp. 55–80). Amsterdam: John Benjamins.
- Pu, M., & Pu, Q. (2014). Zero anaphora and topic chain: a cross-linguistic study. *International Journal of Linguistics and Communication*, 2(1), 27–44.
- Raposo, E. (1986). On the Null Object in European Portuguese. In O. Jaeggli & C. Silva Corvalán (Eds.), *Studies in Romance Linguistics* (pp. 373–390). Dordrecht:Foris Publications.
- Raposo, E. (2013). Estrutura da Frase. In E. Raposo, M. Nascimento, M. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Eds.), *Gramática do Português* (pp. 303–400). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. P. (2004). Objectos Nulos e CLLD: Uma Teoria Unificada. *Revista Da ABRALIN*, 3(1/2), 41–73. <https://doi.org/10.5380/rabl.v3i1/2.52667>
- Reinhart, T. (1982). *Pragmatics and Linguistics: An Analysis of Sentence Topics*. Bloomington, Indiana: Indiana University Linguistics Club.
- Rinke, E., Flores, C., & Barbosa, P. (2017). Null objects in the spontaneous speech of monolingual and bilingual speakers of European Portuguese. *Probus*, 30(1), 93–119.
- Rinke, E., Flores, C., & Sopata, A. (2019). Heritage Portuguese and Heritage Polish in Contact with German: More Evidence on the Production of Objects. *Languages*, 4(3), 53. <https://doi.org/10.3390/languages4030053>
- Saito, M. (2007). Notes on East Asian argument ellipsis. *Language Research*, 43, 203–227.
- Sato, Y. (2019). Comparative syntax of argument ellipsis in languages without agreement: A case study with Mandarin Chinese. *Journal of Linguistics*, 55(3), 643–669. <https://doi.org/10.1017/S0022226718000403>
- Schwartz, B. D., & Sprouse, R. (1996). L2 cognitive states and the full transfer/full access model. *Second Language Research*, 12, 40–72.
- Schwenter, S. A. (2014). Two kinds of differential object marking in Portuguese and Spanish. In P. Amaral & A. M. Carvalho (Eds.), *Portuguese/Spanish interfaces* (pp. 237–260). <https://doi.org/10.1075/ihll.1.12sch>
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics Teaching*, 10(3), 209–231.
- Sigurðsson, H. A. (2011). Conditions on Argument Drop. *Linguistic Inquiry*, 42, 267–304.

<https://doi.org/10.1162/ling>

Sigurðsson, H. A. (2014). Context-linked grammar. *Language Sciences*, 46, 175–188.

<https://doi.org/10.1016/j.langsci.2014.06.010>

Sopata, A. (2016). Null objects in adult and child Polish: Syntax, discourse and pragmatics. *Lingua*, 183, 86–106. <https://doi.org/10.1016/J.LINGUA.2016.05.007>

Sopata, A. (2017). On the C/edge linking mechanism. Evidence from Polish. *Lingua Posnaniensis*, 87–100. <https://doi.org/10.1515/linpo-2017-0014>

Sorace, A. (2011). Pinning down the concept of “interface” in bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 1(1), 1–33. <https://doi.org/10.1075/lab.1.1.01sor>

Sorace, A., & Filiaci, F. (2006). Anaphora resolution in near-native speakers of Italian. *Second Language Research*, 22(3), 339–368. <https://doi.org/10.1191/0267658306sr271oa>

Spencer, A., & Luís, A. R. (2012). *clitics: An Introduction*. New York: Cambridge University Press.

Sun, K. (2015). The Category, Structure and Textual Function of Topic Chains in Chinese Discourse. *Language Teaching and Linguistic Studies*, 5, 72–82.

Tomioka, S. (2003). The semantics of Japanese null pronouns and its cross-linguistic implications. In K. Schwabe & S. Winkler (Eds.), *The interfaces: Deriving and interpreting omitted structures* (pp. 321–340). John Benjamins Publishing Company.

White, L. (2003). *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge University Press.

Xu, L. (1986). Free empty category. *Linguistic Inquiry*, 17, 75–93.

Zhang, Y. (2018). *Aquisição de SE Anafórico por Aprendentes Chineses de Português L2*. Universidade de Coimbra.

Zhao, L. X. (2009). L2 Acquisition of the Interpretation of Embedded Null Arguments in Chinese. In M. Bowles (Ed.), *Proceedings of the 10th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2009)* (pp. 77–85). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.

Anexo 1



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 103/2019

Relator: Acílio Silva Estanqueiro Rocha

Título do projeto: *Aquisição do Objeto Nulo e dos Pronomes Clíticos por Falantes Chineses de Português Língua Segunda*

Equipa de Investigação: Zhao LiangLiang (Joel Zhao), Mestrado em Português Língua Não Materna, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho; Prof. Doutora Cristina Flores e Prof. Doutora Pilar Barbosa (Orientadoras), Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Aquisição do Objeto Nulo e dos Pronomes Clíticos por Falantes Chineses de Português Língua Segunda*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 12 de dezembro de 2019.

O Presidente da CEICSH

Assinado por : **ACÍLIO DA SILVA ESTANQUEIRO
ROCHA**
Num. de Identificação: BI042754054
Data: 2019.12.18 15:49:02+00'00'



Inquérito individual e Teste de proficiência linguística em português europeu para os participantes chineses³³

2019/11/19

Questionário e Exercício Lexical

Questionário e Exercício Lexical

个人问卷以及词汇判断练习

*必填

1. 电子邮件地址 *

2. *

CONSENTIMENTO INFORMADO

告知书

"Aquisição do Objeto nulo e Clítico por Falantes Chineses de PL2"

Objetivo do estudo: Este estudo pretende observar a aquisição de português L2 por falantes chineses. 研究目的: 旨在观察和理解将葡萄牙语作为第二外语的中国学生的习得情况。

Descrição e métodos: A participação neste estudo implica responder a um pequeno questionário online, um exercício lexical online para falantes chineses e uma tarefa de produção induzida. Os resultados expectáveis poderão contribuir para melhor percebermos o processo de aquisição de português por falantes chineses. 实验方式: 包括在线问卷、在线词汇练习以及基于问题的诱导回答练习。预期结果可能有助于更好地理解中国学生的习得过程。

Riscos previsíveis: A participação neste estudo não tem riscos previsíveis. 潜在风险: 不存在可预见的风险。

Participação voluntária: O participante terá toda a liberdade para recusar a participação no estudo ou retirar o seu consentimento, suspendendo a participação em qualquer momento. A participação é totalmente voluntária. 自愿原则: 参与者可拒绝参与本实验, 也可撤回确认的知情同意书。

Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para investigação. A informação recolhida de cada participante será combinada e analisada em conjunto com informação de outros participantes. Todos os dados de identificação dos participantes serão mantidos em confidencialidade. Para o estudo, a cada participante será atribuído um código. A identidade dos participantes nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação decorrente do estudo. 保密原则: 获得所有数据仅且只用于学术研究。每个参与者的数据将被保密, 且与其他参与者一同被合并分析。此外, 每位参与者将被分配一个编号, 其身份信息永远不会在研究报告或出版文献中被透露。

A quem devo colocar questões relacionadas com este estudo: Zhao, Liangliang, zhaoliangliangjoel@gmail.com 实验联系人: 赵亮亮, zhaoliangliangjoel@gmail.com

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

知情同意声明

Declaro ter tomado conhecimento e aceitar participar, voluntariamente, neste estudo. Para esse efeito, aceito que seja feita a recolha de dados conforme acima mencionado.

Autorizo que os dados obtidos sejam armazenados de acordo com legislação em vigor, podendo apenas ser utilizados para o estudo acima. Poderei, no entanto, revogar a autorização para utilização dos meus dados em qualquer momento. Declaro ainda que os resultados dos estudos realizados com os meus dados poderão ser usados em comunicações e publicações científicas de forma anónima. O estudo proposto foi-me explicado e tive oportunidade de colocar questões.

我声明同意并自愿参加上述研究, 并接受上述研究方式和数据收集。

我授权研究所得的数据根据当前法律进行存储, 并且只能用于上述研究。但是, 我可以撤销数据使用许可。我再次声明, 研究结果中所使用的关于本人的数据应当以匿名方式出现在学术研究报告中。我已经非常清楚本研究的目的, 相关流程和数据使用, 并据此提出相关问题。

请仅选择一个答案。

ACEITO 同意

REJEITO 不同意 停止填写此表单。

https://docs.google.com/forms/d/1_aqo070cEIRP3116qPHWAKnZrFUYTn8aJ-EZoW8P_Vs/edit

1/12

³³ Optei por designar o teste de proficiência linguística em PE como "Exercício lexical", para relaxação mental dos participantes.

Questionário 个人问卷

3. Qual é o seu nome chinês? 您的中文名及相应拼音? *

4. Qual é sua nacionalidade? 您的国籍? *

请仅选择一个答案。

China

Outros 完成本节最后一个问题后, 请停止填写此表单。

5. Qual é seu sexo? 您的性别? *

请仅选择一个答案。

Masculino 男性

Feminino 女性

6. Que idade tem? 您的年龄? *

7. Qual é sua língua materna? 您的母语? *

请仅选择一个答案。

Mandarim 普通话

Cantonês 广东话

其他: _____

8. Qual é sua língua dominante? 您的第一熟练语言? *

请仅选择一个答案。

Mandarim 普通话

Cantonês 广东话

Português 葡萄牙语

Inglês 英语

其他: _____

9. Se já estudou português, indique onde. 如果您学习过葡萄牙语, 是在哪里学习的? *

10. Estudou português europeu ou português brasileiro? 您学习的是欧洲葡萄牙语, 还是巴西葡萄牙语? *

请仅选择一个答案。

português europeu 欧葡

português brasileiro 巴葡

11. **Há quanto tempo estuda Português? 您的葡语学习时间? ***

请仅选择一个答案。

- 0-3 meses
- 4-6 meses
- 7-12 meses
- 1-2 anos
- 2-3 anos
- 3-4 anos
- >4 anos

12. **Há quanto tempo estuda Português em Portugal? 您在葡萄牙学习葡语的时间? ***

请仅选择一个答案。

- 0-4 semanas
- 5-8 semanas
- 9-12 semanas
- 4-6 meses
- 7-12 meses
- 1-3 anos
- >3 anos

Exercício Lexical 词汇判断练习

Informação

Nesta tarefa ser-lhe-á apresentado um conjunto de 'palavras', quer verdadeiras, quer inexistentes. Deverá, para cada palavra, seleccionar o botão: Sim se considerar que a palavra existe; Não, no caso de considerar que se trata de uma palavra inventada.

练习贴士

在此测试中, 您将看到一组“单词”, 可能是正确的单词, 也可能是错误的或者是在葡萄牙语中并不存在的单词。

如果您认为是正确的单词, 则应选择“是/ sim”按钮; 如果您认为是错误或不存在的单词, 则应选择“否/ não”按钮。

Este teste é retirado do DIALANG. <https://dialangweb.lancaster.ac.uk/>

13. **parecer ***

请仅选择一个答案。

- sim
- não

14. **sonhoar ***

请仅选择一个答案。

- sim
- não

15. **olhoar ***

请仅选择一个答案。

- sim
- não

16. **suprir** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

17. **nascer** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

18. **confundir** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

19. **infiltrar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

20. **comover** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

21. **orçar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

22. **bambuzar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

23. **extenuar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

24. **bestificar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

25. **enfumaçar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

26. **razonar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

27. **namorear** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

28. **cabelar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

29. **rasurar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

30. **topar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

31. **cantar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

32. **neutralizar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

33. **triumfar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

34. **bruxar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

35. **sinar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

36. **caixoar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

37. **intermedear** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

38. **eximir** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

39. **desembaraçar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

40. **telefonar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

41. **vidroar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

42. **saber** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

43. **partir** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

44. **borrachar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

45. **numeroar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

46. **beneficiar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

47. **constatar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

48. **recrear** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

49. **importar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

50. **jogar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

51. **caducar** *
请仅选择一个答案。

- sim
 não

52. **estar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

53. **costurar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

54. **cuspear ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

55. **bananar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

56. **pular ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

57. **suportar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

58. **esconderijar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

59. **inscrever ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

60. **folhear ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

61. **corantear ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

62. **jorrar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

63. **brandoar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

64. **imprimir ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

65. **defuntar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

66. **azedar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

67. **torrar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

68. **camar ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

69. **envelhecer ***

请仅选择一个答案。

- sim
 não

70. **comidar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

71. **anotar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

72. **jornadar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

73. **iterar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

74. **exigir** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

75. **desencaixar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

76. **aguarar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

77. **oscilar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

78. **vomitoar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

79. **tabelar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

80. **negar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

81. **arrumar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

82. **desvairar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

83. **legitimar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

84. **caçar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

85. **apoiar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

86. **ventoar** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

87. **delinquir** *

请仅选择一个答案。

- sim
 não

Anexo 2

Inquérito individual para os participantes portugueses

2019/11/19

Questionário

Questionário

*必填

1. 电子邮件地址 *

2. *

CONSENTIMENTO INFORMADO

"Aquisição do Objeto nulo e Clítico por Falantes Chineses de PL2"

Objetivo do estudo: Este estudo pretende observar a aquisição de português L2 por falantes chineses.

Descrição e métodos: A participação neste estudo implica responder a um pequeno questionário online, um exercício lexical online para falantes chineses e uma tarefa de produção induzida. Os resultados expectáveis poderão contribuir para melhor percebermos o processo de aquisição de português por falantes chineses.

Riscos previsíveis: A participação neste estudo não tem riscos previsíveis.

Participação voluntária: O participante terá toda a liberdade para recusar a participação no estudo ou retirar o seu consentimento, suspendendo a participação em qualquer momento. A participação é totalmente voluntária.

Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para investigação. A informação recolhida de cada participante será combinada e analisada em conjunto com informação de outros participantes. Todos os dados de identificação dos participantes serão mantidos em confidencialidade. Para o estudo, a cada participante será atribuído um código. A identidade dos participantes nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação decorrente do estudo.

A quem devo colocar questões relacionadas com este estudo: Zhao, LiangLiang, zhaoliangliangjoel@gmail.com

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro ter tomado conhecimento e aceitar participar, voluntariamente, neste estudo. Para esse efeito, aceito que seja feita a recolha de dados conforme acima mencionado.

Autorizo que os dados obtidos sejam armazenados de acordo com legislação em vigor, podendo apenas ser utilizados para o estudo acima. Poderei, no entanto, revogar a autorização para utilização dos meus dados em qualquer momento. Declaro ainda que os resultados dos estudos realizados com os meus dados poderão ser usados em comunicações e publicações científicas de forma anónima. O estudo proposto foi-me explicado e tive oportunidade de colocar questões.

请仅选择一个答案。

ACEITO

REJEITO 停止填写此表单。

无标题小节

3. Qual é a sua nacionalidade? *

请仅选择一个答案。

Portugal

Outros 停止填写此表单。

4. Qual é o seu nome? *

5. Qual é o seu sexo? *

请仅选择一个答案。

- Masculino
- Feminino

6. Que idade tem? *

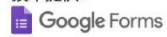
7. Qual é a sua língua materna? *

请仅选择一个答案。

- Português
- 其他: _____

8. Qual é o seu curso unversitário? Ex. Mestrado em Português Não Língua Materna. *

技术提供:



Anexo 3

Dados do teste e dados estatísticos

3.1 Dados gerais sobre os participantes

Grupo Elementar				
Código	Nome	Sexo	Nota do DIALANG	Idade
EL1	Lin	masculino	130	23
EL2	Wang	feminino	190	20
EL3	Cao	masculino	180	21
EL4	Wang	masculino	160	22
EL5	Chi	masculino	170	20
EL6	Zhang	masculino	170	20
EL7	Liu	masculino	140	20
EL8	Huang	feminino	190	20
EL9	Zhuo	feminino	240	20
EL10	Li	feminino	230	21
EL11	Hu	feminino	230	20
EL12	Huang	feminino	220	21
EL13	Ran	feminino	220	21
EL14	Luo	feminino	170	22
EL15	Li	feminino	250	23

Grupo Intermédio				
Código	Nome	Sexo	Nota do DIALANG	Idade
IN1	Guo	feminino	500	20
IN2	Du	masculino	550	21
IN3	Kang	feminino	510	20
IN4	Zhang	feminino	530	20
IN5	Shen	feminino	540	20
IN6	Xu	masculino	510	20
IN7	Chen	feminino	470	22
IN8	Xu	masculino	440	22
IN9	Zhang	feminino	320	21
IN10	Zhao	feminino	290	23
IN11	Luo	feminino	470	22
IN12	Liu	feminino	520	21
IN13	Ren	masculino	500	23
IN14	Zhang	masculino	520	22
IN15	Wang	masculino	460	22

Grupo Avançado				
Código	Nome	Sexo	Nota do DIALANG	Idade
AV1	Sun	feminino	570	22
AV2	Li	feminino	610	24
AV3	Ying	feminino	600	25
AV4	Dong	feminino	580	20
AV5	Li	feminino	620	22
AV6	Xie	feminino	590	23
AV7	Zhou	feminino	570	22
AV8	Weng	feminino	610	20
AV9	zhu	feminino	590	23
AV10	Yu	feminino	570	24
AV11	Zhu	feminino	560	20
AV12	Li	feminino	590	24
AV13	Liu	masculino	600	23
AV14	Zhou	masculino	640	27
AV15	Quan	masculino	590	24

Grupo de Controlo			
Código	Nome	Sexo	Idade
GC1	Francisca	feminino	23
GC2	Liliana	feminino	19
GC3	Mariana	feminino	21
GC4	Ana	feminino	18
GC5	Renata	feminino	19
GC6	Sofia	feminino	20
GC7	Eduarda	feminino	19
GC8	Ana	feminino	20
GC9	Débora	feminino	20
GC10	Adriana	feminino	26
GC11	Carolina	feminino	21
GC12	Bruna	feminino	21
GC13	Ana	feminino	21
GC14	Ana	feminino	21
GC15	Jaime	masculino	23

3.2 Dados estatísticos sobre os participantes

3.2.1 Testes estatísticos sobre correlação entre respostas e DIALANG

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
respostas	,335	1080	,000	,736	1080	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Correlações

			dialang	respostas
rô de Spearman	Dialang	Coeficiente de Correlação	1,000	,288 ^{**}
		Sig. (bilateral)	.	,000
		N	810	810
	Respostas	Coeficiente de Correlação	,288 ^{**}	1,000
		Sig. (bilateral)	,000	.
		N	810	810

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

Correlações^a

			dialang	respostas
rô de Spearman	dialang	Coeficiente de Correlação	1,000	-,095
		Sig. (bilateral)	.	,121
		N	270	270
	respostas	Coeficiente de Correlação	-,095	1,000
		Sig. (bilateral)	,121	.
		N	270	270

a. grupo = elementar

Correlações^a

			dialang	respostas
rô de Spearman	dialang	Coefficiente de Correlação	1,000	,170 ^{**}
		Sig. (bilateral)	.	,005
		N	270	270
	respostas	Coefficiente de Correlação	,170 ^{**}	1,000
		Sig. (bilateral)	,005	.
		N	270	270

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

a. grupo = intermédio

Correlações^a

			dialang	respostas
rô de Spearman	dialang	Coefficiente de Correlação	1,000	-,233 ^{**}
		Sig. (bilateral)	.	,000
		N	270	270
	respostas	Coefficiente de Correlação	-,233 ^{**}	1,000
		Sig. (bilateral)	,000	.
		N	270	270

** . A correlação é significativa no nível 0,01 (bilateral).

a. grupo = avançado

3.2.2 Testes estatísticos relativos às respostas totais por grupo e por condição

(E.) Teste sobre objeto nulo nas respostas totais entre os 3 grupos chineses

(D.) Teste sobre objeto nulo nas respostas totais entre o grupo avançado e o de controlo

Estatísticas de teste^{a,b}

	RespostaTotal_ nulo
Qui-quadrado	17.083
gl	2
Significância Assint.	.000

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

Estatísticas de teste^a

	RespostaTot al_nulo
U de Mann-Whitney	106.000
Wilcoxon W	226.000
Z	-.282
Significância Assint. (Bilateral)	.778
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.806 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

(E.) Teste sobre pronomes clíticos nas respostas totais entre os 3 grupos chineses

(D.) Teste sobre pronomes clíticos nas respostas totais entre o grupo avançado e o de controlo

Estatísticas de teste^{a,b}

	RespostaTotal_ clítico
Qui-quadrado	9.143
gl	2
Significância Assint.	.010

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

Estatísticas de teste^a

	RespostaTota l_clítico
U de Mann-Whitney	86.000
Wilcoxon W	206.000
Z	-1.122
Significância Assint. (Bilateral)	.262
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.285 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

(E.) Teste sobre SN nas respostas totais entre os 4 grupos testados

Estatísticas de teste^{a,b}

	RespostaTotal_ SN
Qui-quadrado	5.711
gl	3
Significância Assint.	.127

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

3.2.3 Testes estatísticos por condição

(E.) Teste sobre objeto nulo na condição A entre os 3 grupos chineses

(D.) Teste sobre objeto nulo na condição A entre o grupo elementar e o intermédio

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoA_ nulo
Qui-quadrado	14.741
gl	2
Significância Assint.	.001

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoA_ nulo
U de Mann-Whitney	64.500
Wilcoxon W	184.500
Z	-2.024
Significância Assint. (Bilateral)	.043
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.045 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

(E.) Teste sobre pronome clítico na condição A entre os 3 grupos chineses

(D.) Teste sobre SN na condição A entre os 3 grupos chineses

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoA_ clítico
Qui-quadrado	3.400
gl	2
Significância Assint.	.183

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoA_ SN
Qui-quadrado	5.599
gl	2
Significância Assint.	.061

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

Teste Wilcoxon por grupo sobre comparação entre SN e objeto nulo e entre SN e clítico sob a condição A

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoA_ nulo - CondiçãoA_ SN	CondiçãoA_ clítico - CondiçãoA_ SN
Z	-.674 ^c	-2.941 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.500	.003

a. grupo = elementar

b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

c. Com base em postos negativos.

d. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoA_ nulo - CondiçãoA_ SN	CondiçãoA_ clítico - CondiçãoA_ SN
Z	-1.980 ^c	-3.088 ^c
Significância Assint. (Bilateral)	.048	.002

a. grupo = intermédio

b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

c. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoA_ nulo - CondiçãoA_ SN	CondiçãoA_ clítico - CondiçãoA_ SN
Z	-3.123 ^c	-2.261 ^c
Significância Assint. (Bilateral)	.002	.024

a. grupo = avançado

b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

c. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoA_ nulo - CondiçãoA_ SN	CondiçãoA_ clítico - CondiçãoA_ SN
Z	-3.424 ^c	-2.936 ^c
Significância Assint. (Bilateral)	.001	.003

a. grupo = controlo

b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

c. Com base em postos positivos.

(E.) Teste sobre objeto nulo na condição B entre os 3 grupos chineses

(D.) Teste sobre clítico na condição B entre os 3 grupos chineses

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_ nulo
Qui-quadrado	14.653
gl	2
Significância Assint.	.001

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_ clítico
Qui-quadrado	7.851
gl	2
Significância Assint.	.020

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

(E.) Teste sobre objeto nulo na condição B entre o grupo avançado e o de controlo

(D.) Teste sobre clíticos na condição B entre o grupo avançado e o de controlo

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoB_nulo
U de Mann-Whitney	102.000
Wilcoxon W	222.000
Z	-.590
Significância Assint. (Bilateral)	.555
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.683 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoB_clítico
U de Mann-Whitney	100.500
Wilcoxon W	220.500
Z	-.528
Significância Assint. (Bilateral)	.598
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.624 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

(E.) Testes sobre SN na condição B entre os 4 grupos

(D.) Testes sobre SN na condição B entre os 3 grupos chineses

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_SN
Qui-quadrado	3.120
gl	3
Significância Assint.	.374

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_SN
Qui-quadrado	2.077
gl	2
Significância Assint.	.354

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: 3 grupos

(E.) Teste sobre objeto nulo na condição B entre o grupo intermédio e o avançado

(D.) Teste sobre pronome clítico na condição B entre o grupo intermédio e o avançado

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoB_nulo
U de Mann-Whitney	50.500
Wilcoxon W	170.500
Z	-2.765
Significância Assint. (Bilateral)	.006
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.009 ^b

- a. Variável de Agrupamento: grupo
b. Não corrigido para empates.

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoB_clítico
U de Mann-Whitney	86.000
Wilcoxon W	206.000
Z	-1.311
Significância Assint. (Bilateral)	.190
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.285 ^b

- a. Variável de Agrupamento: grupo
b. Não corrigido para empates.

Teste Wilcoxon por grupo sobre comparação entre SN e objeto nulo, entre SN e clítico e entre clítico e objeto nulo na condição B

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_nulo - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_nulo
Z	-1.274 ^c	-2.527 ^d	-3.202 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.203	.012	.001

- a. grupo = elementar
b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
c. Com base em postos negativos.
d. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_nulo - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_nulo
Z	-.142 ^c	-2.456 ^d	-2.129 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.887	.014	.033

- a. grupo = intermédio

- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. Com base em postos negativos.
- d. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_nulo - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_nulo
Z	-2.608 ^c	-1.117 ^c	-1.970 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.009	.264	.049

- a. grupo = avançado
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. Com base em postos positivos.
- d. Com base em postos negativos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_nulo - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_SN	CondiçãoB_clítico - CondiçãoB_nulo
Z	-3.185 ^c	-1.058 ^c	-2.615 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.001	.290	.009

- a. grupo = controle
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. Com base em postos positivos.
- d. Com base em postos negativos.

(E.) Teste sobre objeto nulo na condição CD entre os 3 grupos chineses

(D.) Teste sobre pronome clítico na condição CD entre os 3 grupos chineses

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoCD_nulo
Qui-quadrado	24.080
gl	3
Significância Assint.	.000

- a. Teste Kruskal Wallis
- b. Variável de Agrupamento: grupo

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoCD_clítico
Qui-quadrado	9.667
Gl	2
Significância Assint.	.008

- a. Teste Kruskal Wallis
- b. Variável de Agrupamento: grupo

(E.) Teste sobre SN na condição CD entre os 4 grupos testados

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoCD_ SN
Qui-quadrado	5.384
Gl	3
Significância Assint.	.146

a. Teste Kruskal Wallis

b. Variável de Agrupamento: grupo

(E.) Teste sobre pronome clítico na condição CD entre o grupo avançado e o de controle

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoCD_ clítico
U de Mann-Whitney	93.500
Wilcoxon W	213.500
Z	-.820
Significância Assint. (Bilateral)	.412
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.436 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

(E.) Teste Mann-Whitney sobre SN na condição CD entre o grupo avançado e o de controle

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoCD_ SN
U de Mann-Whitney	99.500
Wilcoxon W	219.500
Z	-.548
Significância Assint. (Bilateral)	.583
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.595 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

(E.) Teste sobre objeto nulo na condição CD entre o grupo elementar e o intermédio

(D.) Teste sobre SN na condição CD entre o grupo elementar e o intermédio

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoCD_n ulo
U de Mann-Whitney	53.000
Wilcoxon W	173.000
Z	-2.505
Significância Assint. (Bilateral)	.012
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.013 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoCD_ SN
U de Mann-Whitney	59.500
Wilcoxon W	179.500
Z	-2.235
Significância Assint. (Bilateral)	.025
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.026 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

(E.) Teste sobre pronome clítico na condição CD entre o grupo intermédio e o avançado

Estatísticas de teste^a

	CondiçãoCD_ clítico
U de Mann-Whitney	79.000
Wilcoxon W	199.000
Z	-1.611
Significância Assint. (Bilateral)	.107
Sig exata [2*(Sig. de unilateral)]	.174 ^b

a. Variável de Agrupamento: grupo

b. Não corrigido para empates.

Teste Wilcoxon por grupo sobre comparação entre SN e objeto nulo, entre SN e clítico e entre clítico e objeto nulo sob a condição CD

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoCD_n ulo - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_n ulo
Z	-2.253 ^c	-2.825 ^d	-3.321 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.024	.005	.001

- a. grupo = elementar
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. Com base em postos negativos.
- d. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoCD_n ulo - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_n ulo
Z	-1.057 ^c	-3.123 ^c	-2.100 ^c
Significância Assint. (Bilateral)	.290	.002	.036

- a. grupo = intermédio
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoCD_n ulo - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_n ulo
Z	-2.692 ^c	-.777 ^c	-1.692 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.007	.437	.091

- a. grupo = avançado
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. Com base em postos positivos.
- d. Com base em postos negativos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoCD_n ulo - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_ SN	CondiçãoCD_ clítico - CondiçãoCD_n ulo
Z	-2.437 ^c	-.063 ^c	-2.454 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.015	.949	.014

- a. grupo = controlo
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

- c. Com base em postos positivos.
- d. Com base em postos negativos.

3.2.4 Testes estatísticos por grupo

Teste Wilcoxon por grupo sobre comparação entre os usos de objeto nulo, clíticos e SN nas diferentes condições gerais

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_ nulo - CondiçãoA_ nulo	CondiçãoB_ clítico - CondiçãoA_ clítico	CondiçãoB_ _SN - CondiçãoA_ _SN	CondiçãoCD_ _nulo - CondiçãoB_ nulo	Condição CD_ clítico - Condição B_ clítico	Condição CD_ SN - Condição B_ SN
Z	-.776 ^c	.000 ^d	-1.328 ^e	-1.390 ^e	.000 ^d	-.987 ^e
Significância Assint. (Bilateral)	.438	1.000	.184	.165	1.000	.324

- a. grupo = elementar
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. Com base em postos negativos.
- d. A soma de postos negativos é igual à soma de postos positivos.
- e. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoB_ nulo - CondiçãoA_ nulo	CondiçãoB_ clítico - CondiçãoA_ clítico	CondiçãoB_ SN - CondiçãoA_ SN	CondiçãoCD_ _nulo - CondiçãoB_ nulo	CondiçãoCD_ _clítico - CondiçãoB_ clítico	Condição CD_ SN - Condição B_ SN
Z	.000 ^c	-1.841 ^d	-1.529 ^e	-.647 ^d	-.378 ^d	-.551 ^e
Significância Assint. (Bilateral)	1.000	.066	.126	.518	.705	.582

- a. grupo = avançado
- b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
- c. A soma de postos negativos é igual à soma de postos positivos.
- d. Com base em postos negativos.

e. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}						
	CondiçãoB_ nulo - CondiçãoA_ nulo	CondiçãoB _ clítico - CondiçãoA _ clítico	CondiçãoB _ SN - CondiçãoA _ SN	CondiçãoCD _nulo - CondiçãoB_ nulo	CondiçãoC D_ clítico - CondiçãoB _ clítico	CondiçãoCD _ SN - CondiçãoB_ SN
Z	-1.265 ^c	-2.615 ^d	-2.237 ^c	-1.754 ^d	-.647 ^d	-1.914 ^c
Significância Assint. (Bilateral)	.206	.009	.025	.079	.518	.056

a. grupo = controle

b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

c. Com base em postos positivos.

d. Com base em postos negativos.

(E.) Teste Friedman sobre distribuição das respostas na condição B para o grupo de controle
(D.) Teste Friedman sobre distribuição das respostas na condição CD para o grupo de controle

Estatísticas de teste^{a,b}	
N	15
Qui-quadrado	11.444
gl	2
Significância Assint.	.003

a. grupo = controle

b. Teste Friedman

Estatísticas de teste^{a,b}	
N	15
Qui-quadrado	5.404
gl	2
Significância Assint.	.067

a. grupo = controle

b. Teste Friedman

(E.) Teste Friedman sobre distribuição das respostas na condição B para o grupo avançado
(D.) Teste Friedman sobre distribuição das respostas na condição CD para o grupo avançado

Estatísticas de teste^{a,b}

N	15
Qui-quadrado	4.531
gl	2
Significância Assint.	.104

- a. grupo = avançado
b. Teste Friedman

Estatísticas de teste^{a,b}

N	15
Qui-quadrado	5.429
gl	2
Significância Assint.	.066

- a. grupo = avançado
b. Teste Friedman

Teste Wilcoxon por grupo sobre a comparação entre o uso do objeto nulo, clíticos e SN nas condições C e D

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoD_nulo - CondiçãoC_nulo	CondiçãoD_clítico - CondiçãoC_clítico	CondiçãoD_SN - CondiçãoC_SN
Z	-1.930 ^c	.000 ^d	-1.611 ^e
Significância Assint. (Bilateral)	.054	1.000	.107

- a. grupo = elementar
b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
c. Com base em postos positivos.
d. A soma de postos negativos é igual à soma de postos positivos.
e. Com base em postos negativos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoD_nulo - CondiçãoC_nulo	CondiçãoD_clítico - CondiçãoC_clítico	CondiçãoD_SN - CondiçãoC_SN
Z	-.638 ^c	.000 ^d	-.324 ^e
Significância Assint. (Bilateral)	.524	1.000	.746

- a. grupo = intermédio
b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon
c. Com base em postos positivos.
d. A soma de postos negativos é igual à soma de postos positivos.
e. Com base em postos negativos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoD_nulo -	CondiçãoD_clítico -	CondiçãoD_SN
	CondiçãoC_nulo	CondiçãoC_clítico	- CondiçãoC_SN
Z	-.541 ^c	-.557 ^c	-.711 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.589	.577	.477

a. grupo = avançado

b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

c. Com base em postos negativos.

d. Com base em postos positivos.

Estatísticas de teste^{a,b}

	CondiçãoD_nulo -	CondiçãoD_clítico -	CondiçãoD_SN
	CondiçãoC_nulo	CondiçãoC_clítico	- CondiçãoC_SN
Z	-.333 ^c	-1.035 ^c	-1.734 ^d
Significância Assint. (Bilateral)	.739	.301	.083

a. grupo = controlo

b. Teste de Postos Assinados por Wilcoxon

c. Com base em postos positivos.

d. Com base em postos negativos.